

FICHA TÉCNICA

TÍTULO:

A História Natural de Portugal de Leonhard Thurneysser zum Thurn ca. 1555-1556 e 1562

Tradução Portuguesa

AUTOR:

Bernardo Jerosch Herold

EDITOR:

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

ISBN

978-972-623-403-6

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2023

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

Introdução

Tem-se considerado no passado que a história da descrição científica da natureza de Portugal se tinha iniciado em 1788 com a publicação duma flora de Portugal por Domingos Vandelli (1735-1816).¹ No entanto, os historiadores desconheciam até há pouco tempo uma fonte do século XVI sobre a flora e a fauna de Portugal existente na Biblioteca de Estado de Berlim.² Nos depósitos dessa biblioteca, existe um manuscrito (Fig.1) atribuído a Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531-1596) (Fig. 2) designado por “História Natural de Portugal”, datado de ca. 1555-1556 e 1562. A sua existência foi assinalada em 2016³ e 2017⁴. O segundo destes relatos foi republicado em 2019 e acrescentado com a transcrição do manuscrito original em neo-alto-alemão pré-moderno,⁵ que pode ser descarregado gratuitamente da Biblioteca Digital da Academia das Ciências de Lisboa.

Na presente publicação apresenta-se a sua tradução portuguesa.

¹ Domenico Vandelli, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen Et epistolæ ab eruditissimis viris Carolo A Linné, Antonio de Haen, ad Dominicum Vandelli scriptæ* (em latim), Coimbra: 1788.

² Ms. Germ. Fol. 97.

³ Thomas Horst, A Rediscovered Manuscript about Portuguese Plants and Animals: Preliminary Observations, em Marília dos Santos Lopes e Henrique Leitão H. (coords.), *Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars. Circulation of Knowledge between Portugal and Germany*, Frankfurt/Main: 2016, 133-174.

⁴ Bernardo Herold, Thomas Horst e Henrique Leitão, A “História Natural de Portugal” de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. 2017, 19, 305-334.

⁵ Bernardo Herold, Thomas Horst e Henrique Leitão, A “História Natural de Portugal” de Leonhard Thurneysser zum Thurn, ca. 1555-1556, Academia das Ciências de Lisboa: 2019, tendo como anexo a transcrição das partes relativas a Portugal do manuscrito atribuído a Leonhard Thurneysser zum Thurn Ms. Germ. Fol. 97 da *Staatsbibliothek zu Berlin*.

http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/2695205_herold,-b,-horst,-t,-leitao,-h---historia-natural-portugal-transcricao-final2019.pdf.



Fig. 1 Aspeto do códice Ms. Germ. 97 da Biblioteca de Estado de Berlim com desenhos da mão do próprio Thurneysser de plantas observadas noutra das suas viagens.

Durante a tradução tiveram de se enfrentar vários problemas, alguns dos quais relacionados com a própria natureza do original. Este não é um autógrafo de Thurneysser, mas uma cópia elaborada por um dos seus numerosos empregados, que às vezes cometia erros e noutros casos parece não ter conseguido decifrar bem a letra do original. A isso se acrescentam deficiências que manifestamente resultaram da negligência, confusão e informação incompleta do próprio Thurneysser. O texto por isso tem certas passagens que são difíceis de interpretar. O facto de o autor também ter sido adepto de certas doutrinas ocultistas, muito comuns na época do renascimento, suscitam por vezes dúvidas sobre se certas faltas de clareza foram acidentais ou intencionais.



Fig. 2 Retrato de Leonhard Thurneysser zum Thurn no seu herbário datado de 1578⁶

Às vezes o contexto e algum bom senso permitem adivinhar o que o autor queria dizer e traduzi-lo em linguagem clara. Noutras passagens fica-se na dúvida, o que não deixa outra alternativa senão uma tradução literal, para evitar o risco dum afastamento demasiado grande do original. O resultado final da tradução é um texto com numerosas passagens difíceis de perceber. Por isso tem de se pedir um certo grau de indulgência ao leitor.

O manuscrito original está escrito numa letra cursiva usada pelos estudiosos alemães de século XVI (Gelehrtenhandschrift). Certas palavras estão evidenciadas através duma letra não-cursiva em ponto ligeiramente maior, ou por maiúsculas (Fig. 3), que, tanto na transcrição, como na presente tradução, foram representadas por caracteres itálicos também em ponto maior. Trata-se na maior parte dos casos de palavras latinas ou

⁶ Leonhard Thurneysser zum Thurn, *Historia unnd Beschreibungen influentischer, elementischer und natürlicher Wirkungen aller heimischen und fremden Erdgewächssen* Berlin: 1578.

portuguesas, que se preferiu não traduzir. Quando a sua interpretação pode ser considerada difícil, o seu significado é explicado através de notas de rodapé, a não ser que este se deprenda das traduções de sinónimos acrescentados pelo próprio autor. As

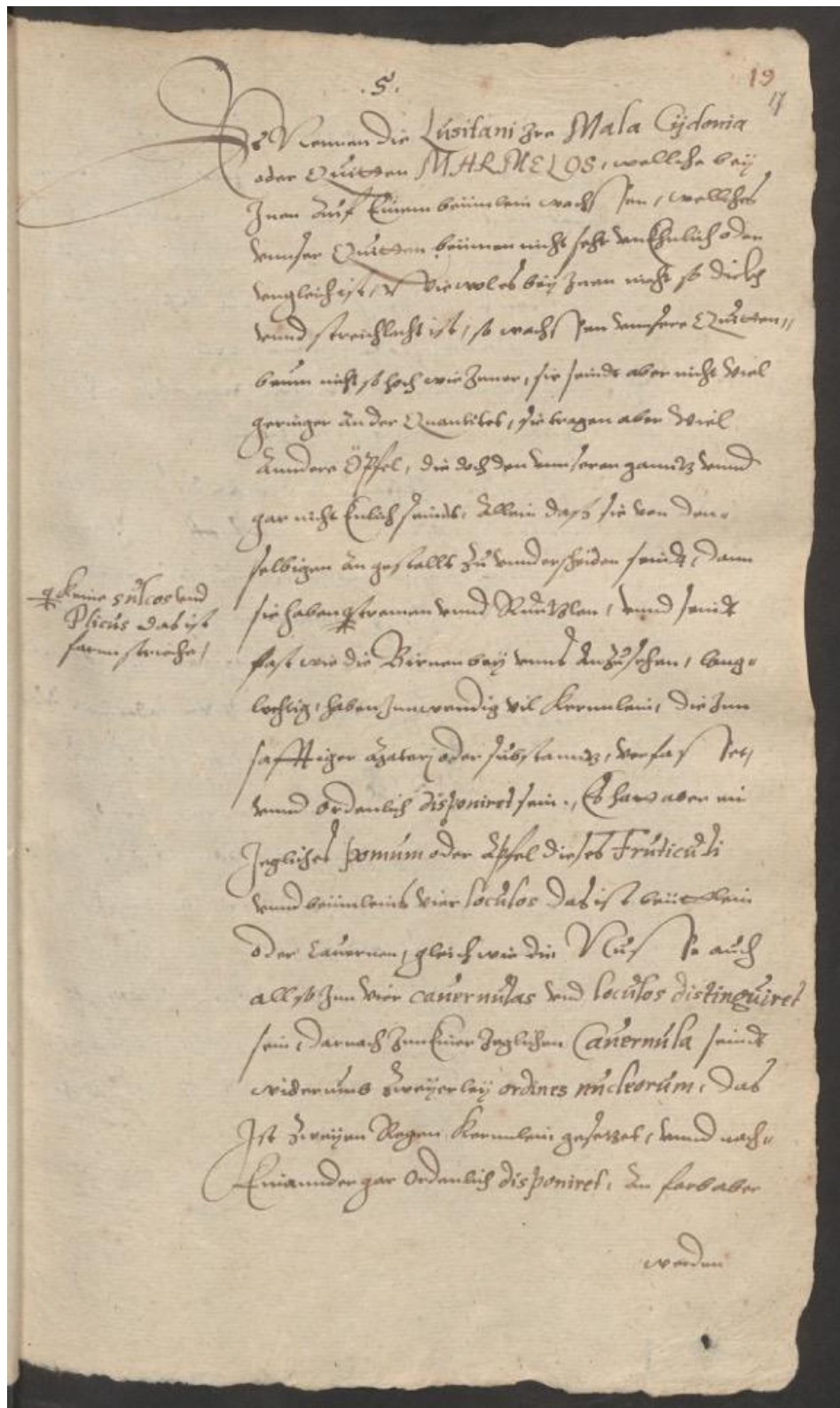


Fig. 3 Página do texto sobre as plantas de Portugal relativa aos marmelos com nota na margem na mão de Thurneysser.

palavras latinas são muitas vezes nomes antigos de espécies botânicas ou zoológicas usados antes da introdução da nomenclatura de Lineu. As palavras portuguesas devem ter resultado de recolhas frequentemente orais de interlocutores portugueses que, tanto podem ter sido boticários ou médicos, como camponeses, pescadores ou outros frequentadores dos mercados de Lisboa. Do desconhecimento pelo autor da língua portuguesa escrita resultaram grafias muito estranhas e difíceis de interpretar, sobretudo quando agravadas pela fraca legibilidade do original.

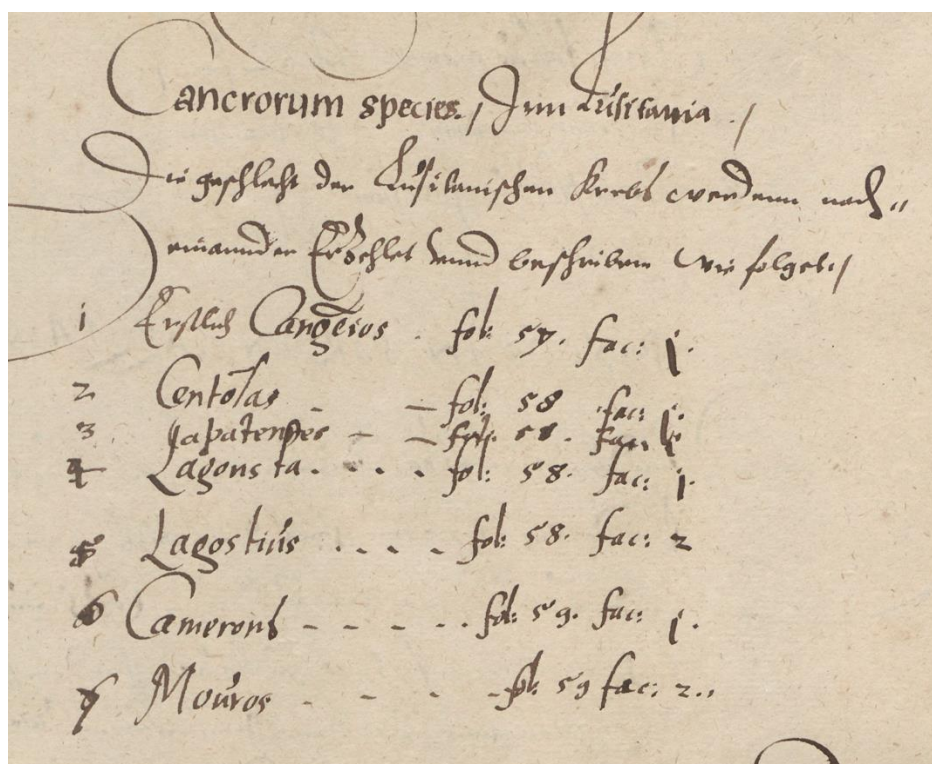


Fig. 4 Excerto da página relativa aos caranguejos.

No recorte representado na Fig. 4 é, por exemplo, fácil traduzir ou identificar “Cancrorum species” como espécies de caranguejos, “Cangeos” também como caranguejos, “Centolas” como santolas, “Lagonsta” como lagosta, “Lagostins” sem nenhum problema e “Cameronb” como camarões, mas foi um desafio conseguir identificar “Capatenrer” como sapateiras. Com efeito é preciso já ter verificado nessa altura que o autor muitas vezes usava a letra c para representar um s inicial a preceder a vogal a, o ou u numa palavra portuguesa. Além disso, possivelmente, o copista escreveu n em lugar de i porque não teria conseguido decifrar bem aquela letra no original duma palavra que não lhe dizia nada. O uso da terminação “er” pode ter resultado do autor ter querido formar um plural duma palavra portuguesa como se se tratasse duma palavra alemã. Apenas não se conseguiu de todo identificar “Mouros” como alguma espécie de caranguejos.

Publicações recentes relacionadas com o manuscrito

A partir do alerta de 2016 sobre a existência do manuscrito, publicaram-se alguns estudos baseados em vários capítulos.

O capítulo sobre os africanos que Thurneysser observou durante a sua estada em Lisboa foi selecionado para uma análise detalhada em 2017 e 2018 devido ao atual interesse acerca das maneiras como os europeus reagiram nos seus primeiros contatos com imigrantes africanos.¹

O contato com investigadores da história cultural da ictiologia num encontro da Universidade de Leiden deu origem a um convite a colaborar num livro com um capítulo sobre os animais marinhos das águas portuguesas observados por Thurneysser.²

A inclusão nos apontamentos recolhidos por Thurneysser em Lisboa duma descrição das cruéis praxes iniciáticas dos aprendizes da feitoria hanseática de Bergen na Noruega estimulou uma reflexão sobre como é que este relato poderia ter chegado à casa de Damião de Góis onde Thurneysser estava hospedado e sobre o eventual papel da rede internacional de mercadores da Hansa na circulação desse relato e na própria viagem de Thurneysser a Lisboa. Espera-se que a publicação numa revista especializada na história da Liga Hanseática³ atinja um público específico de leitores.

O papel de Thurneysser dentro do grupo de convivas estrangeiros que frequentavam a casa de Damião de Góis por volta de 1555 foi realçado recentemente num estudo biográfico comparativo entre Luís de Camões e Damião de Góis.⁴

Dentro das muitas espécies botânicas descritas por Thurneysser selecionaram-se duas que se caracterizam por produzirem corantes vermelhos muito valiosos e raros. Uma delas é o carrasco e a outra o dragoeiro. Submeteu-se e está em vias de publicação um artigo numa revista especializada na historiografia da História Natural.⁵

Agradecimentos

O autor agradece a Maria Salomé Pais, Fernando Mangas Catarino da Universidade de Lisboa e João Paulo Sousa Cabral da Universidade do Porto o esclarecimento de muitas dúvidas que lhe surgiram durante a elaboração da tradução.

¹ Bernardo Jerosch Herold, The Diary of the Swiss Leonhard Thurneysser and Black Africans in Renaissance Lisbon, *Renaissance Studies*, 2017, 32(3), 463-488.

² Bernardo Jerosch Herold e João Paulo Sousa Cabral, 2022 Aquatilia of Portugal in 1555–1556 according to Leonhardt Thurneysser zum Thurn, in Paul Smith e Florike Egmond (coords.), *Towards a Cultural History of Early Modern Ichthyology (1500-1800)*. Leiden, no prelo.

³ Bernardo Jerosch Herold, Eine seit langem vergessene Beschreibung der berüchtigten Bergener „Spiele“ in einer Handschrift des 16. Jahrhunderts, *Hansische Geschichtsblätter – Hanseatic History Review*, 2022, 140, 159-177.

⁴ Edward Wilson-Lee, *A History of Water*, London: 2022.

⁵ Bernardo Herold e João Paulo Sousa Cabral, Observations on Portuguese natural history by Leonhard Thurneysser zum Thurn (1531-1596), including the dyes derived from Kermes vermilio and *Dracaena draco*, *Archives of Natural History*, 2023, 50/1, 133-148.

[fol. 1 r: Folha de rosto]

ms. germ. fol. 97.

**Registo e descrição de variadas
ervas, arbustos e frutos que
se encontram sobretudo na Lusitânia
mas que na nossa terra só raramente ou poucas vezes
foram vistas.**

Iniciado em Lisboa. *Anno CHRISTI*
1555 e 1556.

Na casa do nobre senhor e cavaleiro
lusitano senhor Damião de Góis.

No tempo do solestício
Æstivi.

Leo[nhard] THURNEISSER
zum Thurn

As viagens e deambulações de uma pessoa
sábia, profunda e hábil são superiores
a quase todos os *Academiarum*
studiis ou diligência na
Philosophia.

[fol. 1 v: vacat; carimbo: „*Ex Bibliotheca Regia Berlinonensi*“]

[fol. 2 r (011): [Index A-T]

	Folia			Folia	
A.			N.		
Agjris	4	[2]	Narcissus albus minor	27	[25]
Anthirrhinon Hijacinthinum	41	[39]	Narcisi species	30	[28]
			Narcissus Ferrugineus	97	[95]
B.			Narcissus Ferrugineus alter	101	[99]
Bannaha	29	[27]	O.		
Brionia Lusitanorum	29	[27]	Origani Hispanici	30	[28]
Bringella	30	[28]	Orches Lusitanicae	59	[57]
C.			Orches species	63	[61]
Cucumeris Asinini	29	[27]	Orches species	65	[63]
Coccini Hispanici Historia	45	[43]	Orches species	67	[65]
Centaurium minus album	35	[33]	Orches species	69	[67]
			Orches species	71	[69]
D.			Orchis coerulea	73	[71]
Drabae descriptio	29	[27]	Orches species	75	[73]
Daruera	35	[33]	Orchis Alba	77	[75]
E. vacat			P.		
F.			Perfoliata montana	31	[29]
Flos cucumeris Asinini	29	[27]	Pantecocu	37	[35]
Flores Hiosciami	29	[27]	PHV Bulborum montanum	103	[101]
Folium albi Hiosciami	29	[27]	Prosens vel ungues marini aut		
Folia salgadeirae	29	[27]	Pes de Capra	108	[106]
Flos iari medij	81	[79]	Q. vacat		
Flos Narcissi	83	[81]	R.		
Flosira	87	[85]	Raponticum	29	[27]
G.			S.		
Gladiolus	13	[11]	Splitt	4	[2]
H. vacat			Species serpentariae	24	[22]
I.			Serpentina Lusitanica	29	[27]
Inhamae	29	[27]	Species scabiosae	39	[37]
K. vacat			Species savinae	43	[41]
L.			Syderitis Montana minor	55	[53]
Lamerina	93	[91]	Sanguis orba Rotunda	57	[55]
M.			Silphium vel Laser Lusitanicum	95	[93]
Medeclijtis aut Mooronho	15	[13]	T.		
Malmakeijs		6 [4]	Titymallus minima	17	[15]
Malacydonia aut Marmelos	19	[17]			
Marguaca	89	[87]			
Melilotus pungens	105	[103]			

[fol. 2 v (012): Index V-Z]

V.

Verus Tamariscus 21 [19]

W.

Weyden species 33 [31]

X.

Xiphyon montanum 91 [89]

Y.

vacant.

Z.

[fols. 3 r-4 r: vacant]

[1.^a Parte da História Natural de Portugal]

[fol. 4v-109v]

[fol. 4 v: *Agrysis e Split*]

*Agrysis*¹ é uma ervinha no Egito, que, tal como *Diodorus*² descreve, é comida pelos egípcios e usada quando se querem prevenir contra o calor excessivo.

*SPLIT*³, a ervinha, a que os *Venetiani* chamam *Herbam sclavermam*⁴ e é usada contra a *Potagra* ou gota, e contra a *Hydrope* ou hidropisia⁵.

[fol. 5r-11r]

• I •

***MALMAKEIIS*⁶ é para os hispanos**

um género das *Cotulæ*,

ou uma espécie do *Achemidos*⁷

No que diz respeito à *plantæ generalem descriptionem*, é um *fruticulus* ou arbustozinho com a altura de meio côvado e às vezes até três quartos de um côvado⁸, que tem uma cor acinzentada; tem um cheiro primeiramente parecido com o do funcho⁹, mas que depois passa a cheirar mal, sobretudo quando floresce e quanto mais se esfregar. É grande no primeiro grau e cresce não muito espessamente, mas quase como o *Chamecyparissus*¹⁰ numa roda e um pouco alongado. E cresce anualmente de novo a partir do pé. Nos dias de canícula, normalmente morre e estraga-se por causa do calor excessivo. Durante o ano, dá florzinhas em alturas irregulares. Nos seus raminhos encontram-

¹ Significado desconhecido.

² *Diodorus Siculus*, historiador do primeiro século antes de Cristo, nasc. em *Agyrium* (Agira) na Sicília.

³ Significado obscuro.

⁴ Erva-escrava? "*Sclavermam*" provavelmente derivado do latim medieval *sclavus*, que significa escravo.

⁵ Afirmação que não foi possível confirmar ou interpretar. Neste parágrafo o autor manifestamente não descreveu espécimes que tenha podido observar. Pode tratar-se apenas dum apontamento de algo que lhe foi transmitido oralmente e que podia estar errado ou não ou que estando certa, reproduziu duma maneira errada.

⁶ A designação "Malmakeiis" aponta para uma recolha oral do termo "malmequer" ou "malmequeres" no plural. O autor, como obviamente nunca tinha visto escrita a palavra "malmequer", e tendo ouvido algo que lhe soou como "malmaquéus", teria representado aquilo que lhe pareceu ouvir recorrendo a uma espécie de escrita fonética "à alemã" com um sufixo latino como "Malmakeius". O plural do sufixo latino "-eius" é "eiis". Foi assim que teria talvez construído a palavra "Malmakeiis". A descrição da planta feita pelo autor não permite a sua identificação segura e o facto de alguém com que o autor se tenha relacionado a ter designado por malmequer não permite concluir que o espécime descrito tenha sido um malmequer.

⁷ Significado desconhecido.

⁸ 20 a 40 cm.

⁹ "Fenchel" no original alemão.

¹⁰ Presumivelmente *Santolina chamaecyparissus* da família *Asteraceae*, de nome comum abrotano-fêmea.

se quase sempre sementes dentro dos seus *folliculis* ou folhelhos¹¹, ao mesmo tempo em que também dá as florzinhas.

Mas cresce vulgarmente nos cemitérios ou adros das igrejas e naqueles sítios em que se encontram construções desmoronadas, em ruínas e destelhadas, que não podem ser habitadas e em solo seco e arenoso. Destes mesmos crescem muitos em Lisboa na *Lusitania*; e crescem bem direitos e em altura.

No que diz respeito à *particularem descriptionem*:

Em primeiro lugar a *Radix* ou raiz é apenas simples, com cerca de dois, três ou quatro dedos¹² de comprimento; é esbranquiçada por dentro e por fora; e é mais um arbustozinho do que uma erva, enquanto a raiz é muito dura e quase como madeira; com a exceção da pele, pela qual está envolvida, [a raiz] consiste de uma substância muito espessa¹³, tendo um e às vezes dois dedos de espessura. É um arbusto, um pouco arredondado, mas ao travesso enfolado e desigual; e fica assim até se estragar. De vez em quando fica um pouco saído da terra, como se fosse uma cenoura, um pouco curvada e arqueada.

As *Fibræ radices*, isto são os filamentozinhos das raízes, têm quase meio dedo de comprimento e os mesmos são bastante numerosos e bem grossos. embora não muito agrupados, e que, por sua vez, se dividem noutros *Cijrros*, isto são fibrazinhas pequenas, subtis e encaracoladas. No entanto ambas são brancas, lenhosas, resinosas e densas, e podem ser esfareladas. Também estão envolvidas com alguma podridão ou bolor. As mais pequenas são redondas e nascem do meio da mesma raiz até ao fundo ou à ponta, tornando-se cada vez mais pequenas e crespas.

Mas a mesma *Radix* ou raiz não tem pequenos *genicula* ou nódulos, por que só mais em cima, entre [o sítio] onde começa a raiz e [o sítio] onde começam os rebentos, que mal se conseguem ver ou sentir, se encontram cerca de oito a nove *genicula* ou nódulos, e que também estão agarrados ou situados no *caulæ* ou haste destas *Plantæ* ou *suffruticis*, na parte que sai da terra, entre a raiz propriamente dita e os rebentos, bastante afastados entre si. Mas a raiz propriamente dita não tem *genicula* ou *Internodia*, isto é, nódulos.

O *Cortex*, isto é a casca deste arbustozinho é bastante grosso, singelo e verde ou avermelhado, por dentro fôfo, húmido e succulento, sobretudo na cabeça ou raiz, sendo fácil esfarelá-lo devido à sua humidade. Em cima é grosso, mas mais em baixo é mais delgado, mas mais duro e áspero.

A *Caro* e o *Cortex*, isto é, carne e casca da mesma [raiz] são iguais.

A *MEDULLA*, isto é o miolo deste arbustozinho e da sua raiz é bastante grosso e é de lenho todo áspero, duro, branco, tenaz e grosso.

As *folia* ou folhas deste arbustozinho são iguais às do *Tanacetum* ou atánasia¹⁴, mas ainda um pouco mais recortadas ou entalhadas, como as da nossa *species* das *Cotulæ foetidæ*¹⁵, que nas macelas fedegosas têm folhas idênticas e cujas florzinhas são muito parecidas com as da camomila. No entanto,

¹¹ “Hülselein” no original alemão.

¹² Cerca de 4, 6 ou 8 cm.

¹³ A expressão “uma substância muito espessa” (tradução literal) deve ser interpretada como “um corpo cilíndrico muito grosso”.

¹⁴ “Reinfahren” no original alemão. O nome comum alemão “Rainfarn” figura pela primeira vez num documento oficial datado do império de Carlos Magno (século IX). “Atánasia” parece assim ser a tradução mais adequada do nome comum do *Tanacetum vulgare*.

¹⁵ Presume-se que o autor se quis referir à *Anthemis cotula* que é uma espécie de planta com flor pertencente à família *Asteraceae*. Os seus nomes comuns atuais são erva-mijona, fedegosa, funcho-de-burro, macela-fedegosa, macela-fétida ou margaça.

tem muitas folhinhas que são muito pequenas, de modo que raras vezes são mais compridas que a falanginha do mindinho duma mão¹⁶. As mesmas são bem verdes e acinzentadas. O paladar das mesmas é um pouco adocicado; e assim também têm um cheiro doce e quente no primeiro grau; e secas um pouco endurecidas, mas não muito grossas e densas, ou carnudas; também são lisas e planas, mas não completamente; um pouco alongadas, nas bordas entalhadas como uma serra. Rebentam e crescem dos raminhos e dos arbustozinhos, cada uma por si e não juntas e bastante poucas no mesmo ramo; e assim crescem bem direitas para cima e vergam-se um pouco acima para fora na beira.

Estas folhinhas não têm nenhuma *Vaginas*, isto é, pelezinhas, das quais rebentam, porque cada folhinha germina por si só; assim também não têm *Calculos* próprios, por rebentarem diretamente dos pezinhos. Do mesmo modo só têm pouca carne ou substância.

Também cada folhinha tem uma única nervura ou *Nervulum* que, em todos os seus *scissuris* se dividem singelamente; e na parte da frente da folha tem um aspeto mais liso ou simples, mas mais atrás se vê e se sente mais saída. Assim, cada raiz só dá um único *caulem*, isto é, troncozinho ou arbustozinho, que por vezes tem a altura de meio côvado e por vezes de um côvado inteiro e a grossura de um dedo. O mesmo troncozinho ou arbustozinho é verde, mas, na parte mais baixa, um pouco esbranquiçado duro e de natureza lenhosa, encolhida e pétrea. Também é, quando se ergue para cima, um pouco liso e redondo, mas tem um aspeto como se fosse quadrado. Também cresce em comum bem para cima, mas, às vezes, está um pouco dobrado, *incurniret*, ou curvado para dentro.

Finalmente cresce acima da terra tal qual um *Frutex*, isto é, com um aspeto muito mais de um troncozinho do que uma *Planta* ou ervinha. Também o *Caulis* desta ervinha não tem nenhuns *Genicula* ou nódulos e nós.

A *Cutis* ou pele do mesmo não é muito lisa e delgada; a carne do mesmo não é muita, mas lenhosa; o que há mais é o miolo, porque tem uma bastante grande *Medullam* ou miolo, que é todo branco de neve, mole, delgado e quase esponjoso.

O mesmo *caulis* tem, no entanto, bastantes *Nervos*, isto é, veiozinhos, que também são brancos e pequenos e colocados bastante juntos, mas que de fora mal se conseguem sentir ou ver, devido a serem minúsculos e apontados para cima.

Este vegetal também tem bastantes *Ramos* ou raminhos, que *disponiret* ou *ordiniret* com o aspecto de um *suffructicis*, tendo cada um o comprimento de um palmo. Têm bastante poucos, mas raramente dois ou três *stotores*¹⁷, isto são estolhos ou rebentos laterais. Assim, os mesmos raminhos não tem *Genicula* ou *Internodia*, isto é nódulos ou nós.

No que diz respeito às suas *FLORES*, isto é, florzinhas, cada uma está no seu pezinho ou ramificação própria. Em especial, de feitio completamente idêntico, ordenada e disposta tal como no *Chamecijparissus*, mas bastante mais das mesmas, conforme o tamanho do *Fruticulus*, por vezes às trinta. por vezes chamadas camomila ou *Matricaria*.

As mesmas florzinhas nascem com um *Oculo* plano. isto é botão largo, circundado, *coloriret* e ornado com *Radij*, ora brancos, ora amarelos, no sítio onde os *Radij* tocam no *Oculum*.

O suco das florzinhas é um pouco acre e amargo, tal como o cheiro das suas folhinhas é um pouco picante, e quase quente noutra grau. Crescem e florescem durante todo o verão. mas, nos dias *Canicularibus* ou de canícula, estragam-se vulgarmente, juntamente com todo o seu *frutice*, por

¹⁶ Cerca de 2 cm.

¹⁷ Devia ter escrito *Stolones*.

causa (tal como já se assinalou antes na *generalis descriptione*) do grande calor, até ao pé ou arbustozinho mais baixo.

As *Involucra* das florzinhas são películas, *membranæ* e escaminhas quase impercetíveis e transparentes, tal como também o *Calijx* ou o casulo das flores é escamoso.

Os mesmos *Involucra Storis*¹⁸ ou películas das flores estendem-se, juntamente com as suas escaminhas, até ao *Fastigio*, ou até ao cimo das mesmas e todas suas incluídas.

Os *stipites cauliculi*, ou hastezinhas das *Florum* ou florzinhas deste vegetal sobressaiem três ou quatro dedos de comprimento da parte mais exterior, mais acima e mais alta das folhas do mesmo; sendo os mesmos pezinhos muito pequenos na sua origem. Mas quanto mais próximos estiverem da flor tanto mais grossos e angulosos se tornam, de forma a terem muitas vezes oito ou nove *latera* ou *sulcos* ou pregas.

Os *Calijces* ou películas das *Florum* são *squamos*, isto é, escamas, mas têm (tal como já foi brevemente referido) duas espécies de escamas. Primeiramente umas esverdeadas e depois também películas, tendo das esverdeadas até XVI.

Os mesmos *Calices* também são mesmo verdes na base, mas mais acima amarelados; na base [são] duros e grossos e na largura divididos.

A *flos* ou flor destes arbustozinhos também não tem *Notha folia*, isto é, folhas inúteis ou estranhas, a não ser que se queira considerar como tais as *squamile* ou escamazinhas dos *Calicum*, que são em regra XVI em número.

As folhinhas destas flores (que são apelidadas pelos *scribenten Radij* ou *Palpebræ oculorum*) são doze bastante grandes e têm duas espécies de cores, porque mais na base, onde estão ligados ao *oculo*, têm a mesma cor que o *oculo*, nomeadamente amarelas.

Mas na parte mais de fora são brancas; também não são inteiramente lisas e também não são inteiramente ásperas, mas alongadas divididas ou distinguidas por duas ou três *Lineis* ou estrias. Mais em baixo têm um pequeno *pediculum* ou hastezinha, que ainda assim é bastante comprida. Mais acima estão entalhadas em quatro sítios e aparecem um pouco encurvadas. Mas ao lado do *Calice* ou casulo ficam a parecer murchas, secas, encolhidas e descaídas.

O *Oculos* isto é o botão do centro destas flores é todo amarelo, bastante grande, tal como toda a flor. Tanto os tamanhos como a *Quantitet* destas florzinhas, bem como a dos arbustos são muito desiguais entre si, sendo muitas vezes um deles duas vezes maior que o outro.

Mas este botãozinho central composto de muitos *Cijrinis*, isto é, colmozinhos que, primeiro nascem e abrem um a seguir ao outro do lado mais exterior ao lado dos *Radijs* ou *Palpebus*, isto é, das mais exteriores e maiores folhinhas destas flores, até que caiam quando a flor seca.

Por isso é que se vêem no *oculo* destas flores muitas pequenas *flosculi* ou florzinhas, tal como é habitual nestas florzinhas. Mas estes *flosculi* são idênticos e parecidos com os *Cijtinis* quando abertos, com cinco ou seis *scissuren* no meio ou à volta deles. Mas estão colocados em *filamentis* ou *staminibus* muito pequenos, isto é, hastezinhas, e não são vistas para além das *Radicis* ou *palpebras*, isto é as folhinhas maiores e mais exteriores das flores.

¹⁸ Terá querido escrever *Floris*?

O *SEMEN* desta ervazinha também tem *Involucra* ou películas especiais, mas assentam as mesmas sementes na sua *Rasura*, isto é entalho do *calicis*, tal como noutras flores desta espécie ou deste género, isto é na base das flores, nas suas hastes; muitas mas pequenas e um pouco avermelhadas.

O seu cheiro é quase parecido com o das *cotulæ* ou margação, embora quase um pouco mais mimoso ou doce, quente no terceiro grau. Também tem um sabor um pouco amargo, é dura, leve e um pouco áspera, mas também é um pouco alongada e redonda, mas mais larga e comprida que redonda. Em cima e em baixo cada graínha tem um pontinho branco, nomeadamente onde toca na parte superior ou inferior das *flosculi*. Não amadurecem todas ao mesmo tempo. Mas começam a amadurecer, enquanto ainda têm as suas flores a crescer, e sobretudo em [nas festas de] *S. Johannis*¹⁹.

O mais precioso neste *Fruticuli* ou arbustozinho, é o seu *FLOS* ou a flor.

¹⁹ São João.

• 2 •

GLADIOLVS

O *Gladiolus*²⁰ ou espadana é muito diferente do nosso²¹, tanto na forma como na aparência, porque tem uma flor toda azul e triangular, tal como os lírios, cada uma na sua haste ou *caule*. Quanto à sua muito fina *FLOREM* ou flor, esta tem nove folhas²², porque nas mesmas, por cima das três folhas grandes há mais três outras, mas muito mais pequenas [que] se encontram deitadas junto ao pescoço, que primeiro são um pouco brancas e depois amareladas e finalmente amarelas de açafão. Também [tem] três folhas levantadas por dentro, sendo as que estão mais ao meio, amarelas de açafão, avermelhadas e sarapintadas com nódulos, e também as venenosas de baixo. Estas espadanas cobrem e revestem campos inteiros e colinas arenosas; e crescem até a três quartos de um côvado de altura; e o campo fica parecido com um pano azul. Em Março florescem vulgarmente e em grande quantidade.

Mas quanto à sua *RADICEM* ou raiz, a mesma é redonda e fica bastante enterrada, tal como nos nossos *Gladioli*.

Esta raiz, na altura da florescência, fica em cima toda completa e mais profundamente enterrada e apertadamente comprimida, com o aspeto duma pele ressecada; o seu gosto é adocicado, subtil e finalmente um pouco azedo, e tão subtil que prontamente fere a língua.

O *caulis* ou haste deste *gladioli* fornece o *Nutrimendum* ou alimento do baixo da raiz para si e gera em si próprio um outro *Fætum* ou *caulem*, que no seu interior vai aumentando e crescendo, até torrar à secura a sua mãe, isto é o pé exterior, dentro do qual cresceu, e este cair no chão. Mas deste *cau[l]is* 2 ou 3 *folia* têm uma altura de cerca três quartos dum côvado e a largura de 4 dedos especialmente junto à raiz, cujas folhas em cima crescem e se aguçam em bico. Entre as mesmas brotam depois os *Rami* ou raminhos, dos quais cada um tem o seu *Inuolucrum* ou película.

Mas estas mesmas florzinhas todas de cor azul clara, entre as quais as três mais exteriores, na maior parte [?] no meio junto ao pé se tornam amarelas esbranquiçadas e finalmente brancas com pintinhas pretas.

Mas estas *consti[tu]nirn* [formam] propriamente um triângulo, tal como acontece com os nossos lírios azuis.

• III •

[MEDRONHO]

²⁰ A descrição que se segue parece compatível com a duma planta do género *Iris*, dadas a as cores azul (também pode querer dizer roxo) e amarela da flor de que existem várias espécies endémicas em Portugal.

²¹ *Iris germanica*?

²² Hoje dir-se-ia tépalas.

Os *Lusitanis* chamam *MOORONHO*²³ ao fruto do *Arbuti* ou espinheiro²⁴ (que nos *Latinis* se chama *MEINECYLIS*²⁵) que tem uma forma toda redonda. Mas quanto à sua *Quantitet* ou tamanho, é idêntico e semelhante às cerejas e ameixas. Vistos de longe, parecem *fruga*, isto é morangos, se não fossem demasiado grandes, uma vez que têm uma cor toda igual, nomeadamente pontinhos ou biquinhos saídos, vermelho-amarelados ou vermelhos de sangue. Por dentro são como as laranjas amargas, porque a casca²⁶ é amarela e de uma matéria bastante espessa, tal como nas laranjas. No meio das mesmas há um suco de gosto mimoso e doce, embora viscoso e também amarelo, mas não em *loculis* ou gomos, porque em lugar destes, há nestes frutos umas *Fibræ* ou veiozinhos, que saiem ou têm a sua origem no nozinho ou bolinha do seu *Pediculo* ou raminho. No mesmo soro ou *Humore*, têm várias gráinhas, além do *Cortice* ou casca, tal como nas *Arantien*²⁷. E as mesmas *nucter* não são muito grandes, escuras, alongadas e em baixo bicudas e das mesmas há em cada um bastantes. Assim tem em conformidade a matéria ou substância dos *Corticis* ou cascas, por dentro, muitas gráinhas, bem como várias peras

Este fruto tem um sabor bem doce, mas não cheira, e sabe quase como a *fraga* ou morango. Mas fazem mal à cabeça e ao estômago e deve ser considerado como um género ou família do *syluestrium Arantium*, isto é das *Arantien* bravas, conforme parece pelo aspeto da árvore e do fruto.

²³ Grafia errada de medronho.

²⁴ A tradução portuguesa do nome alemão “Hagedorn” (*Crataegus*) é espinheiro. Ao designar erroneamente o medronheiro por “Hagedorn”, o autor deve ter-se guiado por uma semelhança muito vaga com os frutos duma espécie que conhecia da Alemanha. A descrição não deixa, porém, dúvidas de que se está a referir ao medronheiro (*Arbutus unedo*).

²⁵ Afirmação que não se consegue confirmar.

²⁶ Deve querer referir-se à cor da polpa do fruto.

²⁷ Laranjas.

. 4 .

TITYMALLVS

MINIMA²⁸

A *species* ou género mais pequeno dos *T[i]tjmalli* ou *ESVLÆ*²⁹ é uma ervinha muito diminuta e pequena. Apenas tem uma única hastezinha. Mas a mesma hastezinha é redonda e verde, e não cresce muito alta. Mais abaixo, não longe da raiz, nascem da mesma dois raminhos, a seguir aos quais se eleva, por sua vez, o pé, todo adornado com folhinhas pequeninas e *Disponiret* [dispostas] quase quadrangularmente. Mas as mais elevadas das mesmas quase que não têm o comprimento e a largura dum dedo.

Mas mais ao cimo de tudo, esta ervinha tem três folhas bastante grandes, que, mais abaixo, isto é, junto ao pé são mais largas que em cima, onde também têm a largura dum dedo e estão *disponiret* [dispostas] umas em relação às outras conforme a figura *Trianguli* [dum triângulo]. Das mesmas folhinhas, cada uma tem uma hastezinha de onde nascem duas folhinhas muito pequenas, das quais nascem novamente hastezinhas muito pequenas das quais nascem finalmente florzinhas muito mimosas, tais como violas, cujo tamanho é tão pequeno que quase não conseguem ser vistas, a não ser que alguém as olhe com especial atenção. A sua cor é avermelhada, mas o seu tamanho pode ser comparado ao dum grãozinho de papoila. A *Radix* ou raiz desta ervinha é em baixo arredondada, branca e um pouco amolecida e muito pouco suculenta, a qual suculência quase que tem um gosto a leite³⁰. Floresce habitualmente no *Februario* [Fevereiro].

²⁸ *Titymalus minor* ou *peplus* era o nome latino antigo da ésula redonda, *Euphorbia peplus*, da família das *Euphorbiaceae*.

²⁹ *Esula* ou *Titymalus esula* é o nome latino antigo da *Euphorbia esula*. Várias espécies ou subespécies das eufórbias também têm nomes populares como leiteira, leitarega, erva-maleiteira, morganheira ou titímallo.

³⁰ O autor deve ter querido dizer “aspeto de leite”.

. 5 .

[MARMELOS]

Os *Lusitani* chamam às suas *Mala Cijdonia MARMELOS*; estes crescem numa arvorezinha, que não é muito dessemelhante ou diferente das nossas cidónias, embora a deles não seja tão grossa e lisa. Assim as nossas cidónias não crescem tão alto como as deles. Embora os seus pomos não sejam muito mais pequenos, são diversos, que não são nada parecidos com os nossos, porque têm sulcos e rugas³¹ e parecem-se quase com as nossas peras; [sendo] alongados, têm por dentro muitos carocinhos que estão envolvidos numa matéria ou substância suculenta e *disponiret* [dispostas] ordenadamente. Mas cada *pomum* ou pomo deste *fruticuli* e arvorezinha tem quatro [cinco?] *loculos*, isto é, bolsinhas ou cavernas, tal como as nozes estão *distinguiret* [subdivididas] em quatro [cinco?] *cauernulas* [cavérnulas] e *loculus*. Depois, em cada *cauernula*, estão colocadas, por sua vez, duas *ordines nucleorum*, isto é, duas filas de gráinhas e bem ordenadamente. Porém, quanto à cor, estes *Marmellen* são idênticos e semelhantes às nossas cidónias, isto é, amarelos e um pouco avermelhados. Porém, não têm cheiro nenhum e são apanhados e recolhidos de meados a fim *Augusti* [de Agosto]. Mas um género de *Cijdontorum* ou cidónias como a nossa não a têm de todo, tal como nós não temos os *Marmellen* deles.

Os *Lusitani* preparam e põem de conserva os *Marmellen* com o suco das laranjas, de onde ficam todas transparentes e lípidas, chamando a este *confectio Marmollade*. Mas a água ou o suco *Arantiorum* [das laranjas] é vulgarmente *distilliert* [destilado] ou extraído por toda a gente. Mas as *Arantien* [laranjas] têm um cheiro quase como beterravas bravas quando florescem.

Da mesma maneira, os *Lusitani* também fazem uma espécie de *Cucharum* [bolo?] que cortam em pedaços que ficam tão claros e transparentes como se fosse vidro.

³¹ Na margem, pela mesma mão, está escrito em alemão “nenhuns *sulcos* e *plicus*, isto é, riscos[?]”.

VERUS TAMARISCYS

Do mesmo há principalmente três *species*³². A primeira tem florzinhas ou *flores* encarnadas.

A outra tem florzinhas de cor violeta e é um pouco maior.

A terceira também tem florzinhas de cores magníficas, mas são mais pequenas e têm pontinhas negras.

Além destes três géneros, também se fala de um género ou família que tem flores bastante grandes e encarnadas.

As baguinhas do tamarisco têm por dentro três *nucleos* ou carocinhos que são *Triangulares*.

As folhinhas são um pouco alongadas, como pode ser visto *deliniret* [delineado] na figura da *fol. 9 facie 1*,³³ na qual também estão registados a forma e contornos mais altos e mais baixos dos seus *Baccarum* ou baguinhos, bem como dos seus *Nucleorum*, caroços [nos aspetos] interior e exterior.

³² Espécies não identificáveis de tamarisco.

³³ Desenho perdido.

[NUMULARIA]

A ervinha *deliniret* [desenhada] a *foli. 9 fac: 2*³⁴ é uma espécie das *serpentariæ*, não muito diferente das nossas *Numulariæ*³⁵, excepto no aspecto das florzinhas e na cor das suas folhas que é mais acinzentada.

Trata-se, no entanto duma tal ervinha, que se espalha ao longo da terra e estende os seus raminhos quase dois côvados que sendo bastante delgados, são, no entanto bastante numerosos, não estando completamente chegados ou apertados contra a terra e tendo uma cor quase cinzenta, tal como o *Dictamnus creticus*³⁶, cujas folhas têm a mesma aparência e forma daquelas. No entanto não têm nenhum cheiro. Mas o sabor é um pouco azedo noutra grau. É bastante mole ao toque. Também não atinge grande grossura. E também tem uns raminhos muito pequenos e soltos que são um pouco ásperos. Espalha-se num círculo ou circunferência. Nasce anualmente da sua raiz e também seca anualmente. Vê-se durante todo o verão em toda a Lusitânia e especialmente em Lisboa em locais não muito altos, com solos ou terras secas que não são cultivadas e com bastante claridade e sem sombra. Cresce sobretudo em *Argillacea terra*, isto é, em locais barrentos[?]. Assim espalha-se também vulgarmente (como já foi indicado) em roda em cima da terra à volta da erva. Mas as suas folhinhas ficam levantadas e fica agarrado à terra e enredado através das suas *genicu[læ]* ou *capreolis*, isto é das suas estrias ou fibras, como acontece com quase todas as *Herbæ serpentes*, isto é ervinhas que se estendem e rastejam ao longo da terra.

Mas esta ervinha tem uma raiz bastante pequena, sendo a mesma pouco mais espessa que uma palhinha e com o comprimento dum dedo mindinho, com uma única cauda ou ramo. Também não tem nenhum sabor especial, além do duma erva [qualquer], e também não tem nenhum cheiro. [É de] uma substância lenhosa, cresce redonda mas não direita, mas curvada para o lado.

O *Cortex* ou casca da *Radicis* [raiz] é pouca e não tem nenhuns *Geniculos* ou nozinhos, nem *Fibras* ou veiozinhos.

As *folia* ou folhas desta *serpentaria* são quase parecidas com as folhas do saramago³⁷, da manjerona ou *Dictam[n]i cretici*³⁶³⁶ quase com o comprimento da falange de um dedo. As mesmas são bastante numerosas, por vezes são cinzentas [cobertas de] muitos *Pilis* ou pelinhos, sendo macias e não mucosas ou grossas, sendo redondas próximo do pé; murcham com facilidade, por serem de uma substância subtil e escassa, nascem lateralmente mas às vezes para cima.

As folhas desta ervinha não têm *vaginulas* ou folhelhos de onde nascem nos *caulæ*, ou colmos. Só entre os colmos que não são muito grandes ou compridos e os raminhos que nascem dos *caulæ* ou colmos têm pequenas *Alas*, isto é asas dos quais nascem depois novos rebentos. As mesmas folhas têm muito poucos e muito sumidos *Neruulos* ou veiozinhos. O *caulem*, isto é o colmo desta ervinha, no entanto, nasce da raiz, mas é bastante delicado, flexível ou diminuto, todo ele da mesma grossura, redondo, peludo e áspero, muitas vezes com um côvado, outros de dois côvados de comprimento, duros quase como madeira e ocos, e estendem-se irregularmente ou encurvados de um lado ou para outro pela terra.

Esta ervinha não tem *Genicula* ou *Internodia*, isto é nozinhos, mas *Alas* ou asas de onde nascem e crescem raminhos e florzinhas isoladas e às vezes folhinhas.

³⁴ Refere-se a uma figura desconhecida que faria parte eventualmente de outro manuscrito ou de um livro.

³⁵ Provavelmente o autor está a comparar a planta com outra que conhece da Alemanha, sendo esta possivelmente *Lysimachia nummularia*.

³⁶ *Origanum dictamnus*, orégão de Creta, manjerona.

³⁷ *Raphanus raphanistrum*.

Assim os pés desta ervinha têm *Corticem* ou cascas muito sumidas[?] que circundam ou revestem a substância dura e lenhosa da mesma.

A *Medulla* ou miolo desta planta é tão pouca que mal se consegue sentir ou ver, tal como mal se conseguem aperceber os *Nerui* ou veiozinhos da mesma.

Relativamente aos *Ramos* ou raminhos destas *Plantæ*, esta lança às vezes alguns, porém não muito grandes ou compridos, dos quais alguns têm alguns pezinhos não muito compridos e também muito raramente têm *stolones* isto é estolhos.

Por último, relativamente às florzinhas desta erva, são quase idênticas às *floribus Antirrhinis*³⁸, embora um pouco mais pequenas, com uma cauda comprida e curvada que cresce nas flores por trás ou por cima, tal como nas florzinhas da *Consolidæ regalis*³⁹. E as mesmas florzinhas desta ervinha ficam cobertas vulgarmente com as folhinhas da mesma.

Mas estas florzinhas, tal como as sua folhinhas não têm nenhuns *Involucra* ou vagenzinhas de onde saiem. Mas os pezinhos em que estão penduradas ou crescem são quase do comprimento de um dedo e, por vezes ainda bem mais compridos.

Estas florzinhas não têm *calices* e *Folliculos*, isto é casulos nos quais estão fixadas, mas apenas algumas *folia notha*, isto é folhinhas laterais, que quase *constituiren* [constituem] e perfazem um *caluariam* ou cabeça humana (tal como se vê *deliniret* [delineado] na *figura* desta ervinha em *fol: 9 fac: 2*⁴⁰), estendendo-se a partir das mesmas *Nothis Folijs* para baixo duas linhas e levantarem-se um pouco na rondeza e se *constituiren* e se distinguem mutuamente como se fosse a *sedem*, isto é sítio ou local dos olhos, a partir dos quais depois se estendem, de ambos os lados do *Pediculo* ou pezinho dos mesmos para baixo, as *foliorum Nothorum Propagines* ou rebentos laterais e que quase parecem e podem ser considerados a barba dum galo, bem como duas orelhas desta *caluaria*. As mesmas *Auriculæ* não são mais cinzentas que as folhas desta *serpentariæ Lusitanicæ*.

Fol. 25r – 26r (057 – 059):

. 8 .

NARCISSVS ALBVS MINOR

O pequeno *Narcissus* branco ou narciso pequeno branco cresce com quase a mesma forma e mesma maneira como o *Lutens* ou narciso amarelo, mas mais redondo, e também tem uma raiz maior, embora não tão alta [comprida?] que a altura do seu pé. Muitas vezes não é mais comprido que um dedo, e tem folhinhas bastante curtas, que primeiro são um pouco mais largas, mas mais delicadas e subtis ao toque. Também não cresce tão grosso com uma flor tão alta, que muitas vezes não é mais comprido que um dedo. Tem um pé bastante curto que é um pouco esbranquiçado. O *Caulis* [colmo?] do mesmo está dividido ou espraçado em três ou quatro *Brachijs* ou *Ramusculis*, isto é, raminhos. Destes mesmo cada um sai ou nasce num *inuolucro* ou película branca *membranosa*. Mas os *cauliculi* ou pezinhos dos mesmos *Ramusculorum* ficam um pouco *incurniret* ou curvados, por causa das *florum* ou florzinhas, que nascem deles, cada um porém num pezinho especial, que são de cor branca, mas de resto quase idênticos ao nosso *luteo Narcisso* isto é ao narciso pequeno pálido ou descorado; e cada florzinha tem seis *radiolos* ou folhinhas brancas e alongadas que estão *disponiret* [dispostas] na sua *circumferentia proportionalite[r]* [proporcionalmente]⁴¹. No centro, porém, as mesmas florzinhas são um pouco

³⁸ Bocas-de-lobo *Antirrhinum* da família *Plantaginaceae*.

³⁹ *Delphinium consolida* da família *Ranunculaceae*.

⁴⁰ Refere-se a uma figura desconhecida.

⁴¹ Hoje dir-se-ia seis tépalas em circunferência.

esverdeadas. As três mais exteriores das mesmas são quase tão grandes como as outras ou as mais centrais. Interiormente são um pouco esbranquiçadas, mas exteriormente, porém, na sua *circumferentia* mesmo brancas de neve e todas ponteagudas. No centro de cada florzinha há 6 *Antheræ* ou hastezinhas levantadas, que na sua cor são amareladas⁴². As mesmas estão levantadas sobre colmos ou pezinhos pequenos e brancos. Por último, também há em cada florzinha, no meio das *Antheræ*, um *Pilus*, isto é um cabelinho levantado⁴³ ou *Erigiret*, idêntico ao duma cerda chamada *seta* de um porco de pocilga⁴⁴.

O *Vasculum* ou botãozinho no qual está alojada a sua semente é de figura hexagonal, tal como nos lírios bravos.

Mas cada florzinha, em toda a sua substância, tem quase a largura e comprimento de um polegar.

Mas estas florzinhas voltam a fechar-se logo, sobretudo se forem arrancadas, mesmo com a sua raiz, e não gostam de se voltar a abrir.

A raiz desta ervinha, quanto ao tamanho e a sua cor exterior são idênticas às de uma avelã ou *nucis Avellanæ*. Por dentro é porém branca e de gosto um pouco amargo e de substância quase mucosa.

Fol. 27r – 28v (061 – 064):

. 9 .

[INHAME, BANANA, DRACVNCVLVS, CVCVMERVS, ORIGAMI, CIBOLLA ALBARAN, RHABARBARUM]

No verso da folha décima primeira⁴⁵ estão *depingeret*, retratadas ou *delinijret* [desenhadas] as seguintes *materiarum formæ* e aparências, das quais não havia aqui uma outra descrição.⁴⁶

Em primeiro lugar está figurado o *INHAME* a quase um décimo oitavo da sua *proportion* [escala]. O mesmo é uma raiz *Æthiopische* [etíope] que tem quase o gosto nos *Lusitaniern* [para os lusitanos?] como o *Tribulus* aquoso⁴⁷. Estas são escavadas da terra e trazidas da *Æthiopia*⁴⁸ para Lisboa e aí vendidas como pão, com o nome de *Inhame*. Destas existem dois géneros ou *species*. Uma das *species*, por dentro, é encarnada, mas a outra é branca.

E depois a *Bannaha* [banana] que cresce nas ilhas vizinhas *Lusitaniæ* [da Lusitânia] e é mais doce que o *Inhame* etíope, e também se come.

⁴² Deve estar a referir-se aos estames.

⁴³ Deve estar a referir-se ao estigma.

⁴⁴ Para significar que não se trata de um javali (porco “bravo”).

⁴⁵ Refere-se, presumivelmente a figuras dum manuscrito ou livro desconhecido.

⁴⁶ Frase de significado pouco claro, uma vez que não é possível compreender o que significa “aqui”.

⁴⁷ *Tribulus* era por vezes usado como designação da castanha-de-água *Trapa natans*.

⁴⁸ “Etiópia” era uma designação que ainda era usada no sentido da geografia ptolomaica, segundo a qual o que mais tarde se passou a designar por África ocidental subsariana era considerada como constituindo uma parte da “Etiópia”.

Em terceiro lugar está figurada a aparência duma folha da *serpentina Lusitanica* ou *Dracunculus* na décima terceira parte da sua proporção.⁴⁹

Em quarto lugar está figurada a aparência duma folha ou *folij cucumeris asinine*⁵⁰, isto é abóbora amarela.⁵¹

Em quinto lugar a *Brionia Lusitanorum*⁵² na nona parte da sua proporção.

Em sexto lugar o *RHAPONTICUM* ou *RHABARBARUM* [ruibarbo].

Na frente da folha 12 está *deliniret* [desenhado] e figurado:

Primeiramente *Flos cucumeris Asinini*, isto é a aparência da flor do pepineiro amarelo.⁵³

Noutro e em terceiro lugar as *flores* e botões do *hiosciami* ou meimendro.

Em terceiro lugar o aspecto e *quantitet* de um *folij* ou folha do *hiosciami* branco.

Estas três partes estão figuradas na mesma *proportion* [escala].

No verso da 12ª folha estão registadas na mesma escala as *foliorum salgadeis*⁵⁴ mais os respectivos raminhos e florzinhas, ao lado das quais não está nada mais escrito que a palavrinha *DRABA*⁵⁵.

No verso da mesma décima terceira folha está apenas *consigniret* na terceira *Proportion* a flor dos *origami Hispanici*. As outras *figuræ* ou *formæ Piscium* não deviam estar nesta parte.

No verso da décima quarta folha está, no entanto, registada e consignada a *Cibolla Albaran*, que nos Lusitanos deve ser uma *species* ou género dos *Narcissi*, os *caulis* ou caules das mesmas ou arbustozinhos juntamente com as suas folhinhas e florzinhas. O pezinho em conjunto com as suas folhinhas está desenhado à escala de um quinto, mas a *flos* na mesma e real escala, tal como a sua *Radix* ou raiz está desenhada na mesma escala na primeira *facie* [frente] da 15ª *Folij*. As suas folhas têm um aspecto como as os nossos lírios que nascem da raiz depois de se perderem ou caírem os pés [das flores?].

No verso da 15ª folha está uma *delineatio* ou retrato que não foi acabado nem dado nome⁵⁶, tal como também na frente da 16ª *folij* de baixo da figura duma laranja azeda cortada ao meio.

Tal como também no verso da folha 16ª a figura dum frutozinho com a *Apellatione Biringella*⁵⁷, está consignada sem mais alguma descrição, sem o que só se segue directamente à anterior.

⁴⁹ Serpentária, dracúnculo.

⁵⁰ Provavelmente *Ecballium elaterium*, o pepineiro-de-são gregório que se chama em italiano *Cocomero asinino*.

⁵¹ Tradução literal. Para se conciliar com a designação anterior dever-se-ia traduzir como “pepineiro amarelo”, sendo de notar que a flor do *Ecballium elaterium* é amarela.

⁵² Presumivelmente *Bryonia dioica*, bríonia branca.

⁵³ Deve referir-se-se a uma figura desconhecida.

⁵⁴ Salgadeira, *Atriplex halimus*.

⁵⁵ Erva-fome, *Cardaria draba*

⁵⁶ A menção dum desenho incompleto sem legenda prova que não se trata neste caso, como nos anteriores, de figuras dum livro mas de um manuscrito desconhecido até à data.

⁵⁷ Beringela, *Solanum melongena*.

• 10 •

PERFOLIATA MONTONA⁵⁸

Lusitanica é uma flor tal qual as *floribus Blithi* ou as *floribus Neniphanis*⁵⁹. Mas estas flores têm nove pétalas, de cor amarela, tal como o *dens Leonis* ou dente de leão e é uma flor em forma de estrela. As pétalas das mesmas são alongadas e muito agudas e começam [?] a ficar pálidas ou murchas, quando as suas *Fibrae* ou veiozinhos se começam a *torguieren* ou torcer. Mas esta flor também tem no seu centro nove *Antheras* ou fibrazinhas direitas, que são bastante compridas e *disponiret* num *circulo*.

Mas estas *Antheræ*, isto é as fibrazinhas que estão deitadas ou erectas no meio das flores são muito mais grossas que os *silamenta*⁶⁰ ou pezinhos nos quais estão pendurados. Assim as mesmas *Antheræ* são amarelas no meio das mesmas *foliorum et Antherarum*. Este *floris* é um *Vasculum* ou botãozinho crescido amarelo esverdeado e quase quadrangular, que em cima tem um rebento bem ponteagudo por sua vez subdividido em quatro pontinhas amarelas que, no entanto, são ainda mais grossas que as *Antheræ* estando mais baixas, e cuja forma é quase completamente idêntica à das florzinhas *Iuonis*, e as mesmas folhinhas curvam-se e rodam na forma da letra S. Por for a são pálidas, mas no interior são amarelas e um pouco esbranquiçadas. Esta *flos* é rodeada de nove *folijs nothis*, isto são falsas folhas ou exteriores que são bastante compridas e [?] penetram entre as pétalas verdadeiras destas flores para o centro e se misturam com os *filamentis* ou pezinhos em que estão penduradas as *Antheræ* nas mesmas florzinhas, enfeitando estas florzinhas e quase parecem nonagonais.

⁵⁸ Deve estar a referir-se a MONTANA.

⁵⁹ Estará a referir-se a Nenupharis?

⁶⁰ Deve estar a referir-se a filamenta.

. 11 .

[LEMTISCO]⁶¹

Existe nos Lusitanos uma espécie ou *species* de salgueiro [sic]⁶² a que chamam *Lemtisco*, que é apenas um *frutex*, um arbusto e não uma *Planta* ou também um *Arbor*, porque não cresce acima da altura duma pessoa e dá varazinhas bem flexíveis, cuja cor externa é acinzentada, e cujas folhinhas têm o aspecto das folhas de oliveiras e mal têm a largura duma falange dum dedo e cerca de sete vezes de comprimento. Quanto ao paladar, são muito amargas, não durando a [a sensação de] amargura durante muito tempo. Mas as referidas folhinhas nascem das varas de forma a que cada duas se opõem exactamente. Assim os raminhos ou varinhas destes *fruticis* crescem, juntamente com as suas folhinhas direitas para cima e nunca se curvam ou se dobram. Mas na parte mais acima têm a cor dos *Psitticis* ou das penas dum papagaio, mas em baixo [são] um pouco acinzentadas, mas não têm *splendorem* ou brilho e embora sejam um pouco ponteagudas, não podem ver [sic] muito longe por causa da sua largura. Este *frutex* dá-nos anualmente uma frutinha que é mais pequena que a mirtila ou o *Mijrtillenum fructus*. A cor é muito preta. Mas não se comem. Dos raminhos destes *fruticis* fazem se vassouras de varrer. Fora disso não serve este *frutice* de *medicina* para nada.

⁶¹ *Pistacia lentiscus*.

⁶² No original alemão “Weyden”.

[*DARVERA*]

*DARVERA*⁶³ é o que para nós é a tramazeira⁶⁴. Dá bagos que primeiramente são vermelhos, mas depois se tornam negros, e são muito úteis para a cara ou os olhos, pelo que as mulheres lusitanas besuntam as caras com o mesmo *olitet*, porquanto primeiro os espremem e põem ao sol o seu suco. Com este último besuntam a cara e lhes é muito querido e caro. Com a madeira do mesmo desbastam e afiam os seus dentes, porque, quando se põe na boca, depois de comer e se mastigam e assim com eles se friccionam os dentes, estes ficam lindmente brancos. Até os *nigritis*, os mouros negros ou os povos etíopes os usam muitas vezes.

Cresce comumente nos montes, mas não passam da altura dum homem de pé ou ao comprido. A sua cor é *spadiceus*⁶⁵ ou *puniceus albus*⁶⁶, isto é vermelho esbranquiçado ou vermelho esverdeado. Os rebentos ou raminhos superiores dos mesmos são um pouco avermelhados e idênticos aos das nossas [...]⁶⁷. O *Caudex* ou tronco das mesmas é redondo ou abaulado e duro; e tem primeiro uma casca muito fina de cor verde. Mas de baixo desta ainda está revestido com um outro *Cortice* que é de uma madeira firme e branca.

Mas a madeira tem interiormente muitos *Neruos* mas nenhuma ou muito pouca, *Medullam* ou tutano de forma a quase não se conseguir ver.

Nestes *Caudicæ* rebentam raminhos finamente *Gradatim*, isto é equidistantes uns a seguir aos outros. Cada um desses raminhos tem os seus próprios *stolones*, isto é estolhos ou rebentos laterais que ainda não são muito compridos e de cor avermelhada ornados com folhinhas que são parecidas com a forma das folhas dos arbustos de murtas ou *Mijrtillorum*; quando se esmagam ou esfregam cheiram quase como o nosso lúpulo e são vermelhas nas pontas como se tivessem sido salpicadas com suco de amoras.

Também escorre destes *caudice* ou troncos e raminhos maiores desta árvore uma *Resina* ou pez louro, embora em pequena quantidade, que cheira como o incenso.⁶⁸ Nas partes inferiores, no entanto, as mesmas folhas são de cor verde e completamente idênticas às do *sylvestri Mirjrto Lusitanico*, isto é o arbusto da murta brava, de tal maneira que a sua flor muitas vezes é tomada como sendo deste.

Mas as mesmas folhas são tão grossas como cabedal e as quais estão sempre *opponiret* sempre cada duas uma contra a outra tal como asinhas. O sabor destas folhinhas e primeiramente igual ao sabor das folhas de salgueiro, mas depois um pouco amargo com um efeito astringente ou azedo, tal como as nossas bolotas nos apertam a boca.

Finalmente as folhas desta árvore também se sentem rijas ao pegar, de tal forma que, ao tocarem-se por ficarem agitadas quando o vento passa por elas, produzem muito ruído.

Mas crescem em geral juntamente com o *Carasco* nas colinas e montes e aumentam muito todos os anos, de tal forma que acabam por dar árvores muito fortes, dos quais escorre e pinga a mencionada *Resina*.

⁶³ O mesmo que daroeira, aroeira ou lentisco, *Pistacia lentiscus*.

⁶⁴ No original alemão figura “Eberesche”, *Sorbus aucuparia*, tramazeira. A semelhança das folhas e dos frutos da tramazeira com os da daroeira não afeta a identificação da planta descrita pelo autor como sendo a *Pistacia lentiscus*.

⁶⁵ Cor castanha clara.

⁶⁶ Cor rosada.

⁶⁷ No original alemão “Oberschelen” de significado desconhecido.

⁶⁸ Esta resina é característica da aroeira.

• 13 •

[PANDECOCV]

*PANDECOCV*⁶⁹ é quase igual à genciana⁷⁰ É uma planta com quase meio côvado⁷¹ de altura e tem muitas folhinhas que são muito ténues. Os raminhos inferiores, que secam rapidamente, tornam-se azuis escuros e têm um caroço no meio da mesma folhinha. A erva além disso não é muito útil. As florzinhas da mesma são melhores que as das *Calthæ* ou da erva-vaqueira⁷². As suas folhinhas nascem também *Gradatim* nos raminhos da mesma, isto é na largura e na altura, umas a seguir às outras a começar pelo inferior do *caulæ*.

A raiz desta *Plantæ* é *contorta*, isto é curvada e desigual ou torta. Mas a florzinha é toda idêntica na forma e aparência à *consolidæ* maior e redonda, e quase também nas suas *folijs nothis*, isto é folhinhas exteriores⁷³.

Mas ao princípio a flor é amarela. Pouco depois torna-se vermelha como pau-brasil mas depois torna-se de cor negra de sangue [pisado?] e finalmente azul escuro, no entanto ficam algumas estrias das quais algumas parecem esbranquiçadas e outras avermelhadas.

Mas este *flos* ou flor tem cinco *Coronas*⁷⁴ que em cima estão um pouco enroladas ou curvadas.

No meio a mesma não tem *Anthe[r]as* que sobressaiam das mesmas folhinhas, mas apenas uns cabelinhos muito pequenos, negros, pontiagudas⁷⁵, que mal se conseguem ver ou sentir, embora os mais baixos, no fundo das flores ainda sejam bastante espessas e grandes.

A *Radix* ou raiz desta *Herbæ* não se consegue *discerniret* ou distinguir dos seus *Caulæ* ou caules, a não ser que se considere a parte mais baixa destes, com o comprimento de um dedo, [como pertencendo à] mesma.

⁶⁹ “*Pandecocv*” é um nome de significado obscuro que não foi possível traduzir. É difícil determinar a que planta Thurneysser se estava a referir, mas é natural que tenha observado alguma das gencianas atualmente referidas como autóctones em Portugal.

⁷⁰ No original alemão figura “Sibillen Wurtz”. “Sibyllenwurz” é um dos nomes comuns alemães da *Gentiana cruceata*.

⁷¹ Cerca de 20 cm.

⁷² Em alemão “Ringelblüemlein” é o diminutivo de “Ringelblume” que é um nome comum da *Caltha officinalis*, margarida-dos jardins. Pode também referir-se à *Caltha arvensis*, margarida-dos campos ou erva-vaqueira, autóctone em Portugal.

⁷³ Refere-se ao cálice.

⁷⁴ Isto é uma corola de cinco lóbulos.

⁷⁵ Deve referir-se aos estames.

. 14 .

[SCABIOSÆ]

Dá-se uma *species SCABIOSÆ* na *Lusitania*⁷⁶, igual à que também temos na Saxónia e que cresce perto de Wittenberg em sítios arenosos e sobretudo muitas [delas] nas colinas, com quase três quartos de côvados⁷⁷ de altura com um *luteo flore*, isto é florzinha amarelada⁷⁸. A mesma *species* tem uma raiz muito pequena, que sobressai muito pouco da terra e mesmo assim tem 10 dedos de comprimento⁷⁹ e não está dividida *in ramos*, isto é em raminhos, tendo apenas um único [caule]. Largo de cerca de um quarto de dedo com uma forma redonda ou arredondada[?]. Mas de cor exterior amarelada em baixo muito delgado ou estreito, mas em cima um pouco mais grosso e tem muito poucas *Fibras* ou veiozinhos e com uma raiz interiormente branca e grossa com muita *Medullam* ou miolo. [Este?] é de substância quase lenhosa e esbranquiçada que tem um sabor doce, quase como leite. Também tem um cheiro mimoso e adocicado, quase como a raiz do *Trifolij* ou folhas de trevo.

Da mesma raiz nascem três ou quatro folhas largas que são parecidas com as das da nossa *scabiosæ*, com cerca de três dedos de largura e o comprimento de três dedos. Estas folhas também são parecidas com as da *Acetosæ* redonda. Não têm *Fibras* ou nervos⁸⁰, tal como outras *species scabiosæ*. A meio da haste de cada folha nascem dois folículos pequenos em posições directamente opostas. Mas as mesmas hastes têm quase a espessura dum caule e não rebentam direitos para cima, mas conforme nascerem as folhinhas, portanto num ângulo quase enviesado (isto é *obtusum Angulum*) com o seu caule. Mas vistas de cima, as folhas parecem como se tivessem três *Exortus* ou origens.

A partir do *sinu*, isto é do ponto central da parte mais baixa do pedículo ou *caulis* nasce um *stolon*, isto é um estolho com duas folhinhas e a *Umbella*, isto é a florzinha do cacho. Mas a mesma, no cimo do seu pèzinho é dum vermelho tão lindo, que faltam palavras para o dizer; quase tão belo como o *Granium* lusitano ou púrpura, com o qual até se compara na cor.

A mesma floresce primeiro, antes de estarem visíveis ou serem perçetíveis ao tato os botõezinhos ou *Calices* dos *stolorum Umbellarum* laterais.

Mas discernem-se em geral na *Umbella* dos *caudicis* ou das hastezinhas direitas três *capita* ou florzinhas distintas que não são iguais umas às outras, das quais a do meio, sendo maior, é a primeira a abrir e a florescer, florescendo a seguir entre a outras sempre a maior.

Mas cada flor ou *caput* tem a sua *folia notha*, das quais a maior tem oito e a[s] outra[s] apenas três. Mas em cada *umbella* ou *capite* contam-se 21 florzinhas, das quais primeiro florescem dez, das quais quatro mal se vêem. As outras, estando completamente de baixo, ficam nas suas *vaginis*⁸¹ ou *volucris*, tal como acontece na nossa *lutea scabiosa*.

⁷⁶ *Scabiosa atropurpurea* (?) saudades-roxas, suspiros-roxos.

⁷⁷ Cerca de 30 cm.

⁷⁸ *Scabiosa ochroleuca* (?), em alemão “Gelbe Skabiose”.

⁷⁹ Cerca de 15 cm.

⁸⁰ Nervuras.

⁸¹ Vagens

Mas as florzinhas estão suportadas por cabelinhos bastante compridos, que em baixo são brancos mas em cima acastanhados, dos quais brotam florzinhas roxas, como mencionadas; crescem com o mesmo feitio que a nossa *scabiosa lutea* ou amarelada. Na mesma florzinha vê-se finalmente um *Aculeus* ou biquinho levemente curvado.

Quanto ao cheiro, são muito amorosas, tal como também têm um sabor doce. Em suma, as folhas desta ervazinha são de cor esverdeada, porém, quanto à forma são mais alongadas e curvadas. Mas o *caulis* do mesmo é lenhoso na parte de baixo, mas mole e finamente ornado e enfeitado com uma *Lanugine*, lanugem branca ou fibrinhas capilares.

. 15 .

[ANTHIRRHINON]

Na *Lusitania* também se dá um *Frutex* ou arbusto que é visto como sendo o *ANTHIRRHINON Hyacinthinum*⁸². Tem a altura de um côvado e tem raízes lenhosas, que se estendem em 4 ou 5 raminhos ou *Ramos* de várias maneiras e modos, quase inteiramente na figura de uma árvore ou *fruticis*. Por fora é branca ou pálida; tem além disso pouca substância. Assim não se nota muito tutano ou *Medulla*, de forma que quase não se consegue vê-lo. Também tem uma *corticem* ou casca muito fina ou subtil. Além disso tem um sabor adocicado, mas mesmo assim um travo um pouco azedo ou amargo à mistura. Os mesmos *Rami* da raiz são em cima, nos seus *capitibus* encrespados e nodosos.

Da mesma maneira nascem dos seus *caulæ* ou *stipiti*, isto é, tronquinho saído da terra, 4 ou 5 *Rami*. Mas o *caudex* direito tem por vezes a grossura dum dedo, nodoso e branco, de cor quase amarelada, quase como o *cromodij frutex*.

Mas os raminhos ou *Rami* nascem dos mesmos aos pares, bem dois a dois em frente um do outro.

Mas o arbusto é muito *contort*, isto é torto, nodoso e curvado. Mas é de uma lenha tão quebradiça que não pode ser considerado [sequer] como lenha, porque se deixa quebrar com tanta facilidade, embora pareça duro de aspeto, e ao pegar-lhe. Assim estes raminhos têm cascas muito finas e subtis. As suas folhas (das quais as mais de cima se podem tornar muito escuras) também crescem bem opostas, mas não muito grossas ou numerosas. São um pouco mais largas que as do *Anthirr[inum]* vulgar e curvados num meio círculo. Verdes em cima e em baixo um pouco amareladas, também são mais largas na parte mais baixa junto ao seu *pediculo* ou pezinho, tão largas como um dedo médio. De resto são formados tal qual as *Mirrhæ sylvestris*⁸³, isto é como se formam as folhinhas do mirtilo selvagem, mas em cima um pouco agudas. Também, embora tenham o aspeto de serem rijas, revelam-se ao toque bastante moles, e têm o comprimento de um polegar, mas sempre tortas e curvadas para dentro. Os raminhos referidos também são um bocado curvados para dentro. No entanto dá poucas flores, que nascem pontiagudas a partir da hastezinha, com o comprimento de cada uma de quase meio dedo e também têm um feitio tal como o grande *Antirrhin[um]* com quase três dedos de comprimento, mas com a cor avermelhada, em cima com a largura de quase um dedo e tornam-se um pouco mais estreitas nas suas cascas, *Colies* ou raminhos onde se encontra. [...].⁸⁴

⁸² Presumivelmente uma das espécies endémicas do género *Antirrhinum*, boca-de-lobo, boca-de-leão. A designação *Antirrhinum Hyacinthinum* não é usada atualmente para nenhuma espécie do género *Antirrhinum*.

⁸³ Mirtilo, *Vaccinium myrtillus*.

⁸⁴ As últimas 8 linhas desta secção foram escritas numa letra quase ilegível. A transcrição alemã é uma mera tentativa de reconstrução. O texto resultante é tão difícil de interpretar que se optou por não o traduzir.

SPECIES SAVINÆ

Uma espécie ou género da árvore-azeda⁸⁵ dá-se nas montanhas e espalha-se bastante devido aos muitos raminhos e ramos laterais ou *stolonibus*. Também não atinge uma grande altura e tem florzinhas amarelas bonitas, tal como o dente-de-leão, amarelo carregado. A sua flor tem o feitio igual às flores do *Echium*⁸⁶, isto é madressilva de cinco pétalas, que na *Fimbria* ou beira está um pouco encrespada ou curvada. No meio da mesma sobressai um *Claviculus*, isto é um botãozinho, que se eleva acima das petalzinhas, e que em cima tem a cor verde. Mas a florzinha também é torta e curvada para dentro. Mas por dentro da florzinha há duas *Anteræ*, isto é pequenas fibrazinhas opostas umas às outras, e também juntamente enroladas, que de fora não se podem ver. Do *Caliculo* e *Pediculo* nascem *folia notha serrata*, isto é folhinhas laterais, que envolvem e recobrem a flor.

O *Pediculus* ou pezinho desta florzinha é bastante comprido e de cor verde.

⁸⁵ Árvore azeda é a tradução à letra do termo alemão «Sauerbaum». No entanto, atualmente usa-se o nome “Sauerbaum” em alemão apenas para o *Oxydendrum*. Como esta espécie é endémica da costa leste da América do Norte, não pode ser a esta que Thurneysser se estava a referir. A designação «Sagbaum» que Thurneysser também usa, não se encontra mencionada como designação comum alemã atual de nenhuma planta, mas um manual de medicina veterinária no dialeto bávaro do princípio do século XVII «Ross Artzeney Buch» menciona esse termo, segundo Christine Theiss, 2014, *Ein anonymes Roßarzneibuch aus dem bairisch-böhmischen Sprachraum (frühes 17. Jahrhundert)*, na sua dissertação de doutoramento na Universidade de Munique. Neste receituário recomenda-se uma infusão de folhas de esta planta como purgante para cavalos. “Sagbaum” aparece também no livro GESNERUS Redivivus auctus & emendatus. Ou: Allgemeines Thier-Buch ..., Vol. 1, Frankfurt/Main 1660, pg. 130, acessível em https://books.google.de/books?id=Dt_gzX5KncwC&pg=PA130&dq=Sagbaum&hl=de&sa=X&ved=0ahUKEwjKgYur70DeAhWGISwKHR0iDvsQ6AEIQzAF#v=onepage&q=Sagbaum&f=false Juntamente com as os nomes “Siebenbaum” e “Sevenbaum”. No manuscrito da Staatsbibliothek zu Berlin Ms. Germ. Fol. 223, encontra-se o nome “Sadelbaum (Savina)”. Não é possível identificar a espécie a que o autor se refere.

⁸⁶ Não se percebe a referência de Thurneysser ao género *Echium*, porque a madressilva *Lonicera caprifolia* mencionada no seguimento do texto não pertence a este género.

HISTORIA COCCINI HISPANICI

*Carasco*⁸⁷ é o nome que os *Lusitanieren*⁸⁸ dão a um *Arbusculum* ou arbustozinho, sobre o qual vive o *coccus* ou *coccinum* a que eles chamam *GRAN*⁸⁹. O mesmo *Arbusculum* ou arbustozinho cresce aos grandes montes no *ALEMTEIO*⁹⁰ que é a terra *Lusitaniæ* que se encontra do outro lado do rio *Tagum*⁹¹ de onde nos veio o seu nome, que é muito fértil em muitas coisas e especialmente desta árvore.

Mas é um arbustozinho muito baixo, que raras vezes atinge dois côvados de altura⁹², e tem *glandes*, isto são botõezinhos de onde sai o seu fruto. A cor do arbusto é um bocado escura; [é] duro, tem folhinhas pequenas, macias, mas espinhosas, também sem serem serradas e quase em substância e forma como as do *Quercus* ou carvalho. Este arbustozinho é de substância toda lenhosa e cresce bastante espesso, embora não tenha um tronquinho muito grosso, e cresce mais em largura do que em altura; e que germina sem dúvida numa glande ou frutinho e bolotazinha semeada ou enterrada com aspeto idêntico às nossas bolotas segurada por *Calicibus*, ou casinhas espinhosas. Está sempre verde, tanto no inverno como no verão, e cresce em tal quantidade e aos montes que cobre montanhas inteiras que formam nas mesmas um *Humilem sylvam*, isto é uma floresta rasteira.

Na *Provincia* ou terra *Lusitaniæ* [da Lusitânia] *Alemteio* (tal como já referido) cresce muito e em grande quantidade, além disso também um pouco por toda a Espanha e Portugal, quase sempre em montanhas e também ao lado de estradas e nas bermas, sobretudo cresce felizmente e bem onde o solo e a terra for vermelha, lamacenta ou escorregadia, tal como na terra do *Alemteio*, onde cresce por isso em maior quantidade do que em qualquer outra parte. A colheita, *messis*, destes frutinhos faz-se na primavera e no verão.

A sua *RADIX* ou raiz é de uma substância e matéria lenhosa, e espraia-se profundamente na terra, tal como as raízes de outras árvores.

As suas *folia* ou folhas, quando aparecem, não têm *Vaginulas* ou *involucra*, isto é pelezinhas ou casinhas, de onde nascem, e não são muito grandes, de cor verde escura, duras, espinhosas na sua *circu[m]ferentia*. Por cima [são] lisas e quase redondas.

Este *Arbusculum* também tem um único *caudicem* ou tronquinho, do qual nascem e crescem muitos ramos.

As *flores* [...] deste *Arbusculi* não cheguei a ver, mas considero que não serão muito diferentes ou diversa dos nossos carvalhos.

⁸⁷ Carrasco, *Quercus coccifera*.

⁸⁸ Lusitanos

⁸⁹ Grã, grã-de-carrasco, grã-dos-tintureiros ou grã-escarlate. O grã é constituído pelo inseto *Kermes vermilio* (Planchon, 1864) do grupo das cochonilhas. As fêmeas do inseto, um parasita do carrasco, tomam a forma de esferas com 6 a 8 mm de diâmetro, em cujo interior se encontram os ovos e as larvas portadoras do corante carmesim utilizado no tingimento de tecidos.

⁹⁰ Alentejo.

⁹¹ Tejo.

⁹² Cerca de 80 cm.

Os *fructus* ou frutos do mesmo não diferem de todo das nossas bolotas do *Quercum*, tanto na forma como na figura, com a única diferença de em cima serem um pouco mais bicudos, mas de resto de tamanho idêntico, embora de sabor mais amargo e azedo.

Os *fructuum Calices* ou casinhas que os suportam têm bicos e são espinhosos.

Mas crescem neste *Arbusculo* duas matérias diferentes como frutinhas (chamados *Annata*).

Em primeiro lugar, uma [de] substância ou matéria escamosa, tal como em todos os *glandiferis Arboribus*, isto é árvores que dão bolotas, que têm uns espinhos que se encaixam *squammatim*, isto é de uma forma escamosa, ou como escamas, tal como nas cabecinhas do lúpulo, pelo que também lhe chamo *Lupulum*. Mas as folhinhas do mesmo são tão duras como escamas e estão encaixadas mais densamente. Nos maiores dos mesmos encontra-se às vezes no meio do interior um grãozinho preto ou castanho, que tem o mesmo tamanho que um *semen cardui*. Sumamente é completamente idêntico e semelhante a uma cabecinha do lúpulo, e por isso apelidado por mim nesta descrição como *Lupulus*, uma vez que desconheço como foi designado pelos antigos, que possivelmente não lhe deram nenhum nome especial. Aquilo que além disto de diferente se desenvolve neste *Arbusculo*, é o *coccus* a que os *Lusitanis* chamam *GRAN*⁹³ e que utilizam em lugar das galhas.

Mas isto é o *Granum Tinctorium*, o mesmo com que se tingem preciosas lãs de carmesim e encarnado. Mas é na sua forma redondo como uma galha, mas muito mais pequena que aquelas dos *Juniperi* ou baguinhas de zimbro e tem no interior uma cor toda vermelha carregada, e enquanto ainda estiver verde, e enquanto não seca, está cheio dum sumo vermelho. Mas quando [já] estiver seco e torrado, ou está um pouco ou completamente cheio de um pó e [assim] é melhor e mais valioso, é o que também se encontra nas nossas boticas. O mesmo *succus* ou sumo tinge com facilidade e rapidamente. Mas as mesmas *grana* crescem sozinhas ao lado das suas folhinhas, não em grande quantidade, nem frequência, exceto quando o seu *proventus* encontra um ano [muito] fértil e este esteja disponível. Se então se está num ano fértil, dos mesmos *Ambusculis*⁹⁴ muitos ramos ficam cheios delas. Mas os mesmos *frutices* ou *Ambusculi*, que estão tão cheios e parecem estar torrados ou abafados, ficando as folhas torradas e secas, porque certamente o *succus* ou sumo foi puxado para a *Grana*. E depois eles também têm anos especiais, os quais quando são fastos dão grandes montes e quando são nefastos dão muito poucos; assim como os nossos agricultores sabem bem, quando dão muita bolota e galhas e quando não dão.

As mulheres que apanham e colhem *Grana Coccinea* besuntam ou esfregam os seus pés e botas com alho, e comem além disso o mesmo por causa das víboras e dos vermes peçonhentos que costumam estar de baixo [dos arbustos]. Mas uma mulher não consegue, nos anos vulgares, num dia dos mesmos colher e juntar mais do que meio *Alkein*⁹⁵ ou menos, sobretudo nos menos bem desenvolvidos. Mas costuma comprar-se um *Alkeir* por 3 cruzados. Mas cabem num *sacculo* ou saco seis [alqueires] e não há dúvida que a um saco corresponde tanto quanto um alqueire da Lusácia na *silesia*.

Mas os *Alenteiani* vendem a *grana* colhida aos *Hispanis Castellanis*, que são seus vizinhos, que a transformam numa bela *Tincturam*, com que tingem ou coram o mais preciosamente de escarlate.

Há quem diga [no entanto] que os *Hispani* não sabem preparar o corante, e que então, os mesmos enviam a *Grana* a Veneza para aí se preparar a *Tinctur* ou *Colur* e mandá-la vir de volta. Mas isto também pode ser visto como uma história inventada, para que que os *Artifices* ou mestres possam

⁹³ Grã na ortografia portuguesa atual.

⁹⁴ Deve ter querido escrever *Arbusculi*.

⁹⁵ Provavelmente quis escrever alqueire.

guardar melhor o segredo da arte como o seu mais elevado e maior tesouro, porque [assim] ninguém os vai interrogar.

Mas as mulheres apanham e colhem esta *Grana* a partir da primavera, e continuam por todo o verão, estando vulgarmente cheia de sumo. Porém, antes de ser posta à venda aos comerciantes e mercadores, secam-na e torram-na ao sol, de forma a se transformarem em pó. Depois de ser comprada pelos mercadores, estes mandam pilá-la e triturá-la, obtendo-se uma *polentam*, isto é uma farinha, que depois é novamente exposta ao sol ficando assim concluído o seu tratamento.

[As mulheres] também encontram nestes mesmos *Arbustis* alguma *grana*, embora em muito pouca quantidade, cheia de um pó que está pronto a ser usado. Este pó é considerado como o mais valioso de todos e por isso é colhido separadamente e considerado como um grande tesouro e também vendido [à parte] por muito dinheiro ou muito caramente.

Mas preparam a partir dos mesmos *Granis* deste arbustozinho três, quatro ou mais pós [de qualidades] diferentes, dos quais o de primeira é considerado como sendo o mais valioso e maravilhoso. E eu estou convencido que este é o tal que é dos *Baccis* ou *Granis*, isto é bagos e grãosinhos que secaram no *frutice* e estavam cheios de pó e por isso foram *Colligieret* separadamente.

Com estes pós tingem três ou quatro qualidades de panos ou vestes, das quais o mais precioso de todos é chamado por eles escarlata; aos outros chamam todos *Gran* sem nenhuma distinção. O mesmo acontece com o *fructus* ou fruto, com o qual se faz o pó com que é tingido o pano. Do mesmo modo, também chamam *Gran* ao pano branco que é *Tingieret* ou tingido com os referidos pós.

O mesmo pano é preparado a partir de lã muito valiosa e branca de neve, mas sendo essa lã obtida e recolhida duma certa espécie de ovelhas, que têm um cabelo muito crespo.

Mas em *Lysabon* vende-se um côvado [sic] de grã ou *Scharlaci* por 4 ou 5 *cruciatis*, isto é cruzados, tendo esta doze palmos de largura, mas a que é considerada de [qualidade] média e a que chamam *scarlatin* pode-se comprar por volta de 3 ou 2 *cruciatis* ou cruzados. A mais bela e maravilhosa, a que eles chamam *scarlacea*, também é mais vezes *Tingieret*; [esta] quando molha papel ou quando é esfarelada dá uma cor maravilhosa e bela. Por isso, dizem, não deve ser levado, nem vendido para fora da *provincia Hispaniæ* e Portugal.

Além disso distingue-se a cor com que é *Tingieret* o pano de acordo com a brancura do mesmo, porque há lãs que se deixam *Tingieren* com tanta facilidade que não se deve repetir muitas vezes a *Tinction*. Alguma lã também estará escurecida ou haverá outras razões para às vezes os comerciantes, por falta de conhecimento, estarem a ser enganados e comprarem panos como se fossem do mais precioso escarlata, quando estes não passam de escarlata e não são da melhor qualidade.

Assim também se tingem o escarlata, que é preparado a partir da melhor e mais preciosa lã de ovelha, mas é tingido e colorido com o pior ou mais medíocre pó, cuja cor, por ser um pouco mais clara que o vulgar *scharlattini*, é vendido como sendo o legítimo e verdadeiro *scarlatta*; tal como também se encontra lã que foi tingida com o melhor e mais valioso pó, embora em não suficiente [número] de vezes. Sendo também que o legítimo e verdadeiro [pano] da lã mais valiosa e mais branca-de-neve primeiramente é *tingieret* com o mais valioso pó de *cocci*, mas tantas vezes que a cor começa a ficar escura e o pano molhado a mostrar essa cor escurecida.

Do mesmo modo, os tecelões de seda e veludo de Veneza e *Bononia*⁹⁶ tingem a sua *scarlatta* e o carmesim de seda com o pó mais precioso dos *granorum*. No entanto, diz-se propriamente que, para tingirem têm de trazer a *grana* dos *Hispanieren*.

Mas não será sem razões importantes e ponderosas que os antigos elogiaram e preferiram o *coccum* hispânico a todos os outros, tal como tudo o que da terra cresce na *provincia* ou região *Hispaniæ Alemteio* situada em *Portugallia* é o mais valioso e admirável. De aí não pode haver dúvida que terão o melhor e mais maravilhoso *coccum*.

Porque cresce no mesmo [Alentejo] uma espécie particular de trigo (e incontáveis muitos outros frutos que aqui não posso mencionar) com um colmo muito grande e oco e também um grão bastante grande, que supera as outras *speciebus* na substância interior, na brancura, subtileza e delicadeza do sabor e cor da sua farinha e também do seu aroma, tal como a *coccini Tinctur* e a sua deliciosa cor superam [qualquer] outra cor, porque o pão cozido e preparado com a mesma farinha é tão delicioso de olhar, que os olhos, mesmo contemplando-o durante muito tempo não se fartam, pois é branco-de-neve misturado com uma subtil amarelidão, e é de atender que se lhe acrescenta a subtileza e agilidade, da sua matéria. Também tem um sabor de tal forma delicioso e maravilhoso que, mesmo em terras mais distantes em *Portugallia*, como também *in Castella Hispaniæ*, as pessoas mais poderosas e elevadas não poderiam louvar mais e recomendar um[a qualidade] de pão que o da região do Alentejo.

Mas os habitantes dessa província ainda têm um particular *speciem* ou espécie deste *Frutici* que é o mais saboroso e maravilhoso, e que por isso nunca é vendido a estrangeiros, mas conservado para eles próprios e escondido, e que só é servido e comido nas suas *Festiviteten*.

Além disso, ainda têm um género de *Olyræ*, isto é centeio ou cereal para pão, cujos grãosinhos têm quase o comprimento de uma falanginha dum dedo e uma espessura proporcionada, cuja farinha ou poeira tem uma cor semelhante à da nossa farinha de trigo e é ornado de uma amarelidão delicada.

Também crescem à sua beira muitas azeitonas grandes, como não há em toda a Hispânia, que são muito mais saborosas do que [quaisquer] outras em toda a Hispânia e *Lusitania*.

Pelo que também os *Lusitani* lhas comprem e conservam em *Muria*⁹⁷ e as *condiren*⁹⁸.

Os habitantes dessa região usam e vestem fatos todos brancos, cintos brancos e calças. Os lavradores da mesma região são pessoas fortes, vigorosas[?], hospitaleiras e livres. Neles também um filho só muito raramente não consentirá que a morte do seu pai deixe de ser vingada, tal como os pais dos filhos não consentirão que a sua morte não deixe de ser vingada, porque são bons e certos atiradores.

Finalmente é de notar em suma que, entre eles, chamam *scarlatin* às vestes ou pano [de qualidades] mais baixas e que estes fazem em variados *gradus* ou padrões.

Ao intermédio, isto é entre *Scharlattin* e *scarlattam* que por eles é calculado e considerado, chamam *Gran*⁹⁹. O mais valioso e o melhor, no meio e de entre todos os outros [é?] *SCARLATAM*.

[fol. 50 v: vacat]

⁹⁶ Provavelmente estava a referir-se Bolonha.

⁹⁷ Salmoura.

⁹⁸ Confeitam.

⁹⁹ Grã.

CENTAVRIVM MINVS ALBVM¹⁰⁰

O *Centaurion* pequeno branco é todo idêntico ao vermelho, só que as suas flores são todas brancas-de-neve, das quais, as que ainda não abriram, são rosadas pálidas, mas quando abrem, tornam-se brancas-de-neve; têm hastezinhas todas subtis e ágeis, que mal se nota serem quadrados; também têm folhinhas subtis, ágeis e, mesmo assim, alongadas.

Além deste, também há um outro género, que comumente é rosado, e cresce em comum em colinas e montes.

¹⁰⁰ Erva-da-febre, erva-do-centauro (?).

[fol. 51 v–52 v: vacant]

Fol. 53r – 53v (113 – 114):

. 19 .

SYDERITIS MONTANA MINOR

As florzinhas da *Syderitis* dos montes ou siderite¹⁰¹ são muito mais pequenas que as da *Syderitis* comum; [são]um pouco amareladas e quase com a forma do *Galeopsis*. A folha mais acima das mesmas¹⁰² é dividida por uma nervura e separada por um entalhezinho não muito fundo.

A mesma folhinha mais acima é muito mais comprida e alta que a mais abaixo, e forma com o mesmo quase o aspeto duma goela aberta, para dentro da qual se consegue espreitar a fundo; e florzinha se torna cada vez mais amarelada e redonda.

Além dos *Angulis* ou cantos deste *rictus* ou goela, constituída pelas folhas¹⁰² desta florzinha, [esta] ainda tem mais duas outras folhinhas que podem ser vistas como *cremis* ou *Cymis*, isto é tais *vasculis* ou *inuolucris* que suportam o *semen* das mesmas.

O centro desta florzinha tem *Antheras*, especiais, isto é fibrazinhas interiores eretas, de maneira a se poderem ver no seu interior por fora.

No pescoço, isto é no *Calice*, esta florzinha tem ainda quatro folhas, que são avermelhadas e ásperas, das quais as duas mais acima estão quase ligadas, estando as duas mais baixas mais separadas uma da outra.

¹⁰¹ *Sideritis montana*, rabo-de-gato (?).

¹⁰² Pétalas (deve estar a referir-se às peças da corola).

[fol. 54 r/55 v: vacant]

Fol. 55r – 55v (117 – 118):

• [XX] 20 •

SANGVIS ORBA ROTVNDA¹⁰³

Entre nós cresce um ervinha que assim se chama, embora se encontre raramente, [e que tem] uma cabecinha alongada. Mas aqui tem uma cabecinha bem redonda, com uma forma parecida com o alho silvestre, quando este dá semente que, no entanto, não é muito dura.

Na mesma cabecinha há florzinhas verdes, que vão amarelecendo e que em baixo junto ao chão são vermelhas. No meio das mesmas florzinhas as cabecinhas têm nove pares de pequenas *Antheras*, isto é fibrazinhas ou filamentozinhos, atravessando a cabecinha penduradas por pezinhos ou fibrazinhas vermelhas eretas tão leves que de tal forma que quase não se conseguem ver.

Mas cada florzinha tem quatro folhinhas que são verdes. Mas não são diferentes das florzinhas das nossas *Acetosæ* e só tem raras vezes mais do que 30. Embora as folhinhas das mesmas tenham uma forma semelhante à das nossas *sanguisordæ*, o seu tamanho é muito diferente, porque são oito vezes mais pequenas, sendo nenhuma delas mais larga que uma lentilha grande, e são quase todas redondas, contrariamente ao costume em quase todas as outras *specierum*. Em cima são largas, quando noutras *specien* são um pouco agudas; e têm em cada um dos lados quatro *dentes* ou biquinhos, dos quais, contando o biquinho mais alto são nove, que entre eles é o maior de todos. Mas estas folhinhas são duas a duas sempre viradas para o chão e não se dirigem para cima.

A raiz desta ervinha é quase parecida com a raiz da nossa *Pimpinellæ* e idêntica. Mas o *calculus* ou pé nasce da raiz quase 3 quartos de um côvado, sem folhas. Mas em cada raminho não se encontram muito mais que 9 pares de folhinhas, às vezes mesmo menos. O gosto das mesmas folhinhas é azedo, porque adstringem ou *constinguiren* muito e repugnam agudamente à língua. Mas a raiz da mesma é por fora acastanhada e com a espessura aproximadamente de um colmo.

¹⁰³ Sanguisorba, pimpinela (?).

[fol. 56 r/v: vacant]

Fol. 57r – 77r (121 – 161):

• 21 •

ORCHES LVSITANICÆ

*Testículos-de-cão*¹⁰⁴ *Lusitanos*

Dos mesmos enumeram-se e descrevem-se

muitos géneros e *species*,

nomeadamente seis.

Fol. 57r – 59v (121 – 125):

PRIMA SPECIES¹⁰⁵

Uma ou a primeira *species* cresce até à altura de três quartos de um côvado¹⁰⁶, as folhas da mesma são idênticas às da orchis, do testículo-de-cão *Dantisco*¹⁰⁷, ou também aos do nosso, e tem comumente seis folhas, das quais as mais altas são um pouco mais bicudas e compridas que as outras que são medianas; cheiram deliciosamente. Esta *species* tem um *caulem*, isto é pé ou colmo mais grosso do que os outros, um pouco mais leve, mas mais grosso que os colmos redondos de trigo. As folhas da mesma são do comprimento de um dedo e da largura de dois dedos. Mais em cima o *caulis* divide-se em comum em três raminhos, cada um dos quais tem quatro florzinhas, que, no entanto não são *spicatum*, isto é num *pediculo*, tal como numa espiga como nascem umas a seguir às outras nas nossas orchis. Mas as florzinhas são muito idênticas e semelhantes às nossas, mas não têm uma *spicam* ou espiga, sendo um pouco maiores que as nossas, mas nascem de um *folios involucro*, isto é de uma folhinha redonda e embrulhada, cada florzinha por si, numa folhinha para cada uma. De uma folhinha grossa e quase hexagonal *pediculo* ou hastezinha que é mais grossa em cima junto à florzinha.

¹⁰⁴ Tradução literal do alemão Hunndtshödlein. Em português existem atualmente os nomes comuns testículo-de-cão e escroto-de-cão para várias espécies de *Orchis*. Para a *Orchis italica* existe o nome comum flor-dos-rapazinhos, pela mesma razão da semelhança entre a forma dos seus tubérculos em pares com os órgãos sexuais masculinos. O facto de em alemão o nome comum Hunndtshödlein também ser mencionado como um dos nomes comuns de várias espécies de cólchico, não permite concluir que Thurneysser estivesse a descrever espécies de cólchico, uma vez que as suas descrições são incompatíveis com essa hipótese.

¹⁰⁵ A descrição, apesar de confusa, é compatível com a morfologia de várias espécies de *Orchis* endógenas em Portugal, sendo difícil estabelecer uma relação segura entre cada espécie descrita por Thurneysser e a designação científica exata atual, até porque a flora endógena de *Orchis* de hoje poder não ser rigorosamente a mesma do século XVI. O mesmo se aplica a quase todas as espécies mencionadas em todo o capítulo 21, *Orches Lvsitanicæ*.

¹⁰⁶ Cerca de 30 cm.

¹⁰⁷ *Dantiscum* é o nome latino da então cidade-livre hanseática Danzig, hoje Gdansk na Polónia.

No referido *caulæ* ou *Culmo*, isto é na hastezinha ou colmo desta ervinha, encontram-se mais em baixo duas folhinhas que, embora verdes, também são amarelo-escuras [no meio], cuja beira está curvada para trás ou dobrada. Estas folhinhas são as mais baixas de todas. A estas seguem-se mais acima ainda duas outras que são mais pequenas, mesmo quatro vezes mais pequenas que as outras. Mais acima de tudo, ou próximas da ponta ainda tem uma folhinha quase com a forma da *Cuculla*, ou capuz das florzinhas da *Astrologiæ*¹⁰⁸, isto é aristolóquia ou raiz de pau, que por dentro é acinzentada, e na borda externa ou *Fimbriæ* está curvada para cima. De baixo desta ainda há uma *Cuculla* ou capuchinho nas flores, que é muito pequena e apertada ou contraída e também mais verde, que a superior. Mas nos lados está um bocado dobrada e amarelada. Por dentro ainda tem duas folhinhas, tal como nas cabeças de papoila, e a partir delas todas se fecham em cima de forma a que a florzinha *repræsentire* e deixe ver perfeitamente a forma duma mulherzinha de baixo dum manto, com uma cara formosa, um pescoço elegante, direito e esguio, dois olhos deliciosos, boca, nariz e queixo e duas maminhas ou tetas formosas e belas, onde as *Fimbræ* ou bordas externas da cabecinha exterior se juntam, como se cobrissem a parte mais baixa do corpo, que forma inteiramente uma barriga côncava duma mulher que está sentada. Também é húmida por dentro e cheia de bolhas amarelas; a seguir juntam-se como se a roupa estivesse a dobrar-se e fechar-se de baixo dos pés e se pudesse ver neles como na *complicatura* se os dois pés tivessem recuado para o corpo e tapassem os joelhos esticados, o sítio em que os *Cucullulæ* ou cabecinhas se tornam um pouco esbranquiçadas. Finalmente a flor altera-se como se a beira do capuchinho exterior estivesse ornada e embelezada com uma cauda ou bordadura de veludo castanha escura.

Tais florzinhas assim formadas rodeiam a florzinha do meio de todos os lados, mas de maneira a serem mais pequenas embora a florzinha toda idêntica à forma ou figura de uma mulher sentada coberta por um manto e está abrigada num sítio com sombra, sendo idêntica quanto à cara, peito, pescoço, tetas, barriga e vestido e pés, que está rodeada por duas folhinhas pequenas e duas grandes, como se fossem asas. Mas a mesma flor fica com estas asinhas e cauda quase redonda e tem a largura dum polegar, e comprida de forma a ultrapassar as folhas. Tem um gosto um pouco empapado e doce. Tem uma raiz bastante comprida, que no entanto é muito mais macia e delgada ou leve que a de outras *specieru[m]*.

¹⁰⁸ Naturalmente queria escrever *Aristolochia*.

[fol. 59 v–60 v: vacant]

Fol. 61r – 61v (129 – 130):

SPECIES ALTERA¹⁰⁹

A outra espécie da *ORCHIS* lusitana tem folhas quase duas vezes mais compridas que a primeira, nomeadamente dois dedos de comprimento e também quase duas larguras dum dedo mindinho. Mas tem um *Calculem* ou haste um pouco mais delicada ou leve, e além disso não tendo uma *statur* muito mais alta que a anterior, este género ou família não tem em geral mais que duas flores, que são um pouco maiores que as anteriores. As mesmas flores em si são todas amarelas. As *folia notha* ou folhinhas laterais das mesmas têm uma cor verde amarelada. A mulherzinha das mesmas flores está muito tapada e dourada e também tem uma sombra maior que a das anteriores. Também está assim mais coberta com o seu véu, como se estivesse de luto ou rezasse; tem um pescoço curto e também tetas ou mamas menos arrebitadas e espetadas, mas um pouco mais chatas, mas mesmo assim mais bonitas; e [tem] joelhos menos compridos, mas mais belos e postos lado a lado ou sobrepostos. Uma saia amarela, um pouco mais larga, e menos comprida do que nas anteriores, cai dos joelhos, e também um pouco mais escura que a envolve do peito para ambos os lados. A sua cor é toda castanho escura sobre um fundo amarelo. Abaixo de tudo, a mesma saia tem uma cauda amarela larga em toda a volta. Mas o *inuolucrum* mais exterior tem três *Crenas*, isto é entalhes ou incisões, das quais as duas últimas são mais profundas, embora fique coberta pelas folhas superiores e mais salientes. A *Crena* mais abaixo não é tão profunda.¹¹⁰

[fol. 62 r/v: vacant]

¹⁰⁹ Identificação difícil.

¹¹⁰ Descrição compatível com *Ophrys lutea*.

SPECIES ORCHIS TERTIA ¹⁰⁹

Comparando com as duas espécies *Orchis* referidas, a terceira *species* ou género é quase um terço mais pequena ou inferior. Também tem folhas mais pequenas que a primeira, que nos seus *pediculis* cresce o *Caulæ* ou arbustozinho um pouco mais largo, mas é na ponta um pouco mais bicudo, e tem no cimo de tudo três raminhos, e dá ou traz uma florzinha com a forma e aparência dum homenzinho velho, com um nariz comprido e grosso e cujos olhos estão cavados muito fundos na cabeça, e no entanto tem sobranceiras muito longas e rugosas, e além disso, também tem uma testa muito rugosa e contraída. A cor é amarela-esverdeada. [Tem] uma barba larga e acinzentada, e fora disso uma face escura, ventas longas e pendentes, e assim uma boca muito horrível e feia, de forma a que tudo *repræsentiret* as feições dum homem velho e acabado, a quem amachucaram ou fizeram uma mozza na cara entre os olhos e as bochechas, tal como num homenzinho enrugado, que desviou ou escondeu a cabeça dentro da *folia notha*. Mas está vestido como se tivesse envolvido numa peliça de lobo de maneira a cobri-lo até ao umbigo [?]; aquela divide-se no meio da frente, e tem colocada ali um *Pilotum*, isto é, uma substância ou matéria cabeluda, como se a barba pendesse até aí, que na parte mais baixa é cinzenta, mas que mais acima ou no cimo se torna mais escura, [e] que fica mais brilhante [tal] como os cabelinhos mais acima de todos. A cabeça deste homenzinho nesta flor não tem nenhum *Tegumentum* para a cobrir, mas é por traz bem redonda ou abaulada, mas de cor castanha-escura ou preta-acastanhada, assim a su cabeça está como se tivesse sido rapada. Mas a folhinha que cobria como uma *cuculla* ou capa o corpo e também a cabeça da mulherzinha nas duas *speciebus* anteriores recua muito nesta espécie e passa a ser a mais elevada. Mas à frente a mesma parte eleva-se quase a cima da cabeça, e só chega té aos seios da mulherzinha e forma os mesmos.

Nas mesmas, nas flores desta *speciei*, os *Tubercula* dos *superciliorum*, isto é das sobranceiras disformes, inchadas ou almofadadas, que protrudem muito sobre os olhos e que *deformieren* horrivelmente a cara das mesmas, e a fazem parecer feias e velhas e que são amareladas.

Mas o peito e a cara da mulherzinha estão recuadas em comparação com a cara do homenzinho, de tal forma que quase não parece a cara de uma mulher, mas que se disfarça com o feitio ou a forma dum ganso que são a barriga, a testa e as *Tempora* ou têmporas do homem, mas as suas patas, o nariz e a boca.

Mas a mulherzinha, que no entanto não tem barriga, *constituiret* a parte fronteira das mesmas, que se expande como uma serpente. Do mesmo feitio ou forma, também as duas últimas que sobressaiem muito sobre a mulherzinha e que são de cor vermelha deslavada *repræsentieren* ou constituiren a cara dum demónio com uma boca muito aberta da qual cospe fogo e em cujo cabeça há três cornos, dentro dos quais a mulher é o do meio e também o maior. Os mais baixos ou os outros são um bocado tortos e mostram-te, conforme os olhares por cima ou por baixo, a cara dum homem velho e gasto, cuja mulher lhe causa muito desgosto com a sua lascividade e lhe vão crescer na cabeça.

As sua *folia notha* ou folhinhas laterais, exteriores ou falsas têm a cor azul clara duma violeta, das quais três são grandes, mas duas são muito pequenas¹¹¹. Numa delas encontra-se a cara ou a cabeça do homem, que se inclina um pouco e por detrás tem uma cor escura, mas na dobra amarela, tal como na mulher, assim a testa do homem também é amarela, que está um pouco fendida ao meio, começando nos olhos e de aí para baixo, de cuja fissura se constitui o nariz. Esta pode ser quase vista como a *Anthera* desta florzinha, que é a fibrinha mediana e levantada. Seguidamente para baixo há um grande *prolophon*, isto é uma matéria ou substância áspera e peluda, que cobre a parte mediana deste homenzinho da mais alta, e se separa a partir das bochechas, que são acinzentadas. Os lábios ou

¹¹¹ Pormenor compatível com várias espécies de *Ophrys*.

ventas da boca estão muito afastadas. Porém a barba começa por ser (como já se referiu) primeiro negra e depois separa-se em duas partes que finalmente se tornam acinzentadas.

Fol. 65r (137):

SPECIES ORCHIS QVARTA

A quarta família ou género da Orchis assemelha-se muito a este terceiro [sic], mas é um pouco mais pequeno. Assim tem uns testículos um pouco mais pequenos ou inferiores juntos à raiz, mas [tem] folhas do mesmo tamanho. Assim a boca do homenzinho da mesma não é tão vermelha, mas tem uma barba mais elegante e subtil.

Além disso, as folhas maiores são ainda mais pequenas. Assim, a sua flor tem no seu *sinu*, isto é na curva côncava da cara nenhuma *Antheram*, com as quais foi *figuriret* o seu nariz. Fora disso é toda quase igual à terceira *speciei*. No entanto tem além disso um colmo ou *caulem* um pouco mais grosso. Assim, nas florzinhas do mesmo, o *Ductus oculorum*, isto é a *circumferentia* ou *figurirung* dos olhos é um pouco inferior ou mais pequena.

[fol. 65 v–66 v: vacant]

Fol. 67r (141):

QUINTA SPECIES ORCHIS

Mas a quinta *species* é quase igual à mesma, mas tem uns testículos ou botõezinhos juntos à raiz um pouco maiores, e assim também tem folhas muito mais redondas, e a cor é toda rosa-vermelha. Mas tem flores mais pequenas, uma cara muito negra, e a cabeça com uma careca muito negra; uma barba dupla quadrangular; uma boca mais vermelha, mas mesmo assim mais pequena. Assim quase que não se consegue ver o *Ductus* ou olhinhos e a *Designation* dos mesmos olhos. A mulherzinha desta florzinha, contrariamente à cara do homem, tem a boca destorcida ou esticada às travessas e um pouco desviada da mesma. O *sinus* ou a concavidade da cara não tem *Antheram*, através das quais estaria *formiert* o nariz da mesma. A folha maior da mesma tem uma cor igual à de veludo negro, e tem abaixo de si duas fissuras. De tal forma que que a parte da mesma, compreendida entre as duas fissuras ou *scissuris* se curva para trás e mesmo assim para cima.

[fol. 67 v–68 v: vacant]

Fol. 69r/v (145-146):

SEXTA SPECIES ORCHIS

Esta é a mais pequena *Species* de todas, uma vez que tem a cara mais pequena e inferior, embora tenha o caule mais comprido e flexível que as outras; e embora tenha flores muito mais pequenas, tem folhas muito mais compridas, mas entre todas as outras *speciebus*, tem a barba mais bonita de todas com a forma de pera, sendo quase tão branca como neve, mas no centro um pouco enegrecida. A sua

Folia notha ou folhinhas mais exteriores, que envolvem as suas flores, são brancas, mas nas beiras brancas avermelhadas; mas têm veiozinhos muito tortos, e também se parecem com uma mulherzinha com uma cobertura amarela ou amarelada pálida da cabeça, mas muito menos que nas outras, de maneira deixar ver a sua cara melhor, que não tem nariz, mas olhos mais delicados e formosos que nas três *species* anteriores. O *Thorax* ou peitilho das mesmas é de uma púrpura um pouco mais castanho-escura e de aparência mais desigual que nas *specierum* anteriores. Mas a parte mais anterior do mesmo, onde se une, é um pouco mais amarelada. Esta *species* também tem testículos um pouco mais pequenos.

NOTA BENE

Depois de se ter encontrado muitas mais descrições desta erva ou *Plantæ Orchis*, relatadas e explicadas nesta primeira parte *Itineraij*, ainda quero *Referiren* e explicar, para benefício do leitor, em que folha ou *folio* se encontra cada uma destas descrições.

ORCHIS COERVLEA¹¹²

Orchis Azul ou Testículo-de-Cão¹¹³

Esta *species* ou género tem raízes muito maiores que as *speciebus* mais pequenas das mesmas; também tem a flor mais bonita de todas as outras *speciebus*, porque a mulherzinha da mesma está sentada na posição mais amorosa e delicada à maneira hispânica, com a folhinha superior a cobrir muito mais [a cara] que nas outras *specierum*, de modo que a cara mal consegue ser vista. Pois as mesmas se encobrem e velam com uma capa ou manto, quando a florzinha nas outras *speciebus* não tem nenhum tal manto ou *Pallam* tão perfeito. Mas a mesma folha tem a cor castanha [tanto] interiormente [como] exteriormente. As suas beiras ou *Fimbriæ* estão por sua vez um pouco viradas para cima. Mas esta folha está *Appliciret* delicadamente à cabeça, com formosura e redondeza. Mas a mulherzinha está sentada com as costas altas, tortas e curvadas. A face é toda amarela até ao peito. Tem uma cabeça bastante grande, e também seios ou tetas bastante grandes e uma barriga cavada ou vazia. Mas ela sentou-se bem graciosa ou delicadamente com o seu *Pallium* ou capa que é colorida com várias cores. Esta começa por ser castanha à volta da barriga, mas depois um pouco mais levemente brilhante. A folha mais baixa está dividida em duas partes tal como asinhas que são primeiro castanhas ou purpúreas, mas depois amarelas brilhantes e finalmente espessas, ásperas ou muito peludas, contrariamente ao que é a maneira ou costume das outras *specierum*, cujos *Pili* ou cabelos são castanho-amareladas junto à beira. No centro da mesma folha está formado nitidamente um coração azul sobre o vidrado castanho como [o dos] jarros, cujo bico está virado para a mulherzinha; de baixo do mesmo coração ainda está a fenda da mesma folha como se o coração estivesse posto sobre asinhas, numa fina circunferência amarela. Finalmente a *Fimbria* ou beira mais exterior é muito peluda ou fibrosa, tal como muitos bichinhos peçonhosos como sejam vespas ou aranhas voadoras, que têm um dorso azul mas acinzentado e fibroso e [tornando-se] brilhante na ponta, tal como as suas asinhas são amarelas, mas brilhantes na sua *circumferentia* ou beira mais exterior. A cabeça destas flores é um pouco alongada, mas tem uma boca levantada ou beiçosa e está um pouco caída para a frente. Mas esta mulherzinha tem dois géneros de *Alas* ou folhinhas, em primeiro lugar duas folhas grandes, uma de cada lado, que são um pouco curvadas, e outras duas transparentes, castanhas, largas, e também uma verde entre as duas, mas as outras são brancas. E depois ainda tem duas folhas em cima de todas, que são bastante avermelhadas ou purpúreas e agudas, mas de cor amarela esverdeada.

¹¹² *Caeruleus* em latim significa azul escuro.

¹¹³ Provavelmente *Orchis morio*. Nomes comuns portugueses: erva-do-salepo, fatua e testículo-de-cão [?].

[fol. 72 v: vacat]

SPECIES ORCHIS

Também há uma *species Orchis* que tem folhas bem pontiagudas, mas muito pequenas e de uma plegada de largura junto ao caule. A sua florzinha também tem folhinhas, das quais três têm o aspeto como se fossem *Folia[s] Notha[s]*, isto é folhinhas falsas ou laterais. As mesmas são de cor um pouco amarelo-esverdeadas. A mais alta e mais acima é curvada e um pouco amarelada, mas a mesma não recobre de todo a mulherzinha. Mas o seu *pediculo* ou hastezinha é um pouco avermelhada no lado interior. As duas outras que tem nos lados têm uma cor mais escura, das quais uma está curvada para trás e a outra para a frente. A estas salienta-se a mulherzinha sentada como que numa cadeira ou assento e sobressai quase toda por cima das referidas folhinhas ou senta-se um pouco curvada ou inclinada, com a cabeça baixada ou deitada para frente quase até os seus seios; também é de cor amarela por dentro verde esbranquiçada. Mas do mesmo sítio sai de cada lado uma folhinha delicada que mal se consegue ver e que também são amarelas; o seu colo, joelho e manto ou capa são de uma cor negra, brilhante, feia ou hedionda, como [se fosse de] uma aranha castanha. Os seus joelhos sobressaiem muito e formam assim uma figura muito airosa duma mulherzinha subtil e delicada que tem como beira da sua saia o folhinha mais baixa de todas, que é muito pequena comparada com outras *speciebus*, mas tem a cor de cabelo loiro. Na sua parte mais baixa ainda nascem mais duas folhinhas embora muito pequenas que são da mesma matéria ou substância da folhinha mais baixa. As mesmas duas folhinhas são curvadas como se fossem os pés da mesma mulherzinha. No entanto *constituiren* ou *formiren* as mesmas a forma de uma aranha saltadora¹¹⁴ castanho-escura, que trincasse ou mordesse a barriga da mulherzinha, e é de tal modo parecida com a mesma que esta florzinha cresce e é encontrada no meio de muitas outras ervas. A mesma figura pode parecer tal e qual uma aranha de tal maneira que pode enganar o observador a não ser que a este lhe seja ensinado e demonstrado. Por vezes também se parece com uma mosca grande.

A flor desta *speciei* é muito mais pequena do que qualquer das acima referidas. Esta *species* também tem ao aspeto dum homenzinho que tem uma cara e barba muito escuras e também tem poucos vestidos ou manto. Fora disso, os olhos, barriga e nariz podem ser enxergados e distinguidos, tal como também os joelhos. Finalmente esta *species* só tem umas poucas raízes redondas, com a forma e tamanho duma avelã. No interior é muito [???]¹¹⁵ com grandes fusos, mas não tão branco como noutras espécies. Tem um cheiro doce e muito amoroso, mas um gosto muito aquoso, que esfria muito a língua. As suas flores nascem normalmente no *Januario*.

[fol. 74 v: vacat]

Fol. 75r – 77r (157 – 161):

ORCHIS ALBA

A *Orchis* branca tem uma raíz fibrosa e [???]¹¹⁶. Esta traz as florzinhas numa espiga, mas tão finas que em cada *spica* ou espiga [?] se encontram 16, de cor branca, mesmo branca de neve. As suas folhas são tão rijas e secas como as da erva nodosa chamada *Polygonaton*, contrariamente ao hábito das *Orcharum*. A florzinha da mesma mostra ou *repræsentiert* a figura de uma mulherzinha simples que está vestida de roupa singela ou pobre e que tem a cabeça baixada e parece muito magra e que sentada ou abaixada tem o trazeiro muito saído, e que tem a cara meio tapada pela frente da saia.

¹¹⁴ *Salticus scenicus*, aranha-zebra saltadora do hemisfério norte que não ocorre em Portugal.

¹¹⁵ Vocábulo ilegível.

¹¹⁶ Adjetivo ilegível.

Porque a mesma folha de baixo encobre a metade e a parte inferior da cara, de maneira a que não se veja a parte superior, como se a mulherzinha estivesse a mirar pela janela dum cárcere. A parte de cima da sua cabeça não se encontra encoberta de todo, tal como também as costas, ou por trás, a não ser como já se referiu pelo seu próprio manto. Quando agora se tocar de leve na mesma folhinha, que está encoberta, a mesma se abre com muita facilidade, mas se não for assim, nunca [se abre], ficando encerrada todo o tempo. Mas a mesma *clausturna*, ou a folhinha que constitui o cárcere, é dentada no interior e áspera de se tocar, uma vez que tem muitas *ordines Dentium*, isto são filas de dentes *disponiret* ou arrumadas umas ao lado ou a seguir às outras ao longo da mesma. Também tem de cada lado duas *Crenas* ou entalhes. Quando este se contrai perante a face da mulherzinha, ou se fecha outra vez, então as crenas ou entalhes também se contraem de forma tão firme e tão rigorosa como se fossem de uma única *substanz* ou corpo com a outra folha, pois como se estivesse colada à mesma. Quando for puxada ou descolada, volta a fechar-se, a não ser que se puxe ou torça para outro lado. Na parte mais acima, ao lado da boca está um pouco *malhada* ou maculada. Aí também se curva um pouco. Por cima da curva, nasce o nariz da florzinha, que está cheio de pequenos cabelinhos de cor ferrugenta amarelada. Mas a mulherzinha está sentada com os seios muito descobertos e um grande colo aberto. Mas o ventre tem-no coberto por uma capa ou mantilha, tal como é o costume das mulheres hispânicas ou das senhoras honestas.

Mas a folha mais abaixo de todas desta florzinha forma e figura nos joelhos e na barriga desta mulherzinha um aranha branca, com umas costas a sua cor é ferrugenta e abraça e toca com as suas asas na mulherzinha, que por sua vez também a abraça. Mas a mulherzinha tem na cabeça três botõezinhos e está envolvida num manto ou saia toda redonda e não solta ou ampla. Mas esta florzinha também tem a aparência duma donzela direita e em pé. A folha mais baixa em que está de pé, dá-lhe quase até às costas e é a dos braços dobrados. Depois ainda há, além da imagem da mulherzinha, cinco folhinhas quase do mesmo tamanho, sendo todas um pouco curvadas ou empenadas, mas ainda assim bastante grandes.

A flor toda tem uma espessura de cerca de duas polegadas. A sua cor tem um aspeto um pouco ferrugento. Mas as suas folhas têm quase o aspeto e a forma dos *Lillioru[m] convallium*, embora ainda mais dos *Poligonati*, muito secas e sem suco, não muito grossas. mas também não muito largas, e tal como as outras *specierum* com 4 ou 5 dedos de comprimento e com a largura dum polegar, e cresce muito densamente com muitos caules onde nascem depois as folhas e as flores.

Mas esta espécie tem uma raiz única que não é muito grossa e que cresce de travesso e que depois se ramifica em muitas outras raízes pequenas, que são quase iguais em tamanho.

Mas esta raiz não é *Bulbosa*, isto é avermelhada e nodosa, mas interiormente um pouco branca, embora tenha uma pele escura. Também tem um odor perfumado, tal como a nossa *species* ou género que cresce na água. Também um sabor muito doce e cresce até nos penedos e rochedos mais altos dos montes ou picos, no meio de variados arbustos e silvas.

[fol. 77 v–78 v: vacant]

FLOS IARI MEDII

A flor do *Iari* médio ou *Diacontij* é um pouco maior que a [da] família ou género mais pequeno da mesma. Também é um pouco mais branca no seu *pediculo* ou haste, e assim também tem um capuz muito mais comprido que é muito curvado. A[s] sua[s] *Anthera*[s] ou hastezinhas fibrosas no meio, direitas e atravessadas são de cor amarela e pendem um pouco sobre as folhas. Mas a flor referida tem estriazinhas sobre um fundo branco, cuja cor não é de sangue mas vermelha de fogo, tal como a parte de cima do capuz se torna um pouco escura. Mas a flor tem um aspeto todo igual ao da *Aristologiæ*¹¹⁷ isto é “Oster Lucey”¹¹⁸ ou raiz de pau¹¹⁹, com a forma duma campainha. Mas não é muito mais comprida que o dedo médio [até à] parte mais à frente, onde o capuz se dobra ou curva. Mas começa por uma cabecinha no seu *pediculo* ou pezinho, que não é muito mais grossa que uma palha mas de cor verde e ornado com muitas pintas ou placas amareladas. A partir daí esta vai-se sempre alargando até se tornar simples e branca.

A partir daí até ao seu *Pediculo* ou à sua hastezinha, salientam-se nove linhas duplas ou pares de linhas que são de cor vermelha escura. Entre as mesmas mas no meio dos *spacijs* há uma linha única e muito leve e subtil; além disso vêem-se entre as mesmas linhas muitos pontinhos muito pequenos, que ornam a florzinha. Mas as linhas médias curvam-se para trás contra a parte dianteira onde em cima são um pouco escuras e terminam. Mas a mesma flor em cima e onde termina é redonda e está aberta como a boca de uma lampreia. Da mesma sai uma *Anthera* ou tronco, isto é um botãozinho no lugar e com a aparência duma moca, que é de cor amarela, mas com uma forma curvada, tal como o capuz desta florzinha é muito curvo. O mesmo botãozinho ou o mesmo *caulæ* está interiormente ligado ao seu *pediculo* ou haste e tão larga como uma língua, que por baixo tem um saquinho ou bolhinha que está preso e agarrado em quatro sítios, de modo a poder ser visto quando numa certa época transpira um veneno amarelo. Finalmente esta *calvicula* ou a mais mediana e mais comprida das *Anthera*[s] está rodeada e vestida *circularter*, isto é numa roda por outras oito *Ordinibus* ou filas de tais *Antherarum* ou fibrinhas direitas, mas estas não são nem tão grossas nem tão compridas.

[fol. 80 v: vacat]

¹¹⁷ Aristolóquia. A descrição pode referir-se à *Aristolochia paucinervis* ou erva-bicha ou *Aristolochia pistolochia* ou pistolóquia.

¹¹⁸ Oster Lucey é o nome popular alemão (Osterluzei na ortografia atual) da *Aristolochia clematitis*.

¹¹⁹ Tradução à letra de “Holtzwurzel” provavelmente outro nome popular da mesma aristolóquia, hoje desconhecido.

FLOS NARCISSI

Rosinhas do Narciso ou

Florzinha do Açafreão-do-Prado¹²⁰

A mesma é de cor amarela e nasce ou cresce em Fevereiro nas colinazinhas ou montinhos ou sobre os mesmos, ao lado da *Hastula regia*, isto é a abrótea¹²¹; mas cresce quase sempre menos que um ou dois dedos acima da terra; é além disso, quanto à substância, uma florzinha muito mimosa, redonda e verde e tem um caulezinho que não chega a ter a grossura dum colmo. Mas as suas folhinhas, que não são mais de três ou quatro, nascem na raiz. Esta é muito subtil, delicada e alongada, quase como da erva *Poligonati*, embora ainda mais subtil e na parte de baixo muito finamente branca, e depois toda de cor verde brilhante. Algumas das mesmas têm o comprimento de três quartos dum côvado, etc.

Mas as mesmas, quando as flores começam a estar murchas, ficam em cima amarelas ou amarelecidas e continuam para baixo, até ficarem muito murchas e secarem. Mas o *caulis* ou haste destes *narcissi* não é muito áspero, mas redondo e boleado, tal como o *Juncus*, isto é as vergas, o mesmo não tendo nenhuma folha nem *genicula*, ou nozinhos. É também bastante rijo ao contacto, interiormente oco como uma flauta ou tubo. Mas no cimo de tudo nasce a partir do referido *cauliculo* ou haste uma *membranula* ou pelezinha com o comprimento cerca de dus larguras de dedo, que constitui um *involucrum*, isto é uma casinha ou cabecinha das mesmas flores. A partir das *membranæ* ou *involucri*, isto é da casinha ou pelezinha da mesma e da cabecinha do *sinu*, isto é o colo ou a parte de baixo nasce um *Calix* ou outro *Folliculus*, isto é botãozinho ou saquinho, na forma da sombra da salgueira¹²². Da parte superior nasce uma *Campanula* ou campainha amarela bastante grande (mas de acordo com a proporção e forma destas flores), que em baixo é bastante apertada mas verde, ou [pelo menos] tem vários veios verdes. Depois, a partir de cerca de metade do seu comprimento, expande-se numa *circumferentiam* larga; e finalmente em seis *Radios* ou folhinhas que se encontram em lugar das *foliorum Nothorum*, isto são folhinhas laterais e têm de ser vistas.

A partir destas ou entre as mesmas aparece um sino inteiro, redondo, que na sua mais alta *circumferentia* é muito largo e está dividido em várias *Crenas*, isto é partes entalhadas, embora [os entalhes] não entrem muito profundamente na florzinha, no entanto no mesmo sinozinho vêem-se tantas linhas das quais cada uma nasce da sua *Crena* ou *scissura*, isto é o entalhe, que para o fim se enrolam umas nas outras e se unem. Mas a substância ou metéria desta campânula é muito delicada, macia e subtil. Quando se lhe pega com um bocadinho demasiada força, fica logo colada aos dedos como se fosse folha de ouro batido. Mas também nascem no seu meio seis *Antheræ*, isto são hastes direitas, em cuja parte mais alta está pendurada atravessadamente um filamentozinho ou fibrazinha bastante comprido; no meio destas uma *Clanicula* [sic] ou mocazinha que sobressai um pouco mais do sinozinho que as *Anthera* [sic] que não atingem a *circumferentiam* ou beira do mesmo. Mas quando o sinozinho ou florzinha murcha ou seca e cai, o *Calculus* verde cresce completamente em comprimento e engorda um pouco na parte de cima; na parte mais fica mais delgado no perímetro,

¹²⁰ No original alemão Zeitlose.

¹²¹ No original alemão Apfedillwurtz. Em latim Asphodelus.

¹²² *Lythrum salicaria*.

mas mesmo assim um pouco triangular. Nas mesmas [flores?] se encontram depois pequenas bolinhas ou botõezinhos que são transparentes quase como cristal. As mesmas são muitas e de sabor um pouco amargo.

Mas esta flor toda, às vezes, tem o comprimento de um dedo e a largura de dois dedos travessos. A sua raiz é *Bulbosa*, isto é vermelha e cabeçuda, como o porro ou o alho. Mas por fora tem uma pele muito negra. Ao ser tirada encontram-se por dentro botõezinhos que na sua forma e cor são como castanhas, embora mais pequenas, entre as quais as mais interiores de todas luzem ou brilham muito. E as mesmas têm *Thalliæ*, isto são películas que são muito mucosas ou escorregadias, como as cebolas brancas. Mas não têm nenhum sabor especial; são insípidas quase como água.

[fol. 83 v-84 v: vacant]

[FLOSIRA]

FLOSIRA é um género ou uma espécie dos *Rosmarini* ou rosmaninhos.¹²³ Tem folhas [tais] como as da *salvia* ou *Mutula*, mas a sua flor é tão parecida ou idêntica às rosas encarnadas que, quando se coloca ou situa entre as mesmas, não se consegue *discernir* ou distingui-la, a não ser que [alguém] se dedique muito a prestar atenção às suas diferenças. Mas cada florzinha tem cinco folhinhas que não têm grandes entalhes, tal como as rosas vermelhas selvagens.

Flos stoenes é um pouco maior do que esta; do que Poppelrosen¹²⁴ [é] branca, [tão] branca-de-neve como a silva branca.

Flos pseudorosmarini, isto é a flor do rosmaninho selvagem ou falso; é um pouco mais pequena que a do *stores* branco.

Flos saliculæ Montanæ. Isto é a flor do salgueirozinho dos montes; é pequena, amarelada e dividida em quatro folhinhas à volta; tem duas grandes *Antheras*, com uma cor muito amarela, que se levantam no meio. As mesmas florzinhas nascem muitas vezes *coniugiert* em conjuntos de 12 nos *sinibus* das *foliorum*, cada uma no seu *pediculo* do *caulae* ou haste. Mas floresce vulgarmente em Março ou Abril.

*Flos Titymalli Montani*¹²⁵ tem primeiramente ou no princípio folhinhas amareladas e redondas. Da mesma nascem cinco raminhos, dos quais dois são pequenos, mas os outros três do mesmo tamanho, e depois ainda duas folhas, que são ainda mais amarelas, que *constituiren* e conjunto um *circulu[m]* etc.

Da mesma ainda saiem mais dois raminhos, tendo cada um uma folhinha especial, de onde nascem as florzinhas. Mas cada florzinha tem quatro folhinhas, das quais ou debaixo das quais cada um toma a forma e *constituiret* uma cabeça de boi com dois cornos, de maneira que se encontram de pé oito cornos na sua *circumferentia*. Mas no meio das mesma quatro folhinhas levanta-se um *Apiculus* ou biquinho, que é ainda mais amarelo que as folhinhas nos outros raminhos; cada folhinha das quais *formiert* o aspeto dum coração, sendo as mesmas também um pouco grossas. Finalmente ergue-se das flores mais ao meio e mais levantadas uma casinha triangular ou *Vasculum*, que também tem três biquinhos. O *frutex* ou arbusto deste *Tythimali* já foi *describiret* antes.¹²⁶

[fol. 87 r: vacat]

¹²³ Não foi possível até agora traduzir o nome Flosira. As plantas que Thurneysser descreve nesta secção não têm semelhanças nenhuma com a flor do rosmaninho ou alecrim, mas antes com vários géneros da família das rosáceas e possivelmente outras. Supõe-se por isso que ele dava um sentido mais alargado à designação de *Rosmarinus* do que actualmente.

¹²⁴ Não se conhece tradução portuguesa para o nome alemão “Poppelrose” que se refere possivelmente à *Lavatera thuringiaca*.

¹²⁵ Possivelmente uma espécie do género *Euphorbia* (leiteira, leitarega, maleita, morgancheira, titímalo) da família das *Euphorbiaceae*.

¹²⁶ Titymallus minima, ver também este manuscrito fol. 15r – 15v.

MARGVACA

*Marguaca*¹²⁷ é para os lusitanos a *Camomilla sylvestris*, isto é a camomila brava e cresce sobretudo nos terrenos ou campos em repouso ou incultos ou em baldios e tem uma raiz lenhosa e supérflua, com o comprimento de cerca dum dedo e um pouco mais grosso que um colmo ou *culmus* de palha. Mas o seu *Caulis* ou haste nasce da mesma torto ou inclinado, do qual também rebentam raminhos desde a raiz; mas o mesmo é um pouco ramoso e em baixo branco; mas em cima, onde se elevam *Rami* ou raminhos, é ligeiramente acastanhado. Mas tem quatro ou cinco *Ramos* ou raminhos que são curvados como um arco e com a espessura semelhante à do meio dum *Culmus* ou colmo de palha, nascendo as folhinhas destes raminhos só a partir do meio dos mesmos. Mas a altura ou comprimento de muitos destes raminhos é de três quartos dum côvado¹²⁸. As mesmas folhas têm o aspeto e a forma parecida com as folhas do *Coriandri*¹²⁹ e *Cenonopi*,¹³⁰ isto é da diabelha¹³¹. [É] ramosa, bastante grossa, de substância subtil, semelhante ao nosso «Kauchel»¹³², incluindo a sua cor, nomeadamente um pouco acinzentada e dum cheiro mimoso. No cimo de tudo na ponta, cada raminho tem duas ou três *Umbellas*, isto é capelos, cada um dos quais tem seis ou sete *Flosculos*, isto é florzinhas, que ao longe se parecem como se fossem florzinhas de *Millefolij* amarelas, com que muitas vezes são confundidas e colhidas; no entanto são um pouco maiores e mais moles e têm três *ordines* ou filas das suas *foliorum nothorum*, isto é folhinhas falsas ou laterais que cercam a florzinha no exterior. O sabor das florzinhas é bastante quente e por isso pica e arde, tal como a água-ardente queima a língua, o que faz sentir uma deveras curiosa *subtilitet* desta ervinha, que no entanto não é prejudicial ou lesiva, mas pelo contrário penetra e permeia velozmente e aquece ou queima muito suavemente, mas que antes de se esmagar com os dentes e se desfazer com a língua tem quase um odor como maçãs, pelo que também se chamam maçãs de «Kütten»¹³³. As florzinhas desta ervinha não têm *Radios*, isto é raios, mas são apenas como um olho perfeito nas suas *Palpebris*, cujo papel aqui é desempenharem e *compliren* as *folia Notha*.

[fol. 88 v: vacat]

¹²⁷ Margaça.

¹²⁸ Cerca de 30 cm.

¹²⁹ Coentro.

¹³⁰ *Coronopus* (?)

¹³¹ “Rappenfueß” no original, mas em alemão moderno Rabenfuß ou Krähenfuß. *Plantago coronopus*, diabelha.

¹³² Termo de significado desconhecido.

¹³³ “Küttenöpfel” no original, termo de significado desconhecido.

XIPHION*¹³⁴ *MONTANVM VEL

HYACINTHVS*¹³⁵ *MONTANVS

Esta ervinha dá as mais belas florzinhas vermelhas, cada uma das quais tem seis folhinhas compridas com quase dois dedos travessos. Na parte mais abaixo, cada uma das mesmas folhinhas tem um *Pediculum* ou hastezinha comprida e esguia, e [estas] estão *disponiret* com o aspeto dum sinozinho; mas estão entalhadas quase até ao seu *pediculum*. A folhinha mais acima [de todas], que está na ponta é a maior de todas e está curvada para baixo, e também tem entre todas as outras a cor mais bonita e mimosa, nomeadamente como um vermelho rosado de pintarroxo. A folhinha é como um *cimb[r]a* ou barquinho fundo.

Depois [e] de cada lado seguem-se ainda um pouco mais abaixo duas folhas, que são um pouco mais pequenas, e também todas da mesma cor, mas, mesmo assim, um pouco mais escuras. As mesmas atingem quase os *Latera* ou lados da folhinha mais acima, que são planas e não curvadas, e embrulhadas de forma boleada ou redonda. Finalmente seguem-se também as duas folhas mais pequenas [de todas] duma cor mais clara que a das *Jaceorum*, isto é das florzinhas da Santa Trindade, ou também das violetas, por dentro e por fora, que depois, quase no meio, estão marcadas por meio de uma *Lineola* quadrangular, longa, larga branca como neve que se levanta da parte mais baixa e acaba quase no meio da folha, que depois está circundada por meio duma linha perfeita e de cor purpúrea. Mas estas duas folhinhas estão finamente entalhadas ou recortadas lateralmente todas à volta. Finalmente segue-se a sexta e mais baixa folha, que é maior que as duas seguintes, sem que seja um pouco menos pálida ou inferior, a qual também está assinalada por meio duma linha branca mais pequena, que não é tão larga como a anterior. Mas a mesma curva-se ao comprido. Também atinge com as suas pontas as beiras das folhas que se encontram a seguir, as quais estão viradas dos lados um pouco para dentro, de tal forma que *constituiren* e *Describiren* juntamente com as mais baixas de todas um triângulo ou figura com três vértices, tal como nas [folhas] azuis. As outras três folhas superiores também são interiormente brancas *in collo*, isto é no pescoço ou nos seus *pediculis*. No entanto as mesmas não se podem propriamente ver, a não ser que se abra a florzinha etc.. Do interior da *Cymb[r]a* ou das folhinhas superiores aparecem três *Antheræ* tortas nos seus *pediculis*, isto são hastezinhas, penduradas ao travesso, com cerca de um dedo de comprimento, que caem para baixo. As mesmas são amarelas e ficam debruçadas um pouco sobre a folhinha mas sem lhe tocarem.

[fol. 90 v: vacat]

¹³⁴ *Xiphion* (do grego significando espada) é um nome antigo do gladiolo.

¹³⁵ Jacinto.

LAMERINA

Esta é chamada assim por que é como se tu disseses *Herba coenosa*¹³⁶, isto é erva ou verdura lodosa ou lamacenta que quando [se encontra] à beira dum rio costuma estar besuntada com lama e cola como se tivesse sido lavada com a mesma. Mas é uma ervazinha rastejante que se estende ao longo da terra, com um comprimento de quase um côvado, sempre acompanhando a terra. Mas tem uma raiz toda quadrangular; mas os seus *caules* ou hastes são um pouco mais grossas que um colmo e de cor vermelha. Mas os seus raminhos são em regra tortos ou curvos. Nos mesmos seus raminhos rebentam *gradatim*, isto é seguidos sucessivamente, finamente [separados]. Mas estende ou espalha os seus raminhos muito longamente e afastadamente. As suas folhinhas são quase semelhantes às folhas dos *Pulegij Lusitanici*, isto é dos poejos lusitanos, sendo muitas vezes confundidos com estes, ou com as folhas das *Anagalledis*, e mesmo assim um pouco mais compridas que as folhas do *Blithi* ou macelga. No entanto, as suas hastes são um pouco mais redondas e largas, quase como duas vezes um dedo médio, mas três vezes mais compridas, de forma a se aguçarem lentamente. Mas só tem uma única raiz, que é preta por fora, mas achando-se por dentro duma substância e matéria da cor da erva e lenhosa.

[fol. 92 r/v: vacant]

¹³⁶ Certamente em lugar de *cænosa*.

SILPHIVM¹³⁷ VEL LASER LVSITANICVM

Este cresce nas montanhas mais altas e nos seus desertos que são batidas pelos ventos. É uma erva mimosa e muito bela, que nasce ou espreita da terra, no princípio do *Martij*; tal como uma rosa, pois como se se tivesse coberto um belo [fundo] amarelo com mínio e cinábrio transparentes. Tem uma *Bullosam Radicem*, isto é uma raiz muito nodosa ou com muitos botões, que não é muito grande, mas alongada, mas por dentro e por fora de cor amarela. O seu *caulis* ou haste fica enterrado, é bastante grosso e revestido de folhas escamosas. [A erva] também muito succulenta, amarela e delicada e fina ao tacto, e quanto mais alta estiver [a erva] mais grossa fica [a raiz] e um pouco torta ou curva, por vezes com a grossura dum dedo; quanto à forma é de resto redonda ou abaulada. Quando agora se eleva sobre a terra ou sai do interior da terra, vai formar todo ele uma cabecinha redonda e alongada, tal como o *caulis* ou haste é encabeçada. Assim também fica revestido de folhinhas em escamas ou *squamatum*, isto é muito chegadas e um pouco *conterquirit* ou curvadas, tal como as folhas do *Amomi*, mas acima as folhinhas ficam redondas de modo a formarem o *sinum* ou uma curva, como se tivessem sido puxados para dentro. Mas exteriormente, mas no dorso [sic] têm um *tuberculum* como uma corcunda. Mas são amarelas, subtis e delicadas [?], mas em cima muito vermelhas tal como os *stolores*¹³⁸ ou estolhos do *carasco*¹³⁹. Quando primeiro saiem da terra e ao estarem saídos de forma a que estejam expostos ao ar e ao sol tornam-se rapidamente vermelhos. Mas [tanto] o *caulis* ou haste como as folhas e a raiz são todos da mesma *Quantitets*, tendo muito suco, pelo que estão quase sempre muito húmidos. A flor do mesmo é amarela nos seus *involucris* ou capuchinhos. Porque está *involviert* ou coberta por quatro folhinhas que também são vermelhas. Mas tem oito folhinhas muito pequenas e tem no meio grãosinhos, que não são muito diferentes da semente branca da papoila. Depois tem debaixo das folhinhas um *Vasculum* ou casulinho quadrado, tal como os *Ciceros* ou grão-de-bico que estão cheio de grãosinhos brancos. Os mesmos grãosinhos são muito puros. Destas florzinhas cada *Silphium* tem em geral dezasseis, juntas numa *Umbella* ou umbela. Eu acho que começa a florescer em Maio. Quando se mastiga ou esmaga com os dentes, a haste, a flor ou também a raiz, [estas] libertam um suco leitoso muito branco, que tem um sabor amargo, *astringierend* ou que contrai [a boca], como o das nossas bolotas. Atrai poderosamente a *Pituitam*¹⁴⁰ e congela ou endurece a mesma como [se fosse] gelo. Mas esta erva não cresce, juntamente com a sua raiz mais do que seis dedos de altura. Assim em geral cresce entre arbustos *fruticibus* ou frútices do *Rosmarini* da *spicæ* e *stores*.

Encontram-se nas montanhas altas da *Lusitania*. As *Vascula* das mesmas também tem no seu interior um suco viscoso e mucoso, de forma que quando se rompem ou partem, o seu muco se deixa esticar e fiar até a um meio côvado, sendo tão subtil como os fios com que as aranhas fazem as suas teias, de tal forma que mal se conseguem ver.

¹³⁷ O mesmo que *Silphion*.

¹³⁸ *Stolones* (estolhos).

¹³⁹ *Carrasco*

¹⁴⁰ Pituíta (conceito da medicina antiga), ranho.

NARCISSVS FERRUGINEVS

É uma *species* dos *Narcissi*, que se encontram ou acham bem raramente, e também cresce entre os *Rosmarinum stöenem* e *Matulam*, e sobretudo nas rochas e escarpas das mais altas penhas e montanhas. Mas *in Lusitania* encontram-se sobretudo cinco *species* ou géneros dos *Narcissen*.

1. O *Narcissus* grande comum, com as folhas grandes.
2. Aquele com as folhas estreitas.
3. O amarelo.
4. O *Narcissus* branco, que é o mais pequeno de todos.
5. O *Ferrugineus*, isto é o *Narcissus* que é da cor do ferro ou da ferrugem.

Mas entre estas *speciebus* o primeiro a florescer ou a dar flor é o amarelo, depois também o branco, em terceiro lugar o da cor de nogueira e, em último lugar os dois maiores.

Mas a quinta e última *species* não cresce além de meio côvado de altura e tem uma haste única redonda, e também não tem raminhos. O mesmo não excede a grossura dum colmo quando acabar de crescer completamente. Num dos lados o mesmo é verde, mas do avesso, tal como o *Jarum* ou o *Dia[s]contium* grande está salpicado de placas e máculas. Também o mesmo *caulis* ou haste está revestida com seis ou sete folhinhas verdes que têm cerca de um dedo de comprimento um pouco grossas, macias e apicadas como as folhas do alho-porro, cujas *Fimbriæ* ou bordas estão um pouco curvadas para dentro, cerca da quinta parte da largura dum dedo mindinho, onde não se conseguem ver muitas *Venæ* ou veiazinhas sem ser umas poucas no meio. Mas aparecem ou nascem sempre ao mesmo tempo duas [folhas] de lados opostos dos *caulæ* sem *pediculis*, isto é sem hastezinhas. Porque cada uma, na sua origem, em lugar do[s] *pediculi* tem uns nozinhos, estando estes assim sempre mutuamente *opponiret* e estão colocadas umas a seguir às outras, quase a meio do seu *caulis*, e depois a uma mão mais acima até às pontas, cada uma com cerca de dois dedos de altura. Mas o *caulis* em cima ou o mais acima é branco na altura de quase dois dedos e é em toda a parte igualmente grosso e direito, a não ser mais em baixo ao pé da raiz onde está um pouco curvado. Também a sua raiz é toda *Bulbosa*, isto é nodosa e cabeçuda, embora não muito maior que uma avelã, preta do lado de fora, mas interiormente branca como neve. Mas está coberta de duas *Tunicis* ou pelezinhas, que não é outra coisa senão a velha, escondida e carcomida raiz, porque a raiz está dividida em dois pedaços como as favas. Pelo mesmo meio penetra o *caulis* ou haste até à raizinha pequena e fibrosa, e nascem todas da raiz antiga, que [vai sendo] chupada tanto tempo que acaba por ficar rugosa.

Mas quando se mastiga a raiz antiga, esta primeiro queima e *exasperiret* a boca, mas finalmente o seu sabor acaba por ficar um pouco doce. Também tem muitas *Fibras* ou veiazinhas. A sua flor por fora é castanha como uma panela e ao pé das suas veiazinhas está um pouco salpicada ou malhada e sobretudo na sua borda, onde é um bocado branca. Mas no meio, e sobretudo na sua *Extuberentia*, a saliência ou curva são um pouco verde-amareladas; mas por dentro não são vermelhas, mas são um bocado amareladas como as flores amarelas pálidas das *Hiosciamî*. Mas a sua florzinha tem seis folhinhas, que no meio e ainda no fundo são muito amarelas. Mas as suas *Antheræ* são muito mais curtas que as folhas e bastante grossas e largas.

Também a sua flor não tem nenhuma *folia notha*, isto é folhas falsas ou exteriores, que as envolvesse ou cercasse, mas antes as três folhas mais exteriores da mesma, que, como são um pouco maiores que as outras, abraçam as outras três como se estivessem no seu seio. Também não tem nenhum *pediculum* ou hastezinha, mas sai diretamente e direita do seu *caulæ*, uma vez que cada um só tem uma única flor cuja cor vermelha está salpicada com cor de ferro ou ferrugem, o que a faz parecer um pouco azulada e acinzentada; e por isso é semelhante ou idêntica à *sardoa*¹⁴¹.

¹⁴¹ *Herba sardoa* (?).

[fol. 97 v-98 v: vacant]

Fol. 99r (205):

Narcissus ferrugineus alter

Isto é o outro narciso de cor de ferro.

Tem uma flor idêntica à *sordoa*¹⁴¹¹⁴¹ prussiana que tem uma flor bastante grande de seis folhas *deponiret* na forma dum sino que mesmo assim toda ela mede até ao sítio onde o seu *pediculo* ou haste está fixada quase dois dedos travessos de comprimento. Por fora é castanho-escuro salpicada. Mas os *Nervi* das suas folhas que as atravessam e curvam as mesmas, são interiormente ainda muito mais malhados, sendo essas malhas ou máculas iguais às máculas das flores dos *Hiosciam*, como se as mesmas *fila* ou penazinhas fossem vermelho-esbranquiçadas. Tem uma cor castanho-escuro por fora como frigdeiras ferrugentas, mas por dentro com pontos amarelo-esbranquiçados.

[fol. 99 v-100 v: vacant]

Fol. 101r (209):

• 30 •

PHV BULBOZVM MONTANVM¹⁴²

Esta florzinha é como o milefólio vermelho. Tem umbelas ou *umbellam* muito pequenas que interiormente tem três *fila monta* com uma *Clavicula* ou um botãozinho que ainda não está saído da flor ou é visto fora da flor porque a mesma tem uma haste bastante comprida. Mas não se encontram na mesma flor mais que 4 folhinhas.

¹⁴² *Valeriana phu* (?).

[fol. 101 v-102 v: vacant]

Fol. 103r (213):

• 31 •

MELILOTVS PVNGENS

O melilotus¹⁴³ espinhoso ou pungente dá e gera flores logo amarelas numa cabecinha ou botãozinho que são um pouco mais pequenas que as florzinhas pálidas do nosso *meliloti* vulgar. Cada uma tem quatro folhinhas, e no meio da mesma está aparece o feitiço dum bichinho como [se fosse] uma melga que pica com um *Rostro* ou bico formado a partir de oito *Antheris* e *Filamentis* etc.

Mas esta flor tem cinco *folia notha*, isto é folhas laterais, que a envolvem. As três maiores das mesmas traz nas costas forma a parte mais baixa. Mas as outras duas ficam por cima, sendo as mesmas muito profundamene recortadas, estreitas e peludas ou ásperas, assim também tem finalmente um *Vasculum* ou cabecinha alongada branca como uma semente de centáurea.

¹⁴³ Flor-do-mel (?).

[fol. 103 v-105 v: vacant]

PROSEVES¹⁴⁴ VEL VNGVES MARINI¹⁴⁵

Item PES DE CAPRA

Isto é uma coisa muito maravilhosa. Porque é em parte um vegetal ou um *frutex*, em parte também é uma pedra, e finalmente também é um bichinho vivo. A sua figura ou forma tu encontras na mesma proporção fol: 38, fac. 1¹⁴⁶. Ali também se encontra figurado e retratado na sua respetiva proporção o bichinho vivo que cresce no seu interior.

Pois em primeiro lugar está plantado [como]um *frutex*, isto é um frútice ou arbusto ou *planta* e vegetal térreo, uma vez que tem raízes tal como outras *plantæ* ou vegetais térreos, e [estas raízes são] bastante numerosas, embora pequenas e amareladas que estão agarradas às fendas ou rachas das rochas onde cresce e está enraizado, por onde sem dúvida extrai das rochas e fragas de pedra o seu *Nutrimendum* ou alimento, porque então o bichinho que cresce para cima interiormente ou exteriormente não teria alimento ou *nutrimendum*, sobretudo porque, uma vez que está pegado, não se pode afastar de onde está. Assim também tem um *caulem*, ou uma haste ou pé, tal como outros vegetais térreos, que tem uma forma redonda, mas quase não tem a grossura dum dedo; mas a sua cor é negra sem deixar de ser na sua raiz um bocado vermelha como sangue. Os mesmos *caulium* ou hastezinhas nascem da raiz, às vezes em grande número. Assim crescem quase no meio do *caulis* ou tronco raminhos, em cima dos quais está colocado um material que parece ser [feito de] *Vngues*, isto é das pequenas unhas dos pés das aves, tal como os *Frutices* ou arbustos *spargieren* ou estendem de ambos os lados os seus *Ramulos* ou raminhos.

Mas por cima do *caule* ou troncozinho deste arbustozinho traz ou gera um *fructum* ou frutozinho, que é da espécie ou género dos caracóis ou das *Concharum*.

Além disso também dá e tem *in ore Conchæ*, isto é na base da valva uma matéria como [se fosse] uma flor vermelha alongada com a forma ou aparência duma vagem de ervilhas fechada quando esta começa primeiro a nascer ou a emergir do seu capuchinho e se mantém, podendo ser propriamente apercebida ou vista nas [espécies] novas ou jovens.

Depois também tem no *principio* ou início do *caudicis* primeiro na sua raiz várias *Annata*, isto é excrescências laterais, como se sobre o seu musgo também teriam crescido *Capillus Veneris* amarelos, sendo muita a sua erva ou musgo, mas muito delicada e minúscula, a qual assim *connectiret* ou acolhe pela mesma erva estes *proseues*¹⁴⁷ e as *Conchas* ou valvas (assim chamadas *Mixilahon*¹⁴⁸ e foram [descritas] nos anteriores 48 *folio facie i delijniren folio 51* mas *facie secundo describiret*)¹⁴⁹ de forma tão firmemente pegada que as duas *substantien* são

¹⁴⁴ Manifestamente uma transcrição fonética do plural da palavra percebe.

¹⁴⁵ “Unhas marinhas”.

¹⁴⁶ Referência a ilustração que se deve ter perdido.

¹⁴⁷ Perceves.

¹⁴⁸ Mexilhão?

¹⁴⁹ Referência a ilustrações que se devem ter perdido.

incorporiret e unidas num mesmo corpo. Disso também deve ter resultado dizer-se que o *Conchus Mixihaon* é um *Cunnum*, isto é um órgão genital feminino que está coberto de cabelos ramosos e espinhosos. Depois, quando se *avelliret* ou arranca a mesma ervinha das rochas ou fragas, então fica agarrada uma parte às *Conchis* ou valvas.

Finalmente este ser ou planta tem um *Triplici[s] corticem*, isto é casca [?] ou pele tripla e também uma diferente *medullam* ou tutano.

Por outro lado

Mas o facto de esta excrescência¹⁵⁰ ser uma pedra ou uma matéria pétreia, pode ser comprovado suficientemente, conquanto o seu fruto é em parte de uma matéria pétreia na valva que constitui (como tal já se referiu) de preferência o seu *fructus* ou fruto. Mas dos mesmos chega a ter muitas vezes 50, os quais juntando duas *semiconchas* ou valvas *constituiren* ou formam uma concha comprida e bicuda, tal como uns *Maxilhaons*, dos quais nos maiores se juntam os seus bicos com os dos mais pequenos. Quando estes se juntam numa *Concava Circumferentia* isto é uma figura redonda e encurvada [ficam] com o aspeto dum *Vnguis Milvy aut Vlulæ*, isto é uma garra dum abutre ou mocho. Depois destas seguem-se sucessivamente para baixo as pequenas *squamatum* como escamas. Mas quase ao meio, mas na divisão dos *cauticis* ou arbustozinhos em ambos os lados está assente uma que é um pouco maior de baixo da qual se seguem duas um pouco mais pequenas, de forma a *constituiren* com a de cima um *Triangulum*. Depois seguem-se em cada *marginem* ou borda três do mesmo tamanho. Depois destas nascem ou formam-se [outras] muito pequenas.

Todas elas têm uma cor ou um brilho como as unhas das mãos humanas, mas são ainda um pouco mais pálidas. Mas todas estas *conchulæ* ou valvinhas tem por dentro uma pele negra e estão pegadas firmemente, densamente e duramente umas às outras.

Em terceiro lugar ou finalmente

A *materia* desta excrescência¹⁵⁰ é de um *Animal* ou bicho, em primeiro lugar porque o *caudex* ou arbusto está revestido duma verdadeira pele, nomeadamente porque em primeiro lugar é rugosa com muitas escaminhas pequenas e duras, como as cobras ou também o peixe *Lixa*, sendo castanho-avermelhada ou negra-acastanhada. Mais em cima está uma e depois [há] outra que é da cor das castanhas, encolhida e finalmente por baixo de tudo [há] carne revestida de uma pelezinha muito subtil e negra. Depois tem uma *carnem* ou carne verdadeira, transparente de cor branca ou vermelha esbranquiçada que tem um gosto muito delicado e dá um muito delicioso *nutrimentum*. Além disso, no meio tem um *Viam* ou caminho, como [se fosse uma] barriga que ao mesmo tempo é a *medulla* ou tutano do mesmo *caudicis*. Finalmente a *Concha*, que encabeça o *caudice* tem por dentro agarrado um bichinho que é vivo e encerrado na mesma [concha] e é semelhante às *conchis Camerons* (tal como está *depingieret a fol: 48. Fac. 1* mas *describiret a folio 50*. Mas o mesmo bichinho tem

¹⁵⁰ No original está a palavra “Gewächs” que tanto pode ser usada para significar planta como tumor, isto é, algo que cresce. Na tradução não se quis optar por “planta”, porque o autor provavelmente quis utilizar propositadamente um termo que deixasse em aberto se se tratava de algo de natureza vegetal ou animal, para não antecipar a conclusão final do seu raciocínio, que era tratar-se de algo de natureza animal. Usar o termo “excrescência”, embora esta palavra não seja uma tradução exata, tem a virtude de preservar a ambiguidade propositada do autor.

doze pezinhos pequenos, rugosos, compridos e de cor castanha que estão todos arrumados ou dobrados e curvados e num *Circulum* como num bretzel ou num nó.

Mas nesses pezinhos cada um está por sua vez fendido e *di[v]idiret* na ponta da frente como [se fosse] um garfinho, de maneira a ter assim 24 pés. Assim também tem uma boca ou focinho, tal como a cauda dum escorpião, bicuda, branca [que se encontra] de baixo da barriga, estando escondida entre os seus pezinhos, mas que eu vejo muito mais como sendo a sua cauda, e considero que tem a sua cabeça e o focinho por baixo, de modo a estar pegado ao *caudice*. E aí é também o branco é mais espesso e mole, e tem os pés mais pequenos. Mas estende-se para fora das suas cascas toda como uma goela e em baixo até à raiz. E não longe deste sítio tem um focinho muito largo, grande e transparente.

Crescem vulgarmente no mar, nas rochas ou fragas de pedra nas quais se metem as suas raízes (tal como já se tinha dito) e se agarram com muita força e grossura e são vulgarmente apanhadas ao mesmo tempo com as *Lappis*, fora disso só muito raramente são levadas até ao mercado. Aprecia-se muito o gosto com que fica o vinho quando se comem acompanhados da bebida e a comida do costume.

[fol. 110 r/v: vacant]

PARS SECVNDA

**Índice e Descrição de vários Bichos e especialmente
de Bichinhos Aquáticos que
se encontram na Lusitânia,
mas que na nossa Terra
não se costumam ver.**

Iniciado em Lisboa

Ano de Cristo

1555 e 1556.

As viagens e caminhadas de uma pessoa pensadora
profunda e hábil são superiores a quase todos
os *Academiarum Studijs* ou
dedicação à *filo*
-sofia.

Plutarco.

Peregrinatio alit sapientiam.

Quem caminha por país estrangeiro,
fica a conhecer muitas coisas estranhas,
alcança assim sabedoria, compreensão
e muitas vezes grande fortuna.

I.

Dos bichinhos e peixes
devem ser inquiridas e
anotadas sobretudo as
seguintes circunstâncias.

I. *COITVS*. Isto é em que época do ano e como se semeiam.

II. *PARTVS*. Isto é o nascimento, do qual deve ser observado o modo como parem e quando e também quantas crias.

III. *PVGNA ET AMICITIA*. Isto é com que bichos do seu *Generes* ou género se têm uma *Antipatiam* ou uma *Simpatiam*, isto é uma amizade ou comunhão natural ou, pelo contrário, inimizade e ódio natural.

III. *MOTVS*. Isto é o seu movimento, se são rápidos e ágeis ou inertes ou muito lentos nos seus movimentos.

V. *VOX*. Isto é a sua voz, se também têm uma voz ou não.

VI. *CAPTURA*. Isto é como, quando e com quê podem ser seguidos e capturados.

VII. *CARO*. Isto é a sua carne, se é branca e tem um gosto bom. Se é densa e espessa ou magra e solta. Idem se tem ossos, espinhas, penas e escamas.

VIII. *BONITAS in tempore*. Isto é em que altura do ano devem merecer a nossa melhor atenção.

[II.]

Das tencas.

As tencas alimentam-se do seu muco, e outros peixes procuram nele o seu alimento, quando são postos juntos em água limpa, até eles o terem comido todo. O Padre Arnn em Danzig tem muitas nas suas fontes artificiais. São negras. Gostam de comer fígado porque têm uma carne muito doce.

Dos castores há muitos em Danzig de baixo das pontes; quando são abatidos a tiro, correm para dentro da água e deixam-se ficar um dia ou quatro, até ficarem meio apodrecidos.

Os pimpões têm a ver com Botten¹⁵¹.

*Radunen*¹⁵², carangueijos.

Na décima terceira página estão delineadas ao lado várias imagens de peixes¹⁵³ que em parte não têm nomes aí consignados, como [por exemplo] as duas mais acima; mas as duas mais abaixo estão *intituliret* com as *Appelationibus savella* e *Sardinia*¹⁵⁴, sem mais nenhuma descrição. O mesmo acontece na folha 14^a em que ao nosso lado está *Appingiret* uma figura sem qualquer descrição ou nome, mas que eu considero e vi como a figura e retrato de um bichinho marinho

III.

LAMPREA LVSITANICA

Esta é uma *Species* ou género dos *mustularum*¹⁵⁵ ou *Anguillarum*, isto é enguias, o mais delicioso e nobre de todos os peixes, das moreias[?]¹⁵⁶ do mar, com as suas manchinhas e máculas com que estão salpicadas as suas peles; mas no corpo é parecido e idêntico com as enguias. Mas tem em geral o comprimento de um côvado¹⁵⁷ e quase como um lúcio, que também é tão comprido [e?] grosso, nomeadamente três dedos travessos de grossura.

A sua cabeça é da mesma grossura que o corpo, e assim também a cauda não é fina e aguda como nas outras enguias, mas um pouco grossa como nas *Viperis* ou áspides; quase a meio do dorso tem um *Pinnulam*, ou uma barbatana especialmente espinhosa, contra o que é habitual em todas as outras *Specieru[m]* ou no género destes peixes. A seguir a esta começa uma *continua Pinna*, isto é uma barbatana contínua com que a parte mais posterior do dorso está toda revestida até à ponta da cauda e estende-se para além da mesma também para de baixo da barriga, quase além da metade, pois muito mais longe e também mais larga que no dorso que é de com muito negro e azulado à mistura e mais negra que o corpo. Ao tacto a mesma *continua Pinnula* é uma *Membrana* ou uma pelezinha pergaminhosa. O corpo da mesma é quase todo abaulado e redondo, com a única exceção da cauda onde está um pouco achatado ou anguloso, tal como nas enguias, embora não tanto. A cor do mesmo é como celeste luminoso ou azul acinzentado, mas não totalmente, estando nalguns sítios *interrumpiret*

¹⁵¹ Botten, na ortografia atual Bodden são rias, isto são lagunas estuarinas de água salobra separadas do mar aberto por línguas ou ilhas alongadas características do litoral sul do Mar Báltico.

¹⁵² Rio Radunia (em língua polaca) ou Radaune (idem alemã) perto de Gdansk (em língua polaca) ou Danzig (idem alemã).

¹⁵³ Ilustrações que se perderam.

¹⁵⁴ Legendadas como sável e sardinha.

¹⁵⁵ Significado e tradução desconhecidas.

¹⁵⁶ Da palavra “Murtten” no original não se conhece o significado, mas é possível que a intenção era de escrever “Muränen”, isto é moreias.

¹⁵⁷ Cerca de 40 cm.

ou manchado com máculas ou malhas que são bastante grandes e das quais algumas *formiren* um *circulares Ductus*, isto é com o aspeto de uma pulseira unida que dá a volta ao corpo, tal como nas *Murenen* mas muito mais ténues e subtis e com um desenho mais delicado. Pois tal como as moreias têm estrias bancas-de-leite ou *Maculen* num corpo ou pele castanha, assim a *Lamprea* também tem, no seu corpo ou pele azul-celeste, estriazinhas, máculas ou pontinhos que nela não alastram umas para dentro das outros como nas moreias. Mas a *Lamprea* na barriga é muito mais branca do que noutros sítios do corpo. Também parece como se não tivesse nem cabeça, nem olhos, nem *Brarchas*¹⁵⁸ ou guelras e faces. Porque a boca está sempre aberta como um círculo redondo e julgo que certamente podia contraí-la ou fechá-la, mas parece ter sido cortado no meio e que assim fica um buraco mesmo no meio que fica sempre aberto. E também [a boca] é tão larga que se podia engolir a si mesmo. A goela até ao fundo forma-se como um entalhe redondo, apertando-se para o fundo. Mas a mesma goela está munida e *armiret* de ambos os lados com muitas filazinhas de espinhos¹⁵⁹ amarelados que não são rijos, mas parecem de ambos os lados como a pele de uma língua de vaca.

O seu *Bucearum Circulus* ou *Designatio* da face fica atravessada mais abaixo na barriga como uma fendazinha¹⁶⁰.

A cabeça (como já se disse) quase que não se nota, tal como os olhos quase que não se podem *deph[r]endiret*, a não ser que os olhos sejam os primeiros *Foramina* ou buraquinhos que se encontram de ambos os lados e se distinguem dos que lhes seguem mais adiante como sendo os mais próximos do buraco da boca, estando os que lhes seguem mais distantes uns dos outros e maiores e sendo muito maiores e mais largos. Porque aos primeiros *Foraminibus* ou buraquinhos seguem-se logo de cada lado mais outros seis buraquinhos alongados, uns ao lado dos outros a intervalos e com larguras iguais, através dos quais suga a água e a torna a libertar quando está pendurada pela boca nas rochas e as chupa e *lambiert*. Tem uma pele lisa e brilhante, sem escamas ou penas, tal como as enguias, mas é ainda mais lisa. Tem uma carne maravilhosa e tenra dum branco bonito quase sem espinhas ou ossinhos, mas que em lugar destas tem uma corda *carthilaginis*¹⁶¹ a fazer de espinha dorsal, que é muito flexível, e por isso também a razão da agilidade e rapidez deste peixe ao ser apanhado e capturado. É pescado sobretudo em janeiro em águas doces correntes, mas mesmo assim muito raramente, porque ao longo de um ano inteiro só o vi uma única vez no mercado em Lisboa, tendo sido levado e entregue imediatamente ou na mesma hora ao rei. Mas é oferecido ou vendido por um cruzado português. Muita [gente] prefere-as [lampreias] às *Trucis*¹⁶² pela sua qualidade e o seu bom gosto. Mas também há quem prefira muito mais as *Trutas* às *Lampretis* ou lampreias. Diz o nobre senhor *Damian de Goës* que são pescadas em grandes quantidades na *Bremoa*¹⁶³, postas de conserva em barricas e [vendidas] na Flandres [onde] chamam nove-olhos¹⁶⁴ às lampreias.

ALTERA LAMPREA

A outra espécie ou género das *Lampreten* é muito parecida ou idêntica à primeira, mas um pouco mais comprida e grossa. A cor azul é um pouco mais escura e também tem múltiplas malhas ou máculas, mas que estão distribuídas desordenadamente e não tão artisticamente como estão salpicadas na primeira *Species*. Nos olhos tem oito *Fistulas*, tão redondas, mas mesmo assim mais pequenas. Em comparação tem uma cor mais encarnada, mas na barriga é muito branca como nas enguias. Assim também tem uma boca mais alongada e não tão boleada e redonda, mas esta alonga-se um pouco mais

¹⁵⁸ *Branchas?* Brânquias.

¹⁵⁹ Está a referir-se aos dentes.

¹⁶⁰ Trata-se provavelmente da fenda cloacal.

¹⁶¹ Cartilaginosa.

¹⁶² Trutas.

¹⁶³ Deve estar a referir-se à cidade de Brema (em alemão Bremen).

¹⁶⁴ “Negenogen” em neerlandês, “Neunauge” em alemão. Nove é a soma de sete fendas branquiais e uma narina de cada lado que o povo confundia com olhos, mais um olho propriamente dito de cada lado.

até à barriga. Esta *Species* tem em mais de metade do dorso *Pinnas*, isto é peninhas ou asas¹⁶⁵, primeiro bastante pequenas, mas depois mais escuras, maiores e mais altas, que se estendem até à cauda, embora nem sempre com a mesma altura. Também tem uma cauda mais larga, tal como o peixe *Linguado* e em baixo na barriga não tem nenhuma *Pinnas* ou peninhas¹⁶⁶. Esta espécie aparece muito no *Februario* ou Fevereiro e não é vendida tão cara como a primeira, Mas são postas em conserva em areia e não em sal, porque em areia ficam melhores e conservam-se por mais tempo do que em sal. A sua *Figuram* encontra-se também em *fol. 40 fac: prima*.¹⁶⁷

4.

*MVCHAROS*¹⁶⁸

Os peixes desta espécie e deste nome dos *Lusitanier* são quase iguais aos *Sarves*¹⁶⁹, embora sejam mais pequenos e tenham escamas muito mais grossas e sobretudo na parte mais atrás do corpo ou no início da cauda, assim também têm por vezes *grandes* máculas negras e quadradas, tal como o peixe *GORAS* tem nas suas *Branchis* ou barbatanas e penas que nalguns se conseguem ver e sentir melhor do que noutros. Por isso, quando não se presta aplicação ou atenção, é muitas vezes confundido com o *Sarves*. Mas ele não tem estrias compridas e negras no corpo e também não tem dentes. *Rondoletus*¹⁷⁰ acha que é o *Melamnus*, isto é uma perca, mas é um pouco mais branco.

Uma outra *Species* ou espécie deste peixe, embora seja idêntico com o primeiro, mas ainda assim um pouco mais pequeno e atarracado, de escamas mais juntas, e tem estrias ou malhas douradas, tal como o peixe *SALEM* mas que não se vêem na sua pele, porque fora disso é quase parecido e idêntico ao *Salem*¹⁷¹ ou aos *Sarves*¹⁶⁹.

A terceira *Species* ou espécie de *Mucharum*, é idêntica ao *Vezugo*, mas muito mais avermelhada nas bordas, quase como o aspeto do dorso do pequeno *CARALCHO*¹⁷², mas não têm uma cauda vermelha como o *VEZUGO*¹⁷³, mas a mesma é primeiro branca, com uma boca ou pequena *Fimbrae*, e linhas [...] ¹⁷⁴ de tal maneira que se parecem com as penazinhas duma *Raphuens*¹⁷⁵.

As três ou quatro *Species* do género *Mucharorum* são todas [...] ¹⁷⁶ juntamente e ao mesmo tempo com o *Boralis*¹⁷⁷, embora não sejam muitas vezes ou raramente capturadas.

V.

*RVIVO*¹⁷⁸

¹⁶⁵ Uma barbatana.

¹⁶⁶ Barbatanas.

¹⁶⁷ Referência a ilustração que está perdida.

¹⁶⁸ Mucharro é o nome comum duma espécie do mesmo género que o sargo.

¹⁶⁹ Sargos?

¹⁷⁰ Guillaume Rondelet (1507-1566), autor da obra “*Libri de piscibus marinis*” (1554).

¹⁷¹ Salema

¹⁷² Cachucho?

¹⁷³ Besugo.

¹⁷⁴ Palavra ilegível.

¹⁷⁵ Duma perdiz. Perdiz em alemão chama-se *Rebhuhn*. O étimo em alto-alemão antigo é *rebahuon* (século 9) e em alto-alemão médio *rephuon*.

¹⁷⁶ Duas palavras e pontuação ilegíveis.

¹⁷⁷ Espécie de peixe não identificável.

*Ruiuo*¹⁷⁸, o outro pertencente a este género tem uma testa muito chata, sem cornos e sem espinhos; o bico tem uma boca grande e redonda, por cima do *Rostro*¹⁷⁹ ou bico tem umas pregas com o aspeto e a forma dum triângulo, olhos mais pequenos que o *Ruifo* e também com um corpo mais gordo e muito maior, e o seu corpo estende-se da cabeça para baixo tal como em bastantes outros peixes, embora não [de modo] tão íngreme como [n]o *RUIFO*. E é um pouco mais estreito que na cabeça na parte mediana do corpo e depois termina completamente numa cauda, tal como o *Ruifo*, e também tem uma cauda, mas um corpo negro avermelhado ou vermelho revestido de negro. Mas na barriga é vermelho e muito mais vermelho que a *CABRA*¹⁸⁰, e referindo-se também este *Ruiuo* à *Caprarum Species* ou género, então também é o maior de todos.

O outro género ou espécie de *CABRA* é muito mais vermelho do que a primeira *Cabra*, e é considerado como estando, quanto à cor, aspeto e forma, no meio entre o *Ruifo* e esta. Mas tem *Pinnulas* isto é peninhas nas suas *Branchis*. Também tem quase no meio da sua cabeça uma curvatura até às linhas medianas do seu corpo, que é muito largo e branco (tal como se pode observar bem no seu aspeto *depingiret*, em *folio 44, fac: 1*)¹⁸¹. Estende-se o mesmo alto [?] ou curvatura da cabeça não muito além da metade mais à frente do seu corpo. A partir do dorso até às linhas medianas do seu corpo é muito escura. Depois das mesmas linhas brancas, ainda é um pouco escura, mas não muito além do meio do corpo. Depois disso torna-se completamente branca e bela, como se tivesse sido pintada.

*SONNENFISCH*¹⁸² é um peixe esverdeado [?]. Quando leva sol já não pode voltar à água. É de cor entre o negro e o esverdeado. Não se come porque é todo feito de cartilagem e osso. É apanhado no mar hispânico.

[VI.]

PISCES IN LVSITANIA ET

præcipue ad Ostium Tagi Olispone

Isto é

O Relato ou Descrição dos Peixes

Que se capturam na Lusitânia e sobretudo

no Rio *TAGO*¹⁸³ em Lisboa.

No *Ostio Tagi*, isto é no estuário ou na barra do Tejo. Mas no país *Castilien*¹⁸⁴ se capturam muitos deles. Mas foi-me dito por pessoas de confiança que não tem o mesmo aspeto e forma que os nossos, que em lugar duma boca tem e usam um tubo de baixo das guelras, mas os mesmos diziam que não tinham uma boca regular ou verdadeira, mas olhos muito grandes, uma cauda dividida tal como o peixe *TINNVS*, isto é o *Tunium* (cuja figura se encontra *36. folio facie prima*).¹⁸⁵ Há cerca de 200 anos foi capturado ao pé de Lisboa, no *Ostio Tagi*, um esturjão que era muito grande, porque está registado na

¹⁷⁸ Ruivo.

¹⁷⁹ Chama-se rostro à parte frontal, geralmente aguçada, da carapaça de muitos artrópodes, incluindo grande numero de crustáceos.

¹⁸⁰ Peixe-cabra.

¹⁸¹ Ilustração que se perdeu.

¹⁸² Peixe-sol?

¹⁸³ Tejo.

¹⁸⁴ Castela.

¹⁸⁵ Ilustração que se perdeu.

crónica real. O mesmo teria uma boca terrível tão grande e larga que uma raposa selvagem ou das montanhas que [se tinha] metido no seu interior foi cuspidá ilesa num único soluço.

Também no *Anno 1555*, quando estive em Lisboa, foram aí capturados dois esturjões bastante grandes. São vendidos, quando ainda estiverem vivos e conforme o seu tamanho por 30, 50 ou mesmo 90 cruzados e são trazidos muitas vezes a Lisboa de Castela.

Também se captura em Lisboa o peixe *Tinnus* a que chamam *Tunn*¹⁸⁶ e o *Orcynnus*¹⁸⁷, que é quase da mesma espécie e a que chamam *TUNINA*. Mas o *ORCHYNNVS* é um peixe muitíssimo grande, e eu considero que ambos são espécies dos *Delphiner*¹⁸⁸ ou que devem ser *referiret* como sendo do mesmo género. As suas cabeças são idênticas a capacetes negros ou a um elmo fechado negro. Idem como coiro enegrecido e pulido que brilha como um espelho. O seu *Rostrum*, isto é boca e focinho também é quase da mesma cor, mas com a forma do focinho dum ouriço, o mesmo sendo igualmente gordo e grande em toda a parte. E também tem de ambos os lados em cima e em baixo dentes que não sendo muito grandes são no entanto afiados. Também tem olhos pequenos pegados ou próximos das maxilas que são um pouco alongadas, de modo a notar-se que vêem melhor para dentro e para baixo do que para cima. O seu corpo, barriga e dorso têm quase a mesma grossura que a cabeça ou um pouco maior, num comprimento adequado, sem que deixe de terminar numa cauda muito afilada que no fim não é muito mais grossa que um dedo. Essa, contrariamente ao que é habitual noutros peixes, alarga-se muito para os lados enquanto que para outros peixes a cauda se estende de cima para baixo do dorso para a barriga e mais abaixo. Neste peixe a cauda alarga-se de um lado para o outro, sendo formada muito subtilmente e engenhosamente como se tivesse sido preparada com grande zelo, *Applicirt* e aí colocada. No dorso a cor da sua pele tem o aspeto dum couro pulido a negro, a cauda e os seus lados [são] um pouco esbranquiçados e sobretudo em direção à barriga. Mas a barriga é muito branca. No dorso tem um corno único levantado, que tem mais o aspeto dum corno do que uma *Pinna* ou pena.¹⁸⁹ Esta é de cor negra e de forma larga e grossa, quase com o aspeto do dorso de uma parte clara, tal como se vê na *fol: 39 fac. 1* ao lado da palavra *Tuninn*.

Mas não tem nenhuma escamas ou penugem, sendo a sua pele muito grossa e densa, tal como a pele de um porco, mas a sua carne é quase como carne de boi, mas muito áspera e sangrenta; de resto assenta, tal como num porco engordado, em toda a parte lateral entre a carne e a pele em sebo ou banha.

Finalmente tem de ambos os lados ao pé da boca duas asas ou peninhas¹⁹⁰ tortas de uma matéria ou substância quase idêntica daquela já mencionada do dorso.

Mas o peixe *THYNNVS* é às vezes maior, mas de aspeto quase igual e semelhante, mas tendo uma barriga mais cinzenta esbranquiçada e o dorso cinzento escuro e tendo escamas ou penugem muito grandes. Também tem uma cauda, embora sem ter o mesmo aspeto quanto à largura e os lados, mas antes como em quase todos os peixes já mencionados estendida de cima para baixo, isto é no dorso e por baixo da barriga, seguindo-se muitas *Pinnæ* pequenas ou asas ou penas que são de cor amarela e são em vulgar 12 (tal como se pode ver pela *Figur* ou forma deste peixe, em *folio 39 faci. 1*) que fazem com que este peixe tenha um aparência muito bela.

A sua *Caro* ou carne é um pouco mais azul escura ou acastanhada que a do *Orcynni*, e tem menos sebo, gordura ou banha, uma vez que, como já se disse há pouco, o *Orcynnus* é sobremaneira rico nas mesmas.

Mas assim também são capturadas três espécies de enguias, das quais nenhuma é idêntica na forma e aspeto às nossas; as figuras das mesmas encontra-se *delyniret* na *fol. 43 fac. 2*.¹⁹¹

¹⁸⁶ Atum.

¹⁸⁷ *Orkynos* é o nome grego duma espécie de atum gigante.

¹⁸⁸ Golfinhos.

¹⁸⁹ Barbatana?

¹⁹⁰ Barbatanazinha?

Do mesmo modo, o *Caninus Piscis* ou peixe-cão que tem uma forma quase idêntica à dos lúcios e esturjões, que entre nós não existe ou não é capturado, mas em Lisboa é trazido e oferecido em tal quantidade pelos pescadores que muitas vezes só se encontram [no mercado] *Raiæ*, isto é raias e *Canini*, isto é peixes-cão. Dos mesmos se encontram muitas vezes à venda nos mercados de peixe quatro ou seis espécies e géneros que costumam ser comprados.

Assim também há das *RAIARVM* ou raias muitos géneros que se distinguem amplamente uns dos outros na forma e aspeto.

Assim também tem a mesma forma o *Lingu[e]laken* (a que eles chamam *Lingulacæ*, mas que entre nós não tem nenhum nome especial, aí [há] em vários géneros e em grande quantidade.

Pelo contrário os *SOLII* (como chamam às solhas e outros [peixes] chatos são avistados raramente, embora entre nós sejam capturados em grande quantidade.

*RIKEM*¹⁷⁷ é um peixe muito vermelho, e estou completamente convencido que é uma espécie ou um género dos *Chernæ* ou *Chernarum*.¹⁹² Porque tem o mesmo aspeto que o peixe *Cherne*, tendo na cauda duas grandes *Pinnas* ou penas¹⁹³. De resto é muito curto, assim tendo uma cabeça e toda a forma do seu corpo quase iguais o mesmo peixe *Cherne*.

A sua cabeça é dividida *gradatim* em três *Tubercula* ou altinhos, o mais baixo dos quais, que é o mais próximo da boca, tem duas *Spinæ* ou chifres espinhosos, levantado-se os dois corninhos neste peixe como no *Tuberculum* ou altinho do meio de um *Rhinoceros*¹⁹⁴. Sobressaiem junto aos olhos como se estes *constituirete* uma parte deles.

Mas o terceiro e último *Tuberculum* ou altinho levanta-se mais para o dorso e *constituiret* a sua testa, tal como pode ser bem visto na *Figura fol. 44 facie 2*.

O outro género de Rikhenn está descrito *fol. 45 fac. 2* tal como também aí mesmo o outro género do *Sargo*. Idem *Cobra de mare*¹⁹⁵. Mas o peixe *Vezuguo*¹⁷³ está descrito] *fol. 46 fac. 1* mas retratado *fol. 43 fac. 2*.

Assim também está descrito o peixe *Carallio*¹⁹⁶, *fol. 46 fac. 2* mas também retratado *fol. 43 fac. 2*. Mas o primeiro género do peixe *Sarues*¹⁶⁹ é tratado na *fol. 46 fac. 2*.

Mas a *Species* ou espécie ou género dos peixes *BVDIA*¹⁹⁷ estão narrados e *describiert fol. 48 fac. 2*. O mesmo retrato encontra-se *fol. 39 fac. 1*. Item *fol. 43 facie 2*.

VII.

Depois nas *MARINÆ CONCHÆ* estão *depingieret* ou retratadas as *Concharum Marinarum* isto é os caracóis marinhos *fol. 47 fac. 1 & 2* e estão descritas na *fol. 48 fac. 2, fol. 49 fac. 1 & 2*. Idem *fol. 50. 51. 52. 53. 54*. Mas aí usam-se os nomes lusitanos uns a seguir aos outros.

Busio: a sua *Description* encontra-se *fol. 49 fac. 1*, mas a *Figuram fol. 47 fac. 1*.

As cascas de nozes das *Concha prima* e *secunda* estão *describiret fol. 49 fac. 1* e *2 depingiret fol. 47 fac. 1*.

¹⁹¹ Referência a ilustração perdida.

¹⁹² A descrição que faz deste peixe *Rikem* não é nada que se assemelhe ao cherne.

¹⁹³ Barbatanas?

¹⁹⁴ Rinoceronte.

¹⁹⁵ Cobra-de-mar.

¹⁹⁶ Carago?

¹⁹⁷ Bodião.

As muitas *Species* de *Brigigaun*¹⁹⁸ estão descritas *fol. 49 fac. 2 fol. 50 faci 1 e 2*, mas *depingiret* na *folio 47 fac. 2* *Idem fol. 54 fac. 2*.

Camoninas, *vieiras*¹⁹⁹, esta mesma *Species* ou género está descrita e narrada a *fol. 50 vnd 51 faci. 2 e 1*.

Antigia é um *Ilitt*[?] dos *Colstearum* ou caracóis. A mesma *Species* está narrada a *fol. 51 fac. 1* mas *depingiret* ou *delinyret* a *fol. 47 fac. 2*.

*Maxilhaon*²⁰⁰ está *describiret* a *fol. 51 fac. 2* mas *delinyret* a *fol. 48 fac. 2*.

Os caracóis *Ostræ* estão *describiret fol. 61 fac. 2 e fol. 52 fac. 1*.

As *Conchæ mar garitiferæ, Lusitanicæ* estão *describiret fol. 51 fac. 2 e fol. 52 fac. 1*.

*Caramunio*²⁰¹ é uma *Buccina* ou género das *Concharum* e está descrito a *fol. 52 fac. 1*.

Conchæ Margaritifera Lusitanicæ estão *describiret fol. 52 fac. 1. Anglicæ fol. 52 faci Scotticæ fol. 52 fac. 2. Indice fol. 53 fac. 1*.

Buccinæ Margaritiferae Indice ibidem.

Busanus ou *Busani*²⁰² são pequenas *Conchulæ* ou caracoisinhos, estão *describiret fol. 63 fac. 2*.

Lapas também são caracóis pequenos, mas não tão pequenos, estão *describiret fol. 54 fac. 1*.

*Prosendes*²⁰³ e *Eyrisos*²⁰³ 203 também são *Conchæ*, estão *describiret fol. 54 fac. 2*.

[VIII.]

CONCHAE ET BVCCINAE

TERRESTRES

*Das ist*²⁰⁴

os caracóis terrestres estão narrados e descritos como se segue.

CAROCOL fol. 55 fac. 1 Ebd.

[IX.]

Cancrorum Species, inn Lusitania

Os géneros dos caranguejos lusitanos estão narrados e descritos como se segue:

¹⁹⁸ Berbigão?

¹⁹⁹ No original alemão “*Jacobi Muscheln*”, o que traduzido literalmente é “conchas jacobinas”, referindo-se à concha-dos-peregrinos a Santiago de Compostela.

²⁰⁰ Mexilhão.

²⁰¹ Caramujo?

²⁰² Búsios?

²⁰³ Significado desconhecido.

²⁰⁴ Isto é.

1	Em primeiro lugar <i>Cangeios</i> ²⁰⁵	<i>fol. 59 fac. 1.</i>
2	<i>Centolas</i> ²⁰⁶	<i>fol. 58 fac. 1.</i>
3	<i>Capatenpes</i> ²⁰⁷	<i>fol. 58 fac. 1.</i>
4	<i>Lagonsta</i> ²⁰⁸	<i>fol. 58 fac. 1.</i>
5	<i>Lagostius</i> ²⁰⁹	<i>fol. 58 fac. 2.</i>
6	<i>Camerons</i> ²¹⁰	<i>fol. 59 fac. 1.</i>
7	<i>Mouros</i> ²¹¹	<i>fol. 59 fac. 2.</i>

[X.]

Seminanimalia, marina et reptilia. Isto é bichinhos marinhos meio vivos e rastejantes estão narrados e descritos uns a seguir aos outros como se segue:

Primeiramente	<i>Polypus</i> ²¹² <i>maximus</i>	<i>fol. 60 fac. 2.</i>
1	<i>Polypus</i> ²¹² <i>medius</i>	<i>Ibidem</i> aí mesmo.
2	<i>Polypus</i> ²¹² <i>minimus</i>	<i>fol. 61 fac. 1.</i>
3	<i>Bulla</i> ²¹³ <i>vel vesica marina</i> , uma bexiga marinha	<i>folis 61 fac. 2.</i>
4	<i>Bullæ</i> ²¹³ <i>Lusitanicæ</i>	<i>fol. 61 fac. 2.</i>
5	<i>Bullæ</i> ²¹³ <i>maximæ</i>	<i>fol. 62 fac. 1.</i>
6	<i>Chrystallus</i> ²¹³ <i>marina</i>	<i>fol. 62 fac. 1.</i>
7	<i>Puluinar</i> ²¹³ <i>marinum</i>	<i>fol. 62 fac. 2.</i>
8	<i>De lapidibus piscium pitris</i> ²¹³	<i>fol. 63 fac. 2.</i>

[XI.]

PISCES IN PORTVGALLIA etc.

Começando na *64 folio* quase até ao fim da primeira parte deste livro, faz-se de novo um relato e descrição daqueles peixes que em Lisboa são capturados no rio *Tago*¹⁸³, mas que os dantiscanos ou em Danzig não são capturados e nomeadamente pela ordem como o seguinte registo ou *Index* dá sucessivamente:

1	<i>Balena</i> ²¹⁴	<i>fol. 64 fac. 2.</i>
2	<i>Balena</i> ²¹⁴ <i>altera Species Balenæ</i> <i>Stuebfisch</i> ²¹⁵	<i>fol. 65 fac. 1.</i>

²⁰⁵ Carangueijos.

²⁰⁶ Santolas.

²⁰⁷ Sapateiras.

²⁰⁸ Lagostas.

²⁰⁹ Lagostins.

²¹⁰ Camarões.

²¹¹ Significado desconhecido.

²¹² Polvo.

²¹³ Designação difícil de definir exatamente.

²¹⁴ Baleia.

- 3 *Sardinia*²¹⁶ folio 66 facte 1.
- 4 *Sambala*²⁰³ fol. 66 facte 2 está describiret
ou descrita ou representada, mas fol. 39 fac. 2.
- 5 *Pataroxa*²¹⁷ fol. 66 fac. 2 describit fol. 55 fac. 1.
Item fol. 56.
- A sua *Pictur* ou forma tu encontras a fol. 37 fac. 2.
- 6 *Sauelha*²¹⁸ fol. 67 fac. 1 está descrito a fol. 37 fac. 1.
- 7 *Macarenæ sarda Anglica oder Cvealbo Lusitanis* está descrito a fol. 67 fac. 1.
- 8 *Chicharcino*²¹⁹ *Macarenæ Lusitanicæ* estão describiret fol. 67 fac. 2 mas depingiret a fol. 39 fac. 1.
- 9 *Mugem* está descrito fol. 67 fac. 2. Item folio 68 faci. 1 mas depingiret ou retratado a fol. 40 fac. 2, fol. 55 fac. 2 *Tainchas*²²⁰.
- 10 *Bordalo* describitur fol. 68 fac. 1, depingitur vel delinatur fol. 39 fac. 2.
- 11 *Robalo* describitur fol. 68 fac. 2.
- 12 *Chuopa*²²¹ describitur fol. 69 fac. 1, pingitur fol. 40 fac. 2.
- 13 *Xyphion* describitur fol. 69 fac. 1 & fac. 2 espadarte.
- 14 *Salmoneta*²²² describitur fol. 69 fac. 2, fol. 43 fac. 2.
- 15 *Salmonate*²²² grandes ibidem pingitur fol. 39 fac. 1.
- 16 *Budiam*²²³ describitur fol. 69 fac. 2, pingit[ur] fol. 39 fac. 1. Também se encontra pintado a fol. 43 fac. 2.
- 17 *Goras*²²⁴ describitur fol. 70 fac. 1, ping[itur] fol. 42 fac. 1.
- 18 *Cachuncho*²²⁵ describitur ibidem pingitur fol. 39 fac. 2.
- 19 *Sarues*²²⁶ describitur fol. 70 fac. 2 fol. [?].
- 20 *Pargo* describitur fol. 71 fac. 1, ping[itur] fol. 42 faci. 1.
- 21 *Cabra Ruiuo*¹⁷⁸ describitur fol. 71 fac. 2, depingit[ur] fol. 42 fac. 1. Item folio 44 fac. 1.
- 22 *Cabra altera*²²⁷ ou o outro género, também chamado

²¹⁵ Peixe-piolho ou pegador?

²¹⁶ Sardinhas.

²¹⁷ Pata-roxa.

²¹⁸ Savelha.

²¹⁹ Chicharro.

²²⁰ Tainhas.

²²¹ Choupa.

²²² Salmonete.

²²³ Bodião.

²²⁴ Gorás.

²²⁵ Cachucho.

²²⁶ Sável?

- 23 *Remora* está descrito a fol. 71 fac. 2.
- 24 *Savel*²²⁸ describitur fol. 72 fac. 1, pingitur fol. 37 faci 1.
- 25 *Papagei*²²⁹ describitur fol. 22 fac. 1.
- 26 *Truta* describitur fol. 72 fac. 1.
- 27 *Pargo camelitis*. Ibidem.
- 28 *Bunita*²³⁰. Ibidem.
- 29 *Lamprea*²³¹ describitur fol. 72 fac. 2, depingitur fol. 1 fac. 1. Item fol. 42 fac. 2. *Abronteia*²³² ibidem describitur quoq[ue]
- 30 *Bonga*²⁰³ marina. Ibidem.
- 31 *Murea*²³³ está descrita a fol. 72 fac. 2. Mas está depingiret e retratada a fol. 42 fac. 2.
- 32 *Murea*²³³ altera fol. 73 fac. 1. It[em] 32 1, 93 fac. 1.
- 33 *Eiros*²³⁴ está describiert fol. 73 fac. 2. Mas é depingieret e deliniret a fol. 42 fac. 2.
- 34 *Erigiens*²⁰³ describitur fol. 73, pingitur fol. 42. fac. 2.
- 35 *Agutha*²³⁵ describitur fol. 73 fac. 2, pingitur fol. 42 facie 2.
- 36 *Agutha*²³⁵ describitur fol. 73 fac. 2, pingitur fol. 42 fac. 2.
- 37 *Carapuos*²³⁶ describitur et pingitur. Idem vel. ibidem, sepius probatum.
- 38 *Piscis uolucer*²⁰³ describitur fol. 73 flo. pingitur fa. 36 .
- 39 *Piscis doolunda*²⁰³, describitur fol. 79 fa 1. Pino fol. 41 fa. 2.
- 40 *Pisce spanda*²³⁷ describitur fol. 24 fac. 1.
- 41 *Raiæ* ou a *Species* raia está describiret fol. 74, 75, 76 mas depingiret a fol. 41 fac. 1 entre as quais também estão compreendidas as duas *Species URÆ*, que também estão describiret e depingiret nos mesmos locais.
- 42 *Rodoualho*²³⁸ describitur fol. 76 fac. 2. Duæ *Species*.
- 43 *Solha* describitur. Ibidem Item fol. 79 fac. 2.
- 44 *Linguadæ species quatuor*²³⁹ estão descritas a fol. 77 Item fol. 92 fac. 2. Mas em parte

²²⁷ Peixe-cabra?

²²⁸ Sável.

²²⁹ Papagaio.

²³⁰ Bonito?

²³¹ Lampreia.

²³² Abrótea?

²³³ Moreia.

²³⁴ Eiró.

²³⁵ Peixe-agulha?

²³⁶ Carapau.

²³⁷ Peixe-espada.

²³⁸ Rodovalho.

- 45 *deliniret fol. 41 fac. 1 et 2.*
- 46 *Pastinacæ Species duæ²⁴⁰ estão describiret fol. 77 e 78 mas delinyret a folio 41 fac. 1.*
- 47 *Litouos²⁰³ describitur folio 78 fac. 1.*
- 48 *Pisce puta²⁴¹ describit[ur] folio 78 fac. 2, pingitur fol. 41.*
- 49 *Pampano describitur fol. 78 fac. 2.*
- 50 *Douranda²⁴² describitur fol. 79 fac. 1, pingitur fol. 41. fac. 2.*
- 51 *Gallina²⁴³ describitur fol. 79 fac. 1. Item fol. 83 fac. 2.*
- 52 *Pisce porco²⁴⁴ describitur fol. 79 fac. 1.*
- 53 *Tuum e Tuninna²⁴⁵ describitur fol. 79 fac. 2. Item fol. 35 fac. 1 et 2, pingit[ur] fol. 36 fac. 2.*
- 54 *Delphines²⁴⁶ describuntur fol. 80 fac. 1 Golphinhos²⁴⁶.*
- 55 *Cassaun²⁴⁷ describitur fol. 81 fac. 1. Item fol. 96 fac. 2 et foli 97 fac. 1, pingitur fol. 38 fac. 2.*
- 56 *Lixa describitur fol. 81 fac. 1. Item Galhundo²⁴⁸ ibidem describitur.*
- 57 *Lisam²⁰³ describitur fol. 81 fac. 2.*
- 58 *Tubaraunn²⁴⁹ describitur fol. 82 fac. 1.*
- 59 *Tartaniga²⁵⁰ describitur fol. 82 fac. 1 Boga Ibidem.*
- 60 *Piscis caninus. Peixe-cão, describtur fol. 82 fac. 1.*
- 61 *Tamburill²⁵¹ et Sargo desribuntur Ibidem.*
- 62 *Phaneco²⁵² et Prengo²⁵³ describunt[ur] fol. 83 fac. 1.*
- 63 *Albacora describitur fol. 83 fac. 2.*
- 64 *Pisce Gallo²⁵⁴ describitur fol. 84 fac. 1.*
- 65 *Barbo describitur fol. 84 fac. 1, pingit[ur] fol. 43 fac. 2.*
- 66 *Crongu²⁵⁵ describitur fol. 84 fac. 2, pingitur autem fol. 42 fac. 2.*

²³⁹ Quatro espécies de linguado.

²⁴⁰ Duas espécies de pastinaca.

²⁴¹ Chaputa?

²⁴² Dourada.

²⁴³ Galinha-do-mar.

²⁴⁴ Peixe-porco.

²⁴⁵ Atum.

²⁴⁶ Delfins.

²⁴⁷ Cação.

²⁴⁸ Galhudo.

²⁴⁹ Tubarão.

²⁵⁰ Tartaruga?

²⁵¹ Tamboril.

²⁵² Faneca.

²⁵³ Peixe-prego.

²⁵⁴ Peixe-galo.

- 67 *Rana Piscatrix*²⁵⁶ describitur fol. 120 fac. 1.
- 68 *Coruina*²⁵⁷ describitur fol. 84 fac. 2, p[in]g[itur] fol. 87 fac. 2.
- 69 *Chernæ*²⁵⁸ describitur fol. 85 fac. 2.
- 70 *Siba* describitur fol. 85 fac. 1. *Os Sepiæ*²⁵⁹ ibidem 70.
- 71 *Os septæ*²⁶⁰ peixinho[s], que é utilizado pelos ourives, está describiert fol. 85 e 86.
- 72 *Chocus*²⁶¹ describitur fol. 86 fac. 2.
- 73 *Cera*²⁶² et *Ruinaco*²⁶³. Ibidem describuntur.
- 74 *Pisce Rey*²⁶⁴ describit[ur] fol. 87 fac. 1. Item *Piscanta*²⁶⁵.
- 75 *Enscona*²⁰³ describit[ur] fol. 87 fac. 2.
- 76 *Enxaraco*²⁶⁶ describit[ur] fol. 88 fac. 1, mas depingiret ou delinyret fol. 40 fac. 2.
- 77 *Bacalhao*²⁶⁷ describitur fol. 88 fac. 2.
- 78 *Euxaroco*²⁶⁶ altera describitur ibidem *Sargetes Copines*.
- 79 *Rapelau*²⁰³ describitur ibidem. It[em] *Taurus marinus*.
- 80 *Bufo uenenatus*²⁶⁸ describitur ibidem.
82. 81 *Aselli subterrani*²⁰³ describitur fol. 89 fac. 1.
- 83 *Phocæ Maris septentrionalis*, isto é as focas, tal como são capturadas no *Mare Balthico* ou Mar do Leste estão enumeriret e describiret fol. 89 fac. 2.
- 1 Primeiramente as *Islandicæ*
- 2 e *L[e]tlandiæ*, depois as *Gotthicæ*, e
- 3 *Nortwegiæ*, e finalmente as *suevicæ* e *Britanicæ*.

XII

De monstris marinis, monstros marinhos

-
- ²⁵⁵ Congro.
- ²⁵⁶ Tamboril?
- ²⁵⁷ Corvina.
- ²⁵⁸ Chernes.
- ²⁵⁹ Sépias.
- ²⁶⁰ Corretamente “*Os sepiæ*”, “Osso” (concha interna) do choco.
- ²⁶¹ Choco.
- ²⁶² Peixe-serra?
- ²⁶³ Ruivaco.
- ²⁶⁴ Peixe-rei.
- ²⁶⁵ Pescada?
- ²⁶⁶ Enxarroco.
- ²⁶⁷ Bacalhau.
- ²⁶⁸ Sapo venenoso.

- 1 *De Syrenis loge folium 90.*
- 2 *De Tritonibus segeues consule foliu[m] 91. 92.*
- 3 *Animal septem Capitibus fol. 92 fac. 2.*
- 4 *Monachus marinus fol. 93 fac. 1.*
- 5 *Gauallus marinus. Ibidem.*
- 6 *Pes de capra proseves vel vngues marini.*

XIII

Acerca dos navios lusitanos e seus apetrechos tu encontras *fol. 119 fac. 2. Item fol. 121 fac. 1.*

Acerca da captura do arenque *fol. 119 fac. 2.*

Como fazer a faina [?] *fol. 122 fac. 1.*

FINIS

Fol. 129 r (265):

MISCELLANEA

PARS TERTIA

Historica Geographica medica

et varie mixta.

Que foram todas depreendidas e consignadas

Nas deambulações e viagens

De um excelente e mui

Douto senhor

Anno CHRISTI

1555 e 1556.

As viagens e deambulações de uma pessoa

Douta, profunda e hábil são superiores

A quase todos os *Academiar[um]*

studijs e zelo em *Philosophia*.

Plutarchus

Peregrinatio alit sapientiam.

Quem viaja por países estrangeiros fica a

conhecer muitas coisas estranhas,

Atingindo assim sabedoria e juízo

Podendo também muitas vezes acontecer-lhe grand sorte.

Fol. 129 v (266): vacat

Fol. 130 r (267):

I

NEBULGEA é o que talvez seja apelidado de *líquenes vermelhos aromáticos* que crescem nos sítios abaixo indicados e são uma rica mina de ouro. Revestem penhascos bravos ou rochas de pedra, sendo áridos e amarelos de açafião, e por vezes encarnados ou vermelhos carmesim. São raspados com facas e colhidos, sendo vendidos pelas pessoas para serem colocados nas gavetas, juntamente com a roupa que assim fica com um cheiro agradável. Porque o seu cheiro próprio é meio de almíscar, misturado

com cheiro de açúcar. É assim que cheiram estes líquenes. Mas é um *simplex* precioso e estranho que não se encontra em toda a parte,

II

CONSERVAM Rosarum preparam os lusitanos a partir de umas rosas especiais que lhes são trazidas de uma ilha, na qual

Fol. 130 v (268):

crecem rosas especialmente adequadas e belas em grande quantidade que têm uma cor muito especial e bem formosa.

III

RITVS DEPOSITIONIS

Mercatorum Norvegiae.

De como os mercadores e comerciantes de Bergen

são iniciados e inspecionados.

O castelo mais fortificado e poderoso de toda a Noruega tem o nome de Bergen e está situado e pertence ao domínio do rei da Dinamarca. Neste e sob o mesmo, os mercadores e comerciantes de todo o reino e terras circundantes, também da *Lappia* e *Pilappia*, quer encontrados ou situados perto, quer longe, mesmo dos locais onde a terra não dá nem frutos, nem nada e em que a noite e o dia se prolongam durante toda a metade de um ano trazem os seus produtos e mercadorias, e isto em cada dois anos ao menos uma vez ou sempre no ano seguinte. E então comutam ou trocam a sua mercadoria de muita forragem ou peles, por fruta, trigo e madeira de que necessitam no máximo durante dois anos, que levam consigo de volta. E os mesmos negociantes e mercadores não precisam de levar a sua mercadoria mais longe do que este castelo e do mesmo modo os povos circundantes não precisam de levar as suas mercadorias mais longe, devendo levá-las somente a este castelo, também não lhes sendo permitindo vender noutra. Poderiam porém reunir-se e efectuar as compras nos mesmos albergues e casas. Pois, em primeiro lugar e antes de mais nada, têm de oferecer tudo o que trazem para negociar aos comerciantes e mercadores do mesmo local, deixando-os expor ou comprar, sendo estes num certo

Fol. 131 v (270):

mas pequeno número. Por causa da rigorosa e honrosa disciplina que respeitam para si e entre si, desde que queiram obedecer à sua companhia e serem admitidos na mesma, tratam-nos tão desumanamente e escarnificam, torturam e martirizam-nos violentamente de forma a repugnar a outros, para que não venha a haver demasiados no seu sítio. Porque os sujeitam a um processo para a sua *deposition* e *inauguration*, isto é inclusão na sua companhia ou mesteiral de tal forma medonho e perigoso, que tem havido muitos que, não tendo uma constituição ou complexão muito forte, tenham morrido ou perdido a vida durante o *actu[s]*.

Pois quando alguém pretende o *gradum* desta ordem, isto é, quando quer ser incluído na sua companhia e cooptado, então penduram-no

Fol. 132 r (271):

primeiro pelos pés no alto de uma chaminé ou fumeiro e deixam-no assim durante várias horas, até ficar quase sufocado pelo vapor ou fumo que preparam e fazem queimando no fogo cadáveres de tudo o que seja animais mortos, apodrecidos, e fedorentos, como sejam cães, gatos e de tudo o que arde, e ele ficar a cheirar como se fosse carne apodrecida e mais parecido com um mouro preto do que um norueguês branco.

E depois de executado este primeiro *actus*, então tiram este corpo preto e fedorento do fumeiro e enfeitam, lavam e esfregam o mesmo num banho imundo, esterco e fedorento para o qual há um mês antes andaram a apanhar nas

Foç. 132 v (272):

poças e estrumeiras fedorentas, águas imundas e mal-cheirosas, no qual [banho], para que [este] fique com um cheiro mais horrível e nojento e fique mais imundo, (para falar com licença e reverência) se peidam e cagam todos os dias, de maneira que se vicia e apodreça completamente e feda o pior possível. A partir da mesma balbúrdia, imundice e fezes ou fedor preparam uma lixívia e banho e mergulham-no no mesmo e lavam-lhe a sua cabeça e besuntam-lhe a cara toda com o mesmo e manejam-no tal como lavam, tratam e procedem os tosqueadores e barbeiros com as pessoas. Mas utilizam nessa *tonsura* e tosquia instrumentos e meios bem curiosos e invulgares, e sobretudo penteiam-lhe a barba muito impiedosamente com rabos crus cheios de picos e dentes, tão lamentavelmente que fica ensanguentado em toda a cara.

A seguir deitam-no de novo no banho antes referido

Fol. 133 r (273):

e lavam-no de novo.

Depois despem-no completamente nu e atam-lhe as mãos e os pés e flagelam-no a seguir com vergas e chicotes tão impiedosa e lamentavelmente que não há nem lhe fica nenhum sítio ileso ou inteiro em todo o corpo. ficando todo ferido e ensanguentado.

Mas enquanto procedem com ele desta maneira, ao seu lado há variadas músicas e festins, tal como é costume deles, como sejam tímpanos, címbales, trombetas e similares *instrumentis musicis* barulhentos, para que não sejam nem possam ser ouvidos os gritos, choros, uivos e lamentos do candidato e que alguém que tivesse dele dó abreviasse ou impedisse o processo. Com tais lamentáveis

ludis e folguedos recebem aqueles que a eles suplicarem serem incluídos na sua comunidade ou companhia. E o mesmo acontece

Fol. 122 v (274):

sobretudo pela razão de não deixar aumentar muito o seu número e se tornem demasiados. Por isso metem-lhes medo com esta séria e inaudita *disciplina*, através da qual afastam muitos. Também, não prolongam demasiado cada *actus*, mas dividem-no por vários dias. Com isso evitam que [o candidato] não morra ou pereça de tanta dor e martírio.

Fol. 133v (274):

• III •

ÆTHIOPVM VEL

Nigritarum d[e]scriptio

Descrição dos mouros,
negritas e etíopes

Têm geralmente uma face larga, e todos [têm] cabelo crespo negro retinto ou de carvão,

Fol. 134 r (275):

[isto] tanto os homens, bem como as mulheres, que o rapam e cortam até à pele, e o qual, logo que volte a crescer um pouquinho, se encrespe de um modo estranho. O mesmo também se sente muito rijo ao tocar. Assim os homens também têm barbas tão negras como carvão e igualmente rijas, que não lhes ficam muito compridas. Muitos deles têm faces achatadas ou espalmadas. Muitos têm olhos muito grandes. Muitos outros têm olhos desmesuradamente pequenos, e são todos negros incluindo o globo e todos os círculos do mesmo. Porém o branco dos seus olhos tem pontinhos e estriazinhas vermelhas. Também os olhos, incluindo as pálpebras e sobranceiras, sobressaiem muito da cabeça. Assim também têm as pestanas e os pelos das sobranceiras bastante curvados, isto é muito negros, curvados acima e abaixo dos olhos. Costumam baixar os olhos logo para o solo, mas quando estão sozinhos arregalam-nos muito horrivelmente e devagar.

Fol. 134 v (276):

Também têm narizes chatos ou espalmados, tal como se tivessem sido esborrachados ou partidos por um soco, de maneira a haver um espaço largo sem nenhum alto entre ambos os olhos. Assim também têm um orifício muito grande e repugnante, isto é o buraco da boca, com beiços carnudos muito mais saídos do que a ponta do nariz. Também a ponta do nariz tem uma forma alargada, repugnante e feia. A boca sobressai de baixo do nariz, como se fosse o focinho de um animal quadrúpede; o interior é muito grande e alargado. Também têm lábios com beiços muito carnudos e inchados, que eles não conseguem apertar ou puxar para dentro. Parecem como se as suas rugas tivessem sido

Fol. 135 r (277):

alisadas soprando por dentro ou que uma fitinha sedosa do lado de fora tivesse inchado, embora por dentro sejam muito secos e gretados. Têm dentes muito brancos e a ponta do queixo[?] muito achatada; os queixos ficam ensombrados pelos beiços ou por uma barba. Também são negros retintos como carvão ou pez no resto do corpo, embora haja uns mais pretos que os outros.

Na província da Etiópia ou da Arábia, os habitantes são chamados da Mina. Estes que vieram das costas do Mar Vermelho são os de maior peso e beleza. Têm uma pele macia e mesmo brilhante e lisa, e igualmente no seu corpo são mais perfeitos e mais fortes que os outros mouros, os quais o rei de Portugal não deixa levar daí para outros países por causa das excessivas abundâncias dessas províncias. Por isso manda

Fol. 135 v (278):

poupá-los tanto. Porém os mouros que vêm, e são trazidos das ilhas de São Tomé ou do Cabo Verde ou cabeça verde e de Malagueta,²⁶⁹ não são tão negros, mas têm uma cor castanha escura e sobretudo nas suas faces. No entanto, de uma maneira geral, têm as mesmas feições, tipos e figuras dos cabelos, narizes, lábios, pele, vergonhas e dos pés. A muitos entre eles fizeram, como estranho adorno, um corte de ambos os lados da boca, desde a testa ou cabeça até à boca, de forma a que as cicatrizes ou nervuras dos cortes se prolonguem até aos cantos da boca, ficando [os bordos] das feridas muito afastados, o que acham ser um adorno muito importante.

Às vezes também se golpeiam, como curativo de doenças, nas faces ou bochechas ao pé das orelhas com três ou quatro golpes atravessados, de maneira a deixar

Fol. 136 r (279):

escoar o sangue libertado, tal como entre nós acontece na flebotomia ou sangria. Às vezes também golpeiam e fendem as mãos e os pés. Muitos deles desbastam e afiam os dentes com uma lima, de maneira a torná-los tão bicudos como os dos cães, para poderem comer melhor e mastigar a comida. Muitos deles também têm uma cabeça alongada e uma testa alta, ombros estreitos e contraídos uma barriga cova ou metida para dentro, um peito liso ou plano, assim também têm possantes genitálias, nomeadamente um escroto desumanamente grande, e mais um vergalho possante. Além disso têm canelas bastante curtas e coxas e pés pequenos, mas sendo os pés mais largos junto aos dedos. Os dedos dos pés porém são quase igualmente compridos e grandes. Assim também

Fol. 136 v (280):

têm calcanhares pequenos e gretados que têm um aspecto mais esbranquiçado, mas que, juntamente com a planta do pé, são muito duros, como se tivessem sido secados. Também têm mãos bastante proporcionadas que por dentro não são assim tão negras como carvão. Assim, sobretudo nos homens, a pele das palmas das mãos é tão dura e áspera que nelas se podem afiar navalhas. Podendo considerar-se que a pele de quase todo o seu corpo seria também tão seca, gretada e dura, a [restante] pele do seu corpo é [no entanto] muito macia e não tem nenhum cabelo em qualquer sítio. A estatura ou a proporção do seu corpo é mediana. Assim alguns também se tornam grisalhos nas suas cabeças com a idade. São além disso muitíssimo fortes, de tal maneira que, em Lisboa, nos lugares ou mercados comuns, carregam muitas vezes pesos incríveis e transportam volumes grandes e pesados, tal que se se dissesse ou [d]escrevesse ninguém acreditaria. Por isso podem aguentar pacientemente muito trabalho e canseiras.

Fol. 137 r (281):

Assim também são muito irascíveis, e não se entendem uns com os outros, e lutam ou batem-se violentamente uns aos outros. Muitos deles, ou quase todos, têm cabeças tão duras que pouco sentem e se importam, quando nelas se bate ou malha. Pois, aqueles que arremessam e batem voltam com os punhos e gritam. E quando se disputam e se zangam, fazem muita gritaria e discussão e usam palavras ofensivas. Assim também são exageradamente vingativos, não se esquecendo facilmente do ódio, nem [são capazes] de dominar a ira e desistir. Nas suas terras não usam moeda ou numerário algum, mas só têm umas conchinhas brancas, a que chamam *dentales*, isto é conchinhas escolhidas, que usam entre eles em lugar de dinheiros, na província da Arábia ou Etiópia,

Fl. 137 v (282):

²⁶⁹ Costa da Malagueta, atualmente na Libéria.

tal como foi mencionado antes. Quando lhes são trazidas e propostas pelos navegadores e comerciantes lusitanos vestes e vários e múltiplos utensílios, dão-lhes em troca ouro puro, nativo, em pepitas que trazem na boca. E quando lhes mostram ou indicam mercadoria que lhes sirva ou de que necessitem, cospem na mão a quantidade de pepitas que acham que vale a mercadoria, conforme a sua opinião. Se o comerciante ou mercador não aceitar esse ouro à primeira, afastam-se imediatamente e não juntam mais ouro ao anterior.

A maior parte ou grupo deles alimenta-se de raízes ou legumes, conforme as imagens que se desenharam²⁷⁰, chamadas INHAME, BANANA e Batata,

Fol. 138 r (283):

os quais comem, por vezes crus, e outras vezes cozidos ou fritos. As mesma raízes e legumes também são trazidos daquelas terras a Lisboa e aí vendidos em público.

Para bebida, usam porém água ou vinho que preparam a partir de frutinhas e cascas de palmeira, porque na sua terra crescem variadas espécies e géneros. Essa bebida é muito mais forte que um vinho o possa ser na Europa.

São muitíssimo incastos, desejosos, voluptuosos, lúbricos e desavergonhados, e especialmente as mulheres são mais divertidas, hábeis e mimosas nas *opere venereo*, pois são mais divertidas, sabidas e desejosas. E então têm especial pendor, desejo e amor por homens brancos e desejam concubinar e se miscigenar com os mesmos.

Nas suas terras não cresce nenhum gengibre,

Fol. 138 v (284):

mas muita malagueta a que podemos chamar *Paradeiß*.²⁷¹

Mas são trazidos, anualmente muitos tais mouros ou negritas para Lisboa, que foram retirados a pedido, ou contra mercadoria ou dinheiro das suas terras. Os mesmos são depois vendidos em Lisboa. O preço de venda dum homem jovem é normalmente de 20 ou 18 coroas ou ducados, dum mulher, mas virgem 12 ou ainda menos. Quando são postos à venda são exibidos pela cidade fora e depois levados e exibidos na RAINOBA²⁷², o lugar onde os comerciantes se reúnem. À frente deles vai sempre o pregoeiro, que com uma voz perceptível e clara, anuncia e confirma o preço, isto é o dinheiro pelo qual se vai vender. Entre os mesmos que foram mostrados e estão à venda, há vários homens e mulheres, homens jovens e mulheres virgens

Fol.139 r (285):

todos nus ou descobertos, mas alguns com as vergonhas tapadas e o resto do corpo todo nu. Os comerciantes tocam e apalpam-nos em todas as partes e sobretudo ao pé do umbigo que quando está saído e o ventre está dilatado e inchado não os compram, porque acham que isso é sinal duma enfermidade perigosa. Também lhes têm de mostrar e abrir as vergonhas ou genitálias, esticarem os pés e levantar e baixar os braços repetidamente, de onde deduzem a sua força e mostrarem a capacidade de levantarem pesos (examinam-lhes também os dentes, tal como se faz com os cavalos) para os comprarem, mexem nas suas mamas e apalpam os mamilos. Perguntam-lhes, quantos filhos já pariram, ao que respondem conforme os seus *cauponibus* ou vendedores lhes ensinaram antes, mostrando um número de dedos [da mão]. E mostram dois, três, quatro ou cinco dedos, segundo tinham entendido,

Fol. 139 v (286):

quantos filhos terão parido. E sobretudo as mulheres.

No que respeita e é relativo à sua cor preta, e qual a razão de terem uma cor ou pele preta de carvão em todo o corpo, esta quase que escapa à razão humana, e é quase impossível, nem é fácil de

²⁷⁰ Deve referir-se a desenhos que constavam dum original perdido de que este manuscrito foi copiado.

²⁷¹ Expressão alemã de significado obscuro dentro do contexto e que por isso não se traduziu. “Paradeiser” é uma expressão regional (Áustria) que significa tomate. Neste contexto não é este com certeza o significado. Em inglês “grains of paradise” é um sinónimo antiquado de malagueta.

²⁷² Rua Nova dos Mercadores?

fundamentar ou compreender perfeitamente, por que são paridos pretos do ventre da mãe, e isso não só quando nascem nas suas terras, mas também na Hispânia Lusitana e todas as outras [terras] para onde são levados. E quando um homem branco se mistura com uma moura preta, as crias da mesma são meio pretas, o que os lusitanos chamam *mulatos*. Tal como na mesma forma aos animais, os nascidos da cópula de um garanhão ou cavalo e duma burra, se chamam mulas, embora estas sejam em geral

Fol. 140 r (287):

inférteis. enquanto [nos mulatos e mulatas] em muitos [casos] se verifica que são férteis. De tudo isto se colige e conclui suficientemente que a causa perfeita da negridão dos pretos e etíopes não pode ser a *elevatio solis* e *aducti* ou *fervens æstus regionis*, isto é a elevação do Sol acima das suas terras e o seu calor imenso. Acho, antes que isso resulta da natureza particular e das propriedades da terra que habitam e que isso seja a causa mais importante da sua negridão. No entanto, também não nego de todo que contribuam muito para a sua negridão as referidas circunstâncias de $\pi\rho\omicron\delta\phi\rho\rho\mu\epsilon\nu\alpha$ ²⁷³, isto é *adiuvamenta* ou coadjuvação efetiva, nomeadamente a notícia da elevação

Fol. 140 v (288):

do ☉²⁷⁴ acima das suas cabeças que provocaria a combustão e transmutação do sémen. Esta opinião também é a do bem douto e nobre Damião de Góis, do supremo governador lusitano das Índias, que atribui a negridão dos etíopes a sobretudo três causas, como seja a *elevationem* ou elevação do ☉, depois disso a *adustionem spermatis parentum*, isto é o esperma dos seus pais ter sido queimado, e em terceiro lugar que a *regionis humiditatem*, isto é a secura ou os frutos da terra possuem uma propriedade negrejante, com a exceção (diz ele) dos *mulis* (que se entendem como povos originários de uma província etíope especial[]), que transmigraram e vieram de *æthiopiam per colonias*, por estes originalmente não terem sido pretos, mas em geral terem ficado queimados pelo grande calor do Sol e se terem tornado negros. Por isso, não há dúvida que a verdadeira causa da sua negridão é a vizinhança e

Fol. 141 r (289):

elevação do Sol, de tal forma que o seu esperma pode ter ficado queimado e muitos outros $\pi\rho\omicron\delta\phi\rho\rho\mu\epsilon\nu\alpha$ produzirem uma matéria que confere a cor negra, e em especial a grande secura e aridez das mesmas terras. Além disso também acredito, e considero adquirido ou aceito totalmente que a principal causa da sua negridão é uma certa posição de várias estrelas, com que aquelas terras têm uma certa familiaridade de onde [a sua negritude] nasce e flui.

[Isto] porque também vemos que os índios ou indianos que agora se chamam *Brysili* que habitam no mesmo *Tractatu* das *zonæ torridæ*, isto é abaixo da linha dos equinócios, são muito mais, mas não completamente brancos, e antes mais amarelos ou pálidos do que pretos.

O rei dos etíopes ou dos negritas, isto é dos mouros negros, é devoto de uma religião que é semelhante à religião da Igreja Romana,

Fol. 141 v (290):

porque eu vi a carta dirigida pelo mesmo à santidade papal e ao rei da Lusitânia, na qual pede vários auxiliares, artesãos e mestres e solicita que lhe sejam enviados; na qual carta e missiva ele testemunha a sua fé, e narra o início e a origem [da mesma], embora também se queixe sobretudo dos reis e príncipes da Europa estarem desunidos e inválidos uns para os outros, quando deviam constituir um só corpo, uma vez que têm a mesma religião e uma única cabeça em Cristo. Tal como também é o caso do rei das Índias, que por isso dá muito amor e valor aos francos (porque é assim que chamam todos os povos europeus) quando vieram ter com ele para, na proteção e defesa da cidade de Cambaia,

²⁷³ Orosferomena vocábulo de significado obscuro, mas certamente relacionado com orosfera (parte sólida da superfície terrestre).

²⁷⁴ ☉ é o símbolo alquimístico do ouro e do Sol, também usado na astrologia. Segundo as doutrinas da alquimia, ☉ tem a virtude de causar transformações noutros corpos.

derrotarem e afugentarem centenas de milhares de turcos, pelo que escreve e testemunha expressamente que *Deum nobiscum esse*, isto é que Deus está connosco e no meio de nós. Finalmente vi, no entanto, em Lisboa, um homem, que nascera e fora concebido não longe da Mina de dois pais negros de carvão e que, apesar disso, era todo branco, pois muito mais branco que um alemão [alguma vez] pode ser, mas que em todos os membros tinha feições semelhantes às dos mouros e egípcios ou negritas.

V

*AESTVS*²⁷⁵ *MARIS*

Do Enchimento e do Vazamento do Mar, isto é das Marés.

Em cada dia natural, isto é dentro das 24 horas de cada dia natural, o mar cresce duas vezes e volta a minguar outras duas vezes. Depois nas primeiras seis horas flui ou aumenta de tal maneira que passa das suas margens habituais e depois, nas outras seis horas seguintes em que *exestuiret* outra vez e diminui de tal maneira ou recua na mesma medida em que tinha aumentado antes e passado das suas margens. Nas seis horas seguintes *æstuirets* e cresce e enche tanto como antes até á 18.^a hora.

Mas as últimas seis horas até à 24.^a hora se *exæstuiret* e diminui novamente tanto como antes, e este *Fluxum* e *Refluxum*, isto é enchimento e vazamento faz *continue*, isto é diariamente sem alguma vez cessar. No entanto a mesma maré é muito maior e mais forte na lua cheia do que na lua nova e o que depois estive a *observiert* propriamente é que na lua nova encheu e vazou mais devagar que na lua cheia. Senão, todos os dias a menor de todas é a partir das dez horas da manhã. Mas *æstuires*, isto é enchem e vazam sobretudo os *Mana* ou mares mais próximos do *Oceano*, isto é do mar grande e bravo que também fica ou chega mais proximamente aos países mais quentes.

O nosso *MARE DANTISCANVM* que é como se chama o *Mar do Leste* não está sujeito a vazamento e enchimento ou *Æstum*, tal como quase não posso crer que o *Belgicum Mare*, isto é o *Mar Ocidental* tenha um *Æstum* ou esteja sujeito mesmo que seja muito pouco.

Mas o *Mare Anglicum* ou Mar Inglês *æstuires*, isto é enche e vaza todos os dias entre preia-mar e baixa-mar, embora nalguns sítios mais do que noutros, conforme a corrente do *Oceanus* lá consiga chegar ou não.

Mas na *Hybernia* ou Irlanda, sendo uma ilha e situada por trás da Inglaterra o movimento do mar aumenta todos os dias quase 15 braças ou toesas.

VI.

De marmoribus Lusitanicis

Isto é, encontram-se narrados e *describiret* a *fol. 56 fac. 1* várias espécies e géneros de pedras-mármore lusitanos.

VII.

²⁷⁵ Acusativo do substantivo latino *aestus*. Entre múltiplos significados, como por exemplo calor intenso, ebulição e ondulação, também pode significar maré.

A *fol. 89 fac. 1* estão *commemoriret* as *mensuræ* Lusitanicæ dos *Aridorum et Pannorum*, isto é as medidas e [suas] divisões de todos os frutos ou matérias secas, idem dos panos ou vestes.

FINIS

[4.^a Parte da História Natural de Portugal]

[Aves, fol. 317 [217]r – 322[222]v]²⁷⁶

*Solitarius*²⁷⁷ é um ave negra com o tamanho e as feições de um estorninho, um pouco mais negro, voa sempre sozinho, procura recolher-se [?] por baixo [das beiras] dos telhados das casas e pousa sempre num sítio certo e habitual; e ora olha para o que se passa à sua volta, ora fica com a cabeça quieta. Canta muito amorosamente, quase como um rouxinol. Não canta demasiadas vezes, embora suficientes vezes para se alegrar com aquele pouco canto, quando devia pastar-se de vermezinhas sem parar. Tem gestos estranhos porque mexe a cauda com tanta rapidez que mal se consegue ver como o faz e estende as penas da cauda de forma a tapar todo o corpo e, ao mesmo tempo, pendura a cabeça para baixo ficando dobrado para a frente. O pescoço é azul quase negro.

Em Lisboa [as pessoas] têm aves nas suas casas que não são [muito] diferentes destas, [mas são] completamente negras com bicos vermelhos e pés da cor do mínio, quase como corvos só que mais pequenas; [e] cantam bem. São um género de gralhas [que] roubam ou removem e levam [consigo] ouro e pedras preciosas.

[Quanto aos] estorninhos, também há de duas [espécies], todos pretos sem quaisquer máculas ou malhas, [tendo] os nossos máculas ou [sendo] salpicados.

Os corvos de água ou marinhos são maiores que os outros, quase do tamanho dum ganso com o bico curvado.

O mesmo com outras perdizes [sic], porque têm bicos vermelhos e pés vermelhos tal como [se fosse?] um chifre branco que está tingido com pau-brasil. Nos pés têm pequenos nós, tal como as galinhas, mas não [são] tão grandes ou compridos como as esporas dos pés dos galos. São maiores que os nossos e têm penas azul-celestes e vermelhas.

species: Há várias [espécies] de mergulhões. Os brancos são idênticos às garças, embora mais pequenos, do tamanho duma galinha. São todos brancos, mas no dorso um pouco escuros. Têm bicos brancos e pés brancos.

A *Batarda*²⁷⁸ é tão grande como um águia, tem uma barriga branca mas no dorso [é] como um faisão e à volta da cabeça é vermelha pintalgada de preto tal como as *Coreshæ* mas não tem penas tão compridas. Tem um bico curto, curvo e negro como os galos, pés altos ou compridos [e] nus, não diferentes dos pés dos galos. Tem um sabor melhor que o das nossas galinhas montanhesas. Sibilam ou assobiam alto quando repousam[?] ou quando voam num temporal de um lado para o outro sobre as margens do mar; apanham peixes com o bico e engolem-nos vivos, incluindo peixes bastante grandes. Quando apanham os peixes, deixam as pernas caídas, senão estendem-nas para debaixo da cauda, etc.

2: *Mergi pulli*. Os mergulhões negros são iguais a estes²⁷⁹ em feições e tamanho, só que estes são negros no dorso, na cabeça e na cauda bem como a parte de cima das asas. Não consigo saber se nos machos também por baixo. Voam com estas sobre o mar. Quando este está agitado, vêm se em

²⁷⁶ Nesta última das partes do manuscrito relativas a Portugal inicia-se uma nova numeração de 1r a 35v paralelamente à continuação da numeração anterior.

²⁷⁷ Deve referir-se à ave chamada em latim *Monticola solitarius*, em alemão „Blaumerle“ e em Português *melro azul*.

²⁷⁸ A palavra levaria à abetarda, mas a descrição é incompatível com essa hipótese de tradução.

²⁷⁹ Refere-se ao parágrafo anterior relativo à suposta abetarda.

grandes bandos [pousados] nas margens. Quando o mar está sereno, elevam-se altamente no ar. E não há tantos como os brancos.

3: A terceira espécie de mergulhões é toda negra, tanto no dorso como na barriga e às vezes branca pintalgada; voam mais sobre o mar alto, não vem à terra ou margem quando [o mar] está agitado assim voam à volta das naus, o que leva os navegantes, quando os vêem em bandos densos, a prever um temporal forte. Ainda mais, quando a ave pequena, chamada ave de temporal²⁸⁰, voa ao mesmo tempo à volta da nau, então ficam muito certos de que vai haver um temporal ou intempérie. Os de Inglaterra são avermelhados no dorso, maiores e mais encorpados. Os outros são muito brancos, etc.

Os gansos na Índia são muito diferentes dos nossos, mais baixos, compridos, negros; têm um bico negro e uma pele negra até aos olhos. Põem os olhos em bico, tal como fazem os *Nigritæ*. À volta dos olhos são avermelhadas como o mínio. A cabeça, pescoço e dorso são negros, [são] como um um galo grande ou pato e tem um brilho um pouco como azul do céu, verde e avermelhado. Tal como num pato, a barriga é negra com malhas brancas. Entre as asas e nas [próprias] asas são um pouco brancos, [mas tem] uma cauda negra, pés como um ganso, mas negros. No bico ao pé dos buracos do nariz tem uns botõezinhos salientes, tem uma voz rouca tal como os gansos.

Psitacus Ætiopicus. Os papagaios do país dos mouros são os melhores a falar. Não são tão grandes como aqueles que trazem de *Brisilia*²⁸¹, são cinzentos, tem bicos pretos e pés pretos, de baixo da barriga são um bocado brancos, às vezes tem as pontas das asas e a cauda salpicadas dea cor de mínio; são os melhores para falarem; tem de ser ensinados no escuro da noite. Trazem muito das *Minis Ætiopicis*²⁸², como dizem.

Psitacus totus cinereus

Um papagaio todo cinzento

Psitacus cinereus albis maculis in toto corpore, his maior æquat Brisilicos, etc. Idem um papagaio cinzento com manchas brancas em todo o corpo, e maior que estes, pois tão grandes como os que vêm do Brasil.

Psitacus Brisilicus. Um papagaio da *Brisilia*²⁸¹ e várias outras ilhas com uma cabeça verde, dos quais há várias espécies. Os maiores deles são verdes sobre amarelo, a cauda e as asas são da cor do mínio.

O outro papagaio é igual a este em tamanho e cor, só que tem nas asas penas lindas de azul celeste, tal como vermelhas e uma cauda vermelha como o mínio; no que resta é igual aquele.

Idem um papagaio igual a este mas sem ser tão grande.

Os papagaios mais pequenos de todos são como os estorninhos, [mas] verdes em todas as partes; diz-se que não cantam de todo.

²⁸⁰ Tentativa de tradução do nome alemão “Sturmvogel”, no plural “Sturmvögel”, uma família de aves marinhas que inclui as pardelas – pequenos pássaros marítimos também chamados bobos, petréis, cagarras, grazinas ou freiras.

²⁸¹ Brasil.

²⁸² Queria dizer provavelmente *São Jorge da Mina* no Golfo da Guiné.

Psitacus totus viridis. Um papagaio todo verde. As penas mais acima nas costas parecem como azul celeste acinzentado, na cauda [na]s asas tem 3 ou 4 penas vermelhas, o mesmo [se diz] na cauda e na cabeça; no bico tem manchas cor de limão ou douradas, tal [como] uma garganta vermelha; os seus pés são de cores variadas como as serpentes; o bico é escuro sobre branco²⁸³, o corno [sic] e um pouco branco; os [de tamanhos] médios dentro dos grandes são os que falam melhor.

[A ave com] a forma da nossa *Schnepff*²⁸⁴ está toda salpicada de pequenas malhas vermelhas e pretas. As costas e a barriga são vermelhas com malhinhas negras; tem pés compridos e um bico comprido, tal como a nossa *Schneff*, com a exceção de não ter uma barriga branca. Os povos da *Lusitania* chamam-lhe *Gallinola*.

A outra é igual a esta, sendo nas costas e na barriga só simplesmente brancas, o bico é como nas nossas rolas coloridas, sem ser tão comprido como na *Schneff*²⁸⁵, também não tem tanto corpo; nos pés são iguais.

Uma outra espécie é igual a esta quanto à forma e ao tamanho, quanto ao bico [são] como as galinhas-de-água, e também [têm] pés iguais; no corpo [são] brancas, mas [as] asas [são] negras.

Idem uma outra espécie [é] igual a esta, mas três vezes maior.

*Sissaum*²⁸⁶ é a mais pequena [destas espécies], um pouco maior que um pardal, têm quase [sempre] a mesma cor.

A mais distinta de todas as águias, chamada *Aquila Regalis*. é castanha e muito grande; os pés estão completamente cobertos de penas; com os pés e as garras penduram as suas crias pelo pescoço. A *Lusitania* ou *Portugal* está cheia [de aves] desta espécie; fazem os seus ninhos nas fragas altas. Durante o mês de Abril criam em geral um par de filhos. Nos seus ninhos têm uma pedra que por dentro tem ou inclui outra, que faz muito bem ao berço.

A outra espécie ou o outro género tem uma cor branca e não é tão nobre.

*Coreschæ*²⁸⁷[sic] são quanto ao tamanho e forma ou feições iguais aos nossos grou; na cabeça ao lado das orelhas têm umas penas brancas compridas, que pendem sobre o dorso, tal como nas mulheres os seus mantos, e estas ornam a ave muito bem, e [estas] têm um círculo vermelho à volta dos olhos; o bico e a cabeça são negros e têm pés negros, mas fora disso são como os [nossos] grou, também têm uma voz tal como os grou e também caminham da mesma maneira; têm um gesto e aspeto igual ao dos [nossos] grou. Em Abril chocam as crias. Habitam junto a cursos de água, mas não nadam. Na *Lusitania* há imensos.

Os gansos na *Lusitania* ou *Portegal* [sic] são muito maiores do que cá os nossos, sim, mesmo tão grandes como uma ovelha o pode ser. Fora disso são iguais aos [nossos] gansos. Tentam dar bicadas nos olhos das pessoas.

²⁸³ Na margem está acrescentado “ou de cor azul celeste acinzentado”.

²⁸⁴ Em alemão atual “Schnepfe”, nome comum da galinhola.

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ Sisão, *Tetrax tetrax*.

²⁸⁷ Grou.

Reschinol [sic]²⁸⁸. A ave só canta durante três meses. O macho só canta sozinho. A donzela não sabe cantar. Quando se querem acariciar ou acasalar com a donzela ou com o marido, ele também canta e quando está copular e houver luar fica a cantar durante toda a noite. Na altura das vindimas fica vermelho e quando se senta num ramo verde canta muito maravilhosa e docemente.

Rolas é como chamam às pombinhas de rolar, das quais a Lusitania tem muitas. Diz-se das donzelas que, quando o marido morre, nunca mais se sentam numa árvore verde, mas são vistas muitas vezes em árvores velhas e secas.

*Regulus*²⁸⁹ esta ave faz um ninho comprido e redondo que tem uma abertura de cada um dos dois lados; tem cinco ou seis crias.

²⁸⁸ Rouxinol. A a

²⁸⁹ Estrelinha-de-poupa.

De quadrupedibus

Dos bichos de quatro pés²⁹⁰

Simiæ non caudatæ. Dos macacos que não têm caudas, aqueles que são bastante pequenos têm um pelo igual ao dos burros, são astutos e espertos; têm a cabeça pequena.

[Há também] um macaco sem cauda que é duas a três vezes maior e tem o mesmo género de pelo, mas um pouco mais avermelhado; atira com pedras e quando acerta nalgúem, aleija. Bebe de púcaros como se fosse humano. Tem gestos ou atitudes maravilhosas.

Os macacos maiores com cauda [que há] na terra dos mouros, são vermelhos e têm a face negra; não há nada mais semelhante a um ser humano quanto à boca, orelhas, mãos e pés e ao caminhar. Até se diz que tratam com mulheres na terra dos mouros e que se juntam a elas da seguinte maneira: Quando na terra dos mouros as moças jovens saiem para o banho quente, para os pastos e para os campos para arrancar o linho, eles saiem dos arbustos secos do mato em que estão escondidos; quando vêem que elas estão sozinhas vão junto delas e fazem lhes entender por meio de acenos e gestos que se querem juntar com elas; e pegam nas moças e deitam-nas no chão e se elas se recusarem a fazer-lhes a vontade, forçam-nas, mordendo-as cruel e violentamente.

Um tal macaco soltou-se em *Lisbona* e foi pela cidade fora e onde viu mulheres veio junto delas e puxava pelo membro masculino, levantava-lhes as saias e queria juntar-se. As mulheres fugiam por toda a parte.

Macacos cinzentos com caudas.

[Há] uns macacos amarelos que são maiores que estes e mais esguios e compridos, tanto no tronco como nos pés.

Os macacos castanhos são iguais a estes.

Os macacos negros com caudas só se distinguem na cor.

Os macacos que têm cores vermelho-escuro ou púrpura sobre branco são maiores que os anteriores.

Aos macacos castanhos com caudas mais pequenos de todos chamam-se *Scharminklichen*²⁹¹; não mordem e são um pouquinho mais altos e grandes que um gato. Tudo o que vêem querem imitar com os seus gestos; estes são os mais vivos, são os mais queridos e dignos.

Mulae. As mulas são um género ou *Species* própria e à parte entre os burros e os cavalos. Não parem ou procriam.

Asinus Indicus.²⁹² Os burros na Índia têm cores variadas, como se um pintor as tivesse pintado com arte. Têm traços ou linhas negras largas nas coxas[?] atravessadas até aos pés, seguidos de cor de púrpura alternadamente clara e luminosa em todo o tronco desde a cauda até à boca; fora disso é igual a um burro em tamanho e nos pés. Um burro como este foi oferecido ao rei de Portugal pelo rei da

²⁹⁰ Neste capítulo o autor descreve primeiramente espécies que deve ter visto em parques ou jardins em Lisboa como macacos, zebras e leões antes de tratar de espécies endémicas.

²⁹¹ Designação que foi impossível de traduzir.

²⁹² O autor provavelmente está a referir-se a uma zebra.

Índia como homenagem, [burro este] que vi muitas vezes. Diz-se que em África os burros não são muito diferentes deste.

Leões há muitos em África e, se não tivessem sido impedidos pelos estreitos do mar do Helesponto a que chamam a estrada, então também os haveria na Lusitânia e Hispânia; existem sobretudo duas espécies.

Os melhores entre os leões [são] chamados *Regales*; acompanham as pessoas [a partir] das matas e selvas até às suas casas ou lares e protegem-nos de outros leões; não fazem mal às pessoas. Têm na cabeça um anel branco ou amarelo-claro, como se fosse uma coroa, pelo que lhe chamam *Regales*.

Os outros leões são escuros; esses estrangulam animais variados e pessoas. Os castanhos seguem por detrás de aqueles a que chamam *Regales*. E coligem as partes das presas que os *Regales* deixam ficar para trás ou não querem reter. E quando os dois andam juntos nenhum deles pode fazer mal a uma pessoa.

Em Portugal ou na Lusitânia há uns lagartos muito grandes²⁹³, quase tão grandes como um gato; são de cor um bocado verde e encontram-se onde há muitos arbustos. Não têm nenhuma peçonha, mas mordem com muita força e não abrem a boca antes de lhes sangrarem os dentes mesmo se os rasgassem em pedaços. Para remediar esse mal dá-se-lhes pão quente acabado de cozer o que faz com que, quando se põe em frente da sua boca, eles a abram e deixem de morder. E são chamados propriamente Lacerti ou lagartos.

Há outros lagartos, esses peçonhosos. Esses andam pelos muros quando o Sol está mais quente e mais queima à tarde e têm uma cor feia. Têm uma pele áspera, folhosa e com bolhas. São mais largos e mais curtos que os nossos [lagartos]; também não têm uma cauda tão comprida mas mais grossa; não são tão esguios o estreitos e também andam mais devagar. Na pele têm uma cor e umas folhas como um sapo peçonhoso ou uma rã[?] ²⁹⁴.

Conta-se que uma mulher preparou para os seus servos pão acabado de cozer e que deu [um bocado] a um deles que ao comê-lo morreu. Quando também deu a outro, esse morreu igualmente. Abriram então o pão e encontraram um destes lagartos que talvez tenha caído na massa quando se amassou ou se preparaou a mesma. A meia cauda é toda à volta colorida; numa parte da cauda esta é nodosa ou áspera e não [é] lisa, bem [como] sobre o dorso até à cabeça; e se se reparar bem [nestes lagartos] são dum amarelo a cinzento feio. Estão deitados escondidos nas fendas apertadas entre as pedras e estendem os pés ao lado para fora, como se estivessem mortos; e têm os olhos sempre abertos e também têm olhos maiores que os lagartos lisos.

Este género de lagartos como os que se encontram neste país, encontram-se a rastejar pelos muros, e quanto mais quente for o Sol mais gostam de caminhar pelos muros e paredes. Dos nossos verdes também há muitos.

As cabras não são aqui tão altas como entre nós; não têm pernas tão compridas ou altas; o ventre está pendurado quase até ao chão, são vermelhas e de muitas outras cores que entre nós nunca tinha visto; têm uma cabeça e a boca mais redonda. Da mesma maneira os porcos.

Os gatos aqui são vermelhos escuros; em Janeiro quase todos se juntam.

Víboras há nas montanhas muitas. As suas mordeduras ou picadas são peçonhentas. Diz-se que têm na cauda um pico curvado ou anzol, tal como os escorpiões para [com ele] ferrarem. É de certa maneira como a unha de uma pessoa. Ferram de manhã, ao meio-dia e à noite.²⁹⁵ Têm uma cauda grossa e uma

²⁹³ Sardões.

²⁹⁴ Na margem está acrescentado “negras como terra”.

²⁹⁵ Esta frase vem na margem do manuscrito.

cabeça larga e não chegam a ter dois côvados²⁹⁶ de comprimento. Têm três horas especiais em que ferram ou mordem. Se ferrarem alguém de manhã, o mesmo morre imediatamente.

Pullæt [sic]²⁹⁷ são serpentes que se mantêm em casa onde são criadas, para serem comidas; não são peçonhentas. Na *Gallicia e Hispania* comem-se muitas vezes. Cortam-se-lhes a cabeça e a cauda e fritam-se e assim é que sabem melhor; senão são tratadas com temperos.

As aranhas que se há por aqui, não se vêem acolá nas casas. Mas há por aqui um género de aranhas que também fiam teias como as nossas; não são grandes [são] como um grão de trigo. Têm pernas compridas que formam uma roda à volta; andam nos muros e não fazem mal, etc.

Os besouros são dourados, de aspeto um bocado compridos com uma espessura de uma polegada e duas de comprimento. Parecem como se lhe tivessem tirado a cabeça, embora a tenham no interior de baixo da carapaça, onde parece um pouco mais escura. Nas outras partes do corpo têm a barriga e as asas como os besouros dourados verdes; têm furinhos como se tivessem sido picados com agulhas.

Também há um verme de terra²⁹⁸; quando morde alguém, caga muito.

Millepes são parecidos com os nossos mil-pés²⁹⁹, mas muito maiores com muitos pés compridos, que se dispõem e arrumam bem como numa roda; fora disso são muito parecidos.

In Lusitania

Há uma espécie de ratos-do-mato maiores que um esquilo, quase duas vezes, [que] são multicolores, como se tivessem sido pintadas, tal como são os nossos texugos³⁰⁰, mas um pouco mais escuros; têm uma boca pontiaguda e uma cauda comprida coberta com pouco pelo, tem um tronco estreito ou delgado, pés curtos, uma boca ou cauda comprida, mas não morde.

Cuniculi

Coelhos que entre nós são desconhecidos, não se encontram nas nossas matas, mas aqui as florestas estão cheias deles: Muitos são negros, muitos são cinzentos-escuros, brancos avermelhados, etc. Aparentemente são mais pequenos que os nossos.³⁰¹

[Plantas e outros seres vivos, fol. 329r (665) – 353v (714)]

²⁹⁶ Cerca de 80 cm.

²⁹⁷ Presumivelmente trata-se de enguias, que na Idade Média costumavam ser classificadas como serpentes. Na margem encontra-se a nota “as serpentes negras”.

²⁹⁸ Ou minhoca?

²⁹⁹ Milípedes em português atual.

³⁰⁰ Na transcrição do manuscrito não se conseguiu decifrar a palavra que se presume que seja “Dachsm[rder]” (em português texugo), por as últimas três letras terem ficado ocultas na dobra. A opção continua na dúvida.

³⁰¹ “Os nossos” deve referir-se às lebres, uma vez que no século XVI na Alemanha quase que ainda não havia coelhos selvagens, mas havia muita lebre selvagem nas florestas.

O outro *Geranium* tem folhas como a erva-do-garrotinho [?] ³⁰², mais compridas e mais brancas; quanto às flores é igual.

Perexil ³⁰³ é um género ou *species Daucorum* ³⁰⁴; cresce apenas isoladamente nas margens do mar, molhadas pelo mar quando a maré sobe; e quando o mar vaza, permanece na margem seca. Mas tem folhas grossas e espessas, que estão cheias de suco e com cores belas, como amarelo-pálido juntas com verdes, recortadas como as folhas de coentro, [mas] muito maiores e espessas, 20 vezes maiores ou mais e mais largas que a largura dum dedo e um terço tão espessas como compridas; as sementes estão em cachos grossos e espessos que são baixos, do tamanho dos *Macedonischen Petrosilini* ³⁰⁵; a forma ou aparência é a mesma, mas é um pouco mais comprida.

A erva é confeccionada com *muria* ³⁰⁶, sabe bem doce e deliciosa, [e] quando crua e não confeccionada também. A maneira de a comer descrevi mais abaixo. É muito cara e preciosa.

Uma outra erva é-me desconhecida, também é confeccionada com *muria*; come-se com azeite e *Vinagria*; tem folhas compridas da largura dum dedo mindinho, o seu tutano é grosso e suculento, um pouco amargo ou acre; tem espinhos compridos e muito afiados.

Herba Scopalis ³⁰⁷. Uma erva que se usa para fazer vassouras; tem pequenas hastes ou raminhos de cujo topo, como dum colo, nascem muitas folhas compridas; e são todas iguais e dispostas como os dedos esticados duma mão. Talvez seja um género de *Staphisagria* ³⁰⁸ que também se chama *pedicularis*. Em *Castella* há muita.

Trouisquo ³⁰⁹ uma erva assim chamada na *Lusitania* é muito parecida com o *Thitymallidi* ou erva-leiteira, que cresce debaixo das árvores; tem folhas estreitas, pequenas e curtas. De uma raiz nascem muitas hastes sem ramos. Cresce geralmente por entre as oliveiras. Mas não tem leite; tem as flores em muitos cachos pequenos, por dentro um pouco amareladas; cheiram muito bem; tem baguinhas vermelhas um pouco alongadas. [É] igual ao *Glicypicro* ³¹⁰ ou doce e amarga, mas um pouco mais pequena. A erva é naturalmente quente, cresce devagar. Auxilia nas dores dos olhos e ouvidos.

Camomilla satiua. As flores da camomila que se observam são [d]uma erva rasteira; não cresce mais que um palmo de altura, fica deitada na terra, cheira bem, tem muitas flores amarelas; as cabecinhas são amarelas, mas não tem o branco que está disposto como raios; [é] como se se arrancasse às nossas camomilas as [pétalas] brancas que circundam o olho; tem folhas como o funcho; cheira a maçãs, de forma que não conheço nada que tenha um cheiro tão parecido com o ds maçãs que esta flor de camomila e a seguinte.

Alter Camilla. A outra camomila é igual a esta quanto ao cheiro, folhas e flores. Só que é um pouco mais alta, embora não mais que um côvado. Mas as flores nos cachos são muitas; cada flor tem a sua haste especial; quanto à aparência ou aspeto são todas semelhantes ao *Millefolio Lusitanico*, que vem a seguir, que muitas vezes também engana quem o colhe, por ambos crescerem em campos estéreis ou não arados ou incultos de onde provêm as nossas camomilas, que nunca se encontram neste país.

³⁰² No original alemão “Bibinel”.

³⁰³ Perrexil, funcho-do-mar, lat. *Crithmum maritimum*.

³⁰⁴ Espécie de cenouras.

³⁰⁵ Salsa da Macedónia lat. *Petroselinum crispum*. Salsa-comum.

³⁰⁶ Sal em latim.

³⁰⁷ Escopólia?

³⁰⁸ Estafiságria, lat. *Delphinium staphysagria*, nome comum português mata-piolhos.

³⁰⁹ Trovisco, lat. *Daphne gnidium*.

³¹⁰ Doce-amarga, *Solanum dulcamara*.

*Millefolium Lusitanicum*³¹¹ é plantado nos nossos jardins e tem um cheiro mais mimoso, mas tem folhas quase como o *Chamedrus*³¹² ou erva-carvalhinha; em cima são redondas, mas na haste mais delgada e comprida; as flores crescem em cima em cachos compridos e quase bicudos, como são os dos *Thanaceti*³¹³, só que cerca de duas a três vezes mais pequena, tem muitas vezes um cheiro mimoso, quando se cheira demasiado torna-se repelente e mesmo repugnante tal como o *Chamecyparissus*. Chamam-lhes *Macela*.

Macela gualega é um género ou *Species* da mesma, mas mais pequena, às vezes cresce até mais de uma mão de altura. Mas é propriamente dita uma espécie mais pequena de camomila, mas não tem o branco que está disposto como raios; as cabeças são amarelas e redondas e cheiram como a camomila, as folhas são como as do funcho e cresce no campo.

*Satyron*³¹⁴ tem folhas idênticas às do *Bulbum uomitorium*, são encima um pouco mais redondas; cresce em geral em colinas; só tem uma raiz única que é maior que a das *Orchis* ou escrotos-de-cão; também tem flores maiores que as nossas, pintalgadas de cor púrpura clara; tem uma raiz como a do carriço, em baixo mais aguda; no inverno fica com uma raiz nova, de modo que se fique às vezes a pensar que tem duas raízes.

*Belis*³¹⁵ *minor*, a espécie mais pequena da erva.

Belis não coincide com as nossas, porque tem folhas diferentes. Que são im pouco recortadas; são um pouco mais largas; são um pouco mais brancas, ásperas e amarelecem um pouco.

Belis maior. A *Belis* maior tem folhas grandes, largas, ásperas, amarelecem e não são recortadas; são idênticas à espécie pequena; tem uma haste espessa e áspera na qual cresce uma flor, que é duas vezes maior que na espécie anterior, com um olho grande, que é circundado por dois ou três raios ou radiais.

*Rumex*³¹⁶ *German*: Aos catacuzes chama-se em Portugal *Labaca*; tem folhas semelhantes às nossas bicudas e redondas; não coincide completamente com nenhuma delas, mas [antes] fica ao meio; cresce em sítios pantanosos; tem raízes mais amarelas que as nossas, idênticas ao *Reubarbi*³¹⁷ é de natureza quente no 2º grau; espalha as hastes e os ramos; os nossos crescem mais altos. Usam para [tratar] tanto as escaras como a sarna.

A outra espécie cresce [em sítios] onde ruíram casas velhas e só [difere porque] tem folhas mais largas cheias de veios vermelhos.

Species Dentis Leonis. [O] Dente-de-leão tem folhas ásperas dos dois lados com 7 ou 8 recortes profundos; os espinhos ou dentes não são agudos, mas um pouco [ar]redon[da]dos. A flor do *Hieraty* [?] ou dente-de-leão pequeno é mais amarela; a haste em cima no umbigozinho ou casulo, onde estão as flores e crescem [é] cinzento e tem um pouco de leite; tem várias raízes que são idênticas às do nosso *Cycibalaris* [?]: por fora parecem escuras; quando se partem, vê-se, passadas umas horas, que estão vermelhas-de-sangue.

Blitum, macelga³¹⁸ tem [cá] entre eles folhas muito redondas.

³¹¹ Millefólio, *Achillea millefolium*

³¹² Camédrio, erva-carvalhinha, *Teucrium chamaedrys*.

³¹³ Tanaceto, atanásia-das-boticas, *Tanacetum parthenium*.

³¹⁴ Satirião-macho, escroto-canino, salepo-maior, *Orchis mascula*.

³¹⁵ Margarida, *Bellis*.

³¹⁶ Labaça, *Lapathum*.

³¹⁷ Ruibarbo, *Rheum rhabarbarum*.

³¹⁸ Macelga *Beta vulgaris*.

A outra espécie de cá tem as folhas deitadas sobre os ramos.

A terceira espécie tem as folhas [idênticas às] da erva a que nós chamamos “Je länger je lieber”³¹⁹.

Origanum Lusitanicum, orégão³²⁰ é muito idêntico ao nosso; tem hastes vermelhas ou mais propriamente castanhas, que têm pelugem[?] vermelho e áspero; tem folhas como o “Maioran”³²¹. Na sua espiga há [n0 entanto] uma diferença, porque tem uma umbela como uma espiga que é quadrada, ou tem quatro vértices; as flores brancas daí são semelhantes às nossas; o cheiro é quase o mesmo, mas muito mais forte, quase como uma especiaria e muito mimoso. Cresce por toda a parte nos campos.

Pseudo Origanum, o orégão falso, é muito parecido e também cresce nos mesmo sítios e geralmente junto do outro, mas não tem nenhum cheiro, e é tão parecido que não há nenhum sinal melhor para o distinguir senão a falta de cheiro, uma vez que não tem cheiro nenhum.

*Iarum Lusitanicum*³²² tem folhas como a abóbora selvagem; cortante; fica um pouco negro; na parte mais baixa da haste tem dois brotos salientes e cortantes; [tem] uma raiz revestida por várias películas; é redonda; idem é cortante e pica; algumas vezes as suas folhas estão pintalgadas; cresce de baixo ou entre arbustos; as folhas fritas em banha de porco dão-se de comer aos porcos que assim ficam muito gordos.

Porrum Sylvestre, alho porro bravo³²³, tem a cabeça mais redonda do que se vê; no inverno nascem dentro das peles ou vagens muitos frutozinhos pequenos.

*Fratres Arisarum*³²⁴ é quase igual a este, mas não tem folhas tão grandes; cresce em geral no meio das raízes das oliveiras; tem folhas amarelas penduradas para baixo; são redondas, tem uma raiz branca pequena; queima [na língua?] maravilhosamente e tem o tamanho duma noz; tem uma flor negra numa haste com o comprimento dum dedo que é branca. A flor está enfeitada com risquinhos ou tracinhos de cor púrpura ou enegrecidos. Está dividida em [partes] de cor branca e de cor púrpura, porque a [parte] de cor púrpura é acompanhada ao longo por uma faixa de cor branca; quando-se observa contra uma luz, aparenta ser toda púrpura.

Mas esta flor tem uma forma como o hábito com que se veste um monge; por isso tem este nome porque pende para o lado por estar aberto.

*Serpentina[m]*³²⁵ plantam-se nos jardins. É uma raiz larga e redonda e baixa, e [a partir] dela nascem outras pequenas raízes novas com a mesma forma que as outra, e daí nasce uma hastezinha maravilhosa que é tão parecida com uma serpente que se julga estar a olhar para uma verdadeira serpente viva; é pintalgada tal como são as serpentes de água; a raiz é tão grande ou mesmo maior que o tamanho que possam ter as maiores cebolas; talvez seja o *Dracunculus*, dracúnculo.

Coronopus Diabelha³²⁶

³¹⁹ Um dos nomes comuns alemães, além de “Gartengeißblatt”, da madressilva, *Lonicera caprifolia*.

³²⁰ “Wohlgemut” no original é um dos nomes comuns alemães do orégão, além de “Oregano”, *Origanum vulgare*.

³²¹ Mangerona, *Oreganum maiorana*.

³²² Jarro-dos-campos, *Arum italicum*.

³²³ Alho porro, *Allium ampeloprasum*.

³²⁴ Capuz-de-fradinho, *Arisarum vulgare*.

³²⁵ Serpentária, dracúnculo, *Dracunculus vulgaris*.

³²⁶ Diabelha, *Plantago coronopus*.

Coronopus. Há duas espécies desta erva a que os habitantes da Lusitania chama *herba lunæ, luna cæli*, erva-da-lua, lua-do-céu³²⁷.

Uma delas, ou a primeira espécie tem folhinhas tão pequenas e estreitas que não se vê quase nada, a não ser uma nervura de onde saiem uns bicos; têm um revestimento áspero de pelinhos pequenos, sobretudo nas beiras à sua volta. Só têm uma raiz única, que cozem [como remédio] contra a febre.

A outra espécie é o *plantagini* ou plantago aquática³²⁸ com folhas estreitas e bicudas iguais. Mas mesmo assim é mais parecida com a primeira espécie de *Coronopi*. As suas folhas são um pouco mais largas que as da *arnoglossæ* pequena³²⁹, ornada em todos os lados como se fosse com espinhos, que aparentam não terem crescido das mesmas mas coladas à volta.

Matulam [é como] chamam uma erva³³⁰ que, [não sendo?] idêntica à sálvia, lhe é no entanto bastante semelhante, com apenas a diferença de ter umas folhas um pouco mais compridas e ásperas, que são brancas e não libertam nenhum cheiro; estão sempre secas, sendo que as mulheres as põem nas candeias em lugar do *Petrolij* de onde têm este nome; diz-se que deve ter uma espiga; encontra-se no campo durante todo o ano. Não é da espécie fedorenta do *marubij* ou imagem com folhas de sálvia e com uma espiga alta e direita.

Myrtus. Murta ou mirta. Há três espécies na *Lusitania*.

I.

A comum que se vê por aí e que tem folhas muito pequenas, que são quase tão bicudas como as das lentilhas cheiram muito bem e os ramos são espinhosos, como nos abetos; estas não há em mais sítio nenhum sem ser na *Lusitania*.

II.

Myrtus Gallica. É a espécie que se tem em França; tem folhas que são três ou quatro vezes maiores, quase na proporção que têm na espécie que se dá connosco³³¹, um pouco compridas e menos redondas;

Crescem dreitas para cima. Eate espécie cresce tão alta e forte como um arbusto ou árvore pequena; as folhas cobrem os ramos bem densamente, [quatro] a quatro como uma cruz; o cheiro é quase o mesmo, mas cheira um pouco menos mimosa, tal como já se disse acima. As bagas são iguais às bravas, tem flores brancas.

III.

*Myrtus Sylvestris*³³². A espécie selvagem da murta tem folhas mais compridas e não tão largas e redondas com a anterior. Também não tem tantas folhas. Fora disso é quase igual. Cresce espontaneamente nos montes. As outras duas criam-se em viveiros [?]. A *Gallica* não é tão comum.

*Herba pinheira*³³³. A erva *pinheira* é igual ao *Sedo* menor, mas não tem folhas tão grossas ou espessas; também não é tão verde, tendo numerosas folhas brancas. Quando é colhido à volta do dia

³²⁷ Afirmação errada resultante de alguma confusão do autor difícil de reconstruir.

³²⁸ Tanchagem-da-água(?), *Alisma plantago-aquatica*?

³²⁹ Língua-de-ovelha(?), *Plantago lanceolata*(?).

³³⁰ Ainda não foi possível identificar a planta a que esta secção se refere.

³³¹ Subentende-se na Alemanha.

³³² Murta

³³³ *Sedum sediforme*?

de São João e pendurado por cima das soleiras, mantém-se verde durante um ano; nasce nos campos; as folhas são em cima largas e quase redondas.

Sedum, “Hauswurtz” [sic]³³⁴

Sedum maius Lusitanicum. O *Sedum* maior na *Lusitania*, a que chamam *Enxayã*³³⁵, cresce nos muros e nas casas; não é nada parecido com o nosso³³⁶, porque este tem folhas redondas e espessas; os nossos são mais amarelados nas beiras [das folhas] e [estas são] um pouco entalhadas ou crespas; não são grandes; que recobrem densamente o caule, como se tivesse revestido de escamas; crescem em altura para cima; as folhas de cada ramo caem de modo que as hastes, pés ou raminhos ficam nus, sendo uma erva ou arbusto com muitos raminhos; tem às vezes até vinte hastes ou ramos, cresce em largura, tem uma[s] flor[es] na umbela, que é [são] de cor térrea ou amarelada pálida e não é [são] muito grande[s]; bastante numerosas em cada umbela, quase como a leiteira grande que cresce debaixo das fontes; tem às vezes 6, 7 ou 8 umbelas numa haste comprida. O nome da nossa *Barba Jouis*³³⁷ que não se encontra n[est]a terra, não se compatibiliza com esta erva mais do que o nosso *Sedo* ou “Haußwurtz”. Tratando-se de países diferentes, é necessário distinguir muitas ervas dum país das do outro.

Todas as *species* ou espécies da erva *Sedi* que crescem na *Lusitania* são idênticas em qualidade e atividade no que diz respeito aos nossos corpos e aos delas. Mas quanto à forma ou figura e aparência há uma diferença.³³⁸

*Sedum medium*³³⁹ é a espécie [de tamanho] média[o] dos *Sedi*; é parecida com as *Crassulæ*³⁴⁰, mas muito maior, tendo folhas grossas e redondas; é muito ramificada, tem muitas umbelas, tem muitos raminhos, tem flores de cor térrea como o lodo ou o *Lutum* está na umbela; cresce em montes arenosos ao pé dos rosmarinhos; chamam-lhes *pinhões de telhado*.

*Sedum minus*³⁴¹. É idêntica à erva pequena chamada *Sedum*, mas muito mais pequena; cresce nos muros e telhados à volta da erva *Draba*³⁴² e *Vmbilicum Venen*³⁴³.

Não temos nenhuma destas três espécies [de *sedum*] na Alemanha e inversamente eles também não têm nenhuma das nossas.

³³⁴ O nome alemão vernacular “Hauswurz” refere-se ao *Sempervivum tectorum*, dum género diferente do *Sedum*, pelo que não faz sentido figurar no título duma secção que trata exclusivamente de espécies do género *Sedum*. Para o *Sempervivum tectorum* não se conhece um nome vernacular português, mais uma razão para não traduzir “Hauswurtz”.

³³⁵ Deve corresponder à recolha oral duma palavra portuguesa, possivelmente saião (ensião) semperviva-maior.

³³⁶ O “nosso” deve referir-se ao *Sempervivum tectorum*, portanto a uma espécie diferente.

³³⁷ Ou *Barba Jovis*, barba de Júpiter. Pode referir-se à *Anthyllis barba-jovis* ou *Anthyllis vulneraria*.

Estranha-se que o autor se refira como “a nossa”, uma vez que se trata duma espécie da flora mediterrânica e que portanto não se devia sequer conhecer na Alemanha.

³³⁸ Parece que com isso queria dizer que apesar da morfologia das ervas serem diferentes. elas agem sobre o corpo humano de forma idêntica.

³³⁹ Pode-se presumir que se esteja a referir ao arroz-dos-telhados, [o mesmo que] pinhões-de-rato, *Sedum album*.

³⁴⁰ *Crassula* é um género de plantas suculentas. *Crassula tillaea* é endémica tanto em Portugal como na Alemanha.

³⁴¹ Arroz-dos-muros *Sedum brevifolium*.

³⁴² Erva-draba, *Cardaria draba*.

³⁴³ Umbigo-de-vénus, *Umbilicus rupestris*.

Nota

Deve-se prestar boa atenção se as espécies *Sedi* resistem à peçonha do titímallo ou da maleiteira³⁴⁴.

Do mesmo modo penso que também não têm o nosso titímallo ou maleiteira e inversamente nós também não temos os deles.

Thitymallus Titímallo³⁴⁵

O *Thitymallus* [chega a] fica[r] tão grande como se fosse uma árvore, o maior [que] vi no país tinha a altura que uma pessoa pode atingir³⁴⁶; tem folhas como uma oliveira, mais escuras, estreitas e compridas, com muitos ramos; é muito parecido com o nosso que cresce ao pé de pântanos³⁴⁷ quase como uma árvore, mesmo assim não atinge a mesma altura que o nosso; tem hastes secas: Além disso na *Lusitania* tem flores diferentes, porque tem uma umbela de cor púrpura com muitas flores cor de púrpura, que ainda assim são um pouco escuras; cresce nos montes e também nos vales; tem tanto leite que, quando se corta ao meio fica a pingar durante várias horas, superando assim a nossa espécie; cresce perto da arruda e *Bulbo uomitorio*³⁴⁸ e ao pé da *hastula regia*³⁴⁹ ou barbasco.

Thitymallus alter; a outra espécie dos *Thitymuli* ou titímallos cresce [nos escombros] onde caíram casas velhas; em Janeiro aparecem umas florzinhas pequenas nas pontas, que por dentro têm fibrazinhas amarelas. Mas é um frútice pequeno e só tem um [única] haste.

*Geranium*³⁵⁰, agulheira ou bico-de-pomba tem folhas largas, quase igual ao *Cardo benedic[tum]*³⁵¹; tem flores pequenas; floração no inverno.

*Coubra*³⁵² é a maior de todas as serpentes e compete com a *murena*³⁵³; vive dentro e fora de água; salta [sic] enormemente, corre mais depressa que um cavalo, tem 3, 4 ou quase 5 côvados [sic] de espessura, tal como chega ser o pé dum homem na barriga da perna; tem escamas de cor azul-celeste; quando salta ou dança [sic] assobia; sobe árvores e come as crias das aves; chupa os odres das vacas. Diz-se que não faz mal aos humanos ou animais através da mordedura, mas que envolvendo e enrolando um braço ou uma perna parte um membro; é tão poderoso ou forte [como isso]. Não temos nada disto connosco [na nossa terra].

Na *Lusitania* ou *Portegal*[sic] chamam *scorpiones* às serpentes pequenas que não são mais compridas que uma mão esticada; são muito estreitas; diz-se que são cegas; acham que são aquelas que se chamam *sepes*[sic]. A sua mordedura é mais peçonhenta do que a das víboras, e quer dizer que não pode ser curada.

³⁴⁴ O original alemão refere-se a “Wolfsmilch” nome alemão do género que hoje se designa por eufórbia.

³⁴⁵ Nome latino medieval para o género eufórbia.

³⁴⁶ O autor parece estar a referir-se a uma espécie arborescente de eufórbia, difícil de identificar a partir do texto.

³⁴⁷ *Euphorbia palustris*(?),

³⁴⁸ *Bulbus vomitorius*, *Hyacinthus muscaris* nomes antigos duma planta do género *Muscari* cujos bolbos têm efeitos eméticos.

³⁴⁹ Barbasco, *Verbascum*.

³⁵⁰ Bico-de-pomba, *Geranium columbinum*.

³⁵¹ Cardo-bendito, cardo-santo, *Cnicus benedictus*, *Centaurea benedicta*.

³⁵² Do latim *colubra*. Provavelmente uma espécie de pitão importada de África, Ásia ou América.

³⁵³ Moreia.

Scorpiones propriamente ditos de certeza que não têm.

Diz-se que a serpente, quando pica ou morde, faz ou junta uma saliva que cospe no plano; é como pus e mata as pessoas. Dizem que quando pica uma árvore, toda ela se ca, perdendo as folhas, e se alguém provar uma das folhas, também morre. Usam um remédio experimentado para se defenderem das víboras que é de comer alho em jejum e de friccionar ou besuntar com o mesmo os pés e as botas para ao sentirem o cheiro fugirem; depois, com o suco ou o consumo do alho curam a mordedura ou ferida. Pica de manhã, à tarde e ao por do sol. Quando pica de manhã, considera-se que não há salvação e que mata a pessoa logo na mesma hora, uma vez que ainda não comeu nada. Diz-se que não tem cauda, que sobe as árvores e que está salpicada de diversas cores.

Herba pini é uma erva como dos pinheiros, tem folhas compridas e não tão espessas e parecem brancas, e tem uma haste avermelhada sem ramos. A raiz em cima é oca. Toda a ervazinha é dura ao tacto e é idêntica à *Linariæ*³⁵⁴ muito pequena.

*Cibolla alba hortensis*³⁵⁵. As cebolas brancas que se plantam nos jardins tem muitas folhas de lírio, uma raiz branca como têm os lírios, tem uma flor branca pequena numa haste.

Cibolla agrestis. A cebola agreste ou do campo é como a cebola marítima³⁵⁶, um pouco mais comprida e tem camadas ou películas vermelhas como as cebolas, e as películas são redondas ou abauladas, amargas e viscosas. A flor é branca, à maneira dos *phalangij*³⁵⁷ e também quanto ao tamanho. No cimo da haste crescem para cima como os grãos numa espiga. A haste é comprida e de cor púrpura, misturada com azul celeste.

Ruta communis. A arruda comum cresce espontaneamente nos campos. Por vezes crescem e cobrem colinas inteiras. Connosco [na nossa terra] são estranhas e desconhecidas.

Ruta Leptophyllos, a arruda de folhas pequenas cresce igualmente espontânea, mas não tanto e [menos] frequentemente.

Pulegium, o poejo tem folhas duas a três vezes maiores que o nosso, e não são recortadas mas quase redondas.

Pulegium montanum, o poejo que cresce na montanha tem o mesmo cheiro que o anterior e o nosso; cresce da terra para cima com muitas hastes. Não fica deitado no chão. Tem folhas compridas e ásperas, tal como o nosso. Também tem uma flor destas numa haste comprida, cresce bem nas colinas junto aos espanhóis.

*Orminij*³⁵⁸ *sylvestris species*. A espécie do *Orminij* silvestre é com a sua flor idêntica ao nosso *Orminio* ou *Saluien*³⁵⁹ silvestre, embora seja mais pequena e pálida; as folhas são recortadas, tal como as folhas da *Cichory*³⁶⁰; mas não têm o mesmo cheiro, mas cheiram muito pouco; também não tem um cheiro forte.

³⁵⁴ Linária.

³⁵⁵ Cebola, *Allium cepa*.

³⁵⁶ Provavelmente cebola-albarrã, cebola-do-mar, *Urginea maritima*.

³⁵⁷ Nome latino medieval das aranhas-zebra, *Salticus scenicus*.

³⁵⁸ Nome latino medieval do género *Salvia*.

³⁵⁹ Salva, espécie do género *Salvia*.

³⁶⁰ Chicória, *Cichorium intybus*.

*Hastula regia*³⁶¹, o barbasco cresce or toda a parte nos campos, tal como o *Gladiolum*³⁶² ou espadana³⁶³ que é descrita por *Dioscorides*.

Asparagus communis.³⁶⁴ O *Asparagus* comum ou espargo é um raminho ou uma hastezinha; não tem folhas, tendo em lugar destas muitos picos ou espinhos; tem baguinhas pretas, com algo duro no interior, mas tem-nas no outono e inverno.

*Asparagus sylvestris*³⁶⁵. O *Asparagus* silvestre ou espargo é idêntico ao anterior; tem espinhos curvados; do mesmo pé nascem às vezes três ou quatro; cresce nas montanhas.

Asparagi species. Uma *Species* ou espécie dos *Asparagi*³⁶⁶. Tem uma haste comprida e larga, muitos ramos brancos, com poucos espinhos, picos brancos; à volta dos espinhos estão folhas como as do funcho; de cada haste saiem muitas outras, tem bagas pretas; e dizem muitos que esta espécie é a certa e verdadeira do *Asparagus*; as outras duas seriam espécies silvestres.

*Erica Lusitanica*³⁶⁷ tem folhas como ciprestes.

*Beta Sylvestris*³⁶⁸. A acelga-brava tem folhas tal como as outras acelgas, onde tem umas cabecinhas de cor castanha com quatro furinhos, formadas maravilhosamente como se fossem animaizinhos; cresce [em sítios] onde se estão caídas várias coisas de construções velhas.

A outra *Beta*³⁶⁹ não é concordante [com esta] porque tem por baixo três furinhos.

*Lappatum Latum*³⁷⁰. O *Lappatum* largo é idêntica ao *bono Henrico* ou Henrique preguiçoso³⁷¹ mas tem folhas mais pequenas, subtis e amarelas, e não são tão agudas junto à haste.

*Acetosam*³⁷². Também têm uma outra espécie destas ervas, estas têm folhas mais largas e que são um bocado redondas.

*Irio*³⁷³ é uma erva idêntica à nossa mostarda, exatamente como a descreve *Dioscorides*; tem rebentos muito compridos que na ponta têm uma flor amarela e sementes negras numas vagens um pouco longas ou noutras semelhantes.

*Draba*³⁷⁴ é uma erva idêntica ao nosso *Nasturium*³⁷⁵ tanto quanto às folhas e vigor como à virtude; não cresce tão alta mas [antes] estende-se largamente; tem vagens largas e redondas

*Acantus*³⁷⁶ é uma espécie espinhosa³⁷⁷; tem ramos compridos e uma haste larga, e nos ramos tem folhas espinhosas que têm uma cor azulada; tem numa só haste uma flor muito grande, numa haste tem uma flor grande.

³⁶¹ Barbasco, *Verbascum*.

³⁶² Género *Gladiolus*.

³⁶³ Espadana ou gladiolo, *Gladiolus communis*.

³⁶⁴ Espargo, espécie do género *Asparagus*.

³⁶⁵ Outra espécie do género *Asparagus*.

³⁶⁶ *Asparagus albus*(?)

³⁶⁷ Queiroga, *Erica lusitanica* ou Urze-branca, *Erica arborea*?

³⁶⁸ Acelga-brava, *Beta marítima*(?).

³⁶⁹ *Beta macrocarpa*(?).

³⁷⁰ Labaça, labaça-de-folha-larga, *Rumex obtusifolius*.

³⁷¹ Ansrinha-bom-Henrique, *Chenopodium bonus-henricus*.

³⁷² Azeda, *Rumex acetosa*.

³⁷³ Erva-dos-cantores(?), *Sisymbrium irio* (?), rinchão(?) *Sisymbrium officinale*(?).

³⁷⁴ *Draba muralis*.

³⁷⁵ Agrião(?), *Rorippa*(?) *nasturtium*, *Nasturtium officinale*(?).

Branca ursina.³⁷⁸ A branca-ursina é espinho[sic]; cresce nos campos, tem uma espiga e fica com as folhas escuras. Põe-se na forragem dos bois para várias maleitas que aparecem quando aparecem. Na Lusitânia tem o nome *Herba Gigantea* por ter folhas muito grandes.

Χαμαγτρηβολος, alcachofra³⁷⁹

Χαμαγτρηβολος é uma erva muito pequena; não cresce mais que a altura dum dedo, e é seca ou não se conserva verde durante todo o ano; encontra-se muitas vezes em taludes; dá frutos idênticos aos do cardo aquático³⁸⁰, o que me levou a dar-lhe aquele nome. Tem três cornos curvados para trás que são muito rijos e espinhosos ou cortantes; a erva toda é castanha.

A outra tem três espigas.

A terceira só tem duas espigas.

Luinaria.³⁸¹ É uma erva com três quartos de comprimento[sic]; tem duas ou três hastezinhas que têm casulos ou vagens, que dentro têm muitas sementes que são boas para [tratar] os cálculos. Crescem nos campos no meio do trigo. Tomam-se com vinho branco.

*Cynoglossa*³⁸² *cerulea*. A língua-de-cão azul celeste tem folhas mais subtis e mais ásperas que a da nossa espécie, e as folhas são brancas, mas as flores, antes de se abrirem são vermelhas.

Cynoglossa minor. A língua-de-cão menor tem flores brancas e folhas pequenas tal como a menta crespa³⁸³ ou brava³⁸⁴.

*Iris illyrica*³⁸⁵ cresce bem nas montanhas.

Buglossa ³⁸⁶ *communis*. A língua-de-vaca comum é semelhante ao nosso *Echio* ³⁸⁷ ou madressilva[sic]³⁸⁸, mas a flores são um pouco mais escuras e quase negras.

Uma flor amarela, grande e comprida, como um sino comprido; na beira à volta tem recortes fundos.

A outra flor é como a nossa "Ganngel"³⁸⁹ brava ou *Cyperus*³⁹⁰ ou as flores de "Kirssen"³⁹¹. Tem flores como o nosso *Lilium conuallium*³⁹², mas com folhas menos compridas. De ambas as flores fazem coroas em Janeiro, que usam no dias de festa.

³⁷⁶ Acanto, *Acanthus*.

³⁷⁷ Melafólio, erva-gigante, *Acanthus spinosa*.

³⁷⁸ Branca-ursina, erva-gigante, *Acanthus mollis*.

³⁷⁹ "Erdtdistel" no original alemão. Alcachofra-brava, *Cynara humilis*.

³⁸⁰ Cardo-palustre(?), *Carduus palustris*(?) *Cirsium palustre*(?).

³⁸¹ Género *Linaria* de que existem numerosas espécies endémicas em Portugal, algumas das quais têm o nome popular de "esporas"..

³⁸² Língua-de-cão, *Cynoglossum coeruleum*.

³⁸³ No original alemão "krause Müntz". Hortelã-verde(?), hortelã comum(?), *Mentha spicata*(?).

³⁸⁴ Hortelã-brava, *Mentha suaveolens*(?) ou *longifolia*(?).

³⁸⁵ Lírio, *Iris illyrica*(?).

³⁸⁶ Língua-de-vaca, buglossa, *Anchusa officinalis*(?). *arvensis*(?).

³⁸⁷ Género *Echium*.

³⁸⁸ No original alemão, com a ortografia atualizada, "je länger je lieber", um dos nomes comuns da madressilva, do género *Lonicera*, não pertencendo ao género *Echium*.

³⁸⁹ Nome que não foi possível traduzir.

*Rubra tinctorum*³⁹³ é idêntica à nossa *Anchusa*.

*Mater silua*³⁹⁴ *Lusitanis*. A erva assim chamada na *Lusitania* tem folhas grandes como as de uma tramazeira³⁹⁵ [?], e são escuras, e tem baguinhas vermelhas. Tem uma haste bonita como o *Lilium conuallium*.

*Capillus Veneris*³⁹⁶ tem folhas quase como a salsa, um pouco mais claras e subtis; é um erva leve; cresce nas fragas ou rochas. É uma *Species Lenticulati andiantlij*.

*Salsaperilla*³⁹⁷ tem uma raiz completamente idêntica à do *Ruscum* ou gilbardeira³⁹⁸; cresce muito em *Castella*. Usa-se para [tratar de] edemas.

*Anchusa*³⁹⁹ tem flores vermelhas; esta *Anchusa* não corresponde à nossa; tem folhas mais subtis e mais pequenas [que] são mais compridas e ásperas; tem uma flor pequena, comprida e vermelha.

*Anchusa cerulea*⁴⁰⁰. A *Anchusa* azul-celeste é igual a esta, e tem uma flor azul-celeste..

*Herba nitri*⁴⁰¹, alfavaca-de-cobra cresce abundantemente em *Castella*; usa-se para [a cinza para limpar] os vidros quando houver.

Uma erva idêntica à nossa genciana, tem folhas como as nossas *Calthæ* ou calêndulas⁴⁰²; em cima são um pouco mais agudas; tem flores como a nossa *Consolida* e as mesmas têm estrias brancas largas a atravessar a cor violeta, que no entanto parece mais vermelha; algumas das folhas têm picos agudos em quase toda a superfície.

Hiosciamus albus.⁴⁰³ O meimendro-branco tem folhas pequenas, brancas e macias e não são tã recortadas, mas quase inteiras e sãs; a flor é amarela-pálida, mas as sementes são brancas.

Lirium est lilium cerulium.⁴⁰⁴ A palavra *Lirium* para eles significa os lírios azuis-celestes; são muito mais bonitas e grandes que os nossos. A sua cor não pode ser alterada, e é tão leve e clara como se tivesse corada de escarlata. Florescem no *Januario* e *Februario*.

A outra é idêntica a esta, mas a sua flor é mais amarela-pálida, no meio, no umbigo a cor é quase vermelho ou púrpura escura; cresce nos muros e onde estão caídos materiais de casas velhas.

³⁹⁰ *Cyperus* é o nome dum género a que pertencem várias espécies que são designadas pelo nome comum português de junço.

³⁹¹ Nome que não foi possível traduzir.

³⁹² Lírio-do-vale, *Convallaria majalis*.

³⁹³ Ruiva-dos tintureiros, *Rubia tinctorium*.

³⁹⁴ Madressilva, *Lonicera*.

³⁹⁵ Tramazeira, *Sorbus aucuparia*. No caso de se confirmar a hipótese que o autor com "Beerbaum" se queria referir a "Vogelbeerbaum".

³⁹⁶ Avenca, *Adiantum capillus-veneris*.

³⁹⁷ Salsaparrilha, *Smilax aspera*.

³⁹⁸ Gilbardeira, *Ruscus aculeatus*.

³⁹⁹ Língua-de-vaca, buglossa, *Anchusa undulata*(?) .

⁴⁰⁰ Língua-de-vaca, buglossa, *Anchusa azurea*.

⁴⁰¹ Alfavaca-de-cobra, *Parietaria*.

⁴⁰² Calêndula, margarida, *Calendula officinalis*.

⁴⁰³ Meimendro-branco, *Hyoscyamus albus*.

⁴⁰⁴ Lírio

*Herba conte*⁴⁰⁵ é uma erva; tem folhas como o *Elleborus* erva-besteira⁴⁰⁶; a cor é branca, com uns veiozinhos como no *Platanus*, zimbreiro⁴⁰⁷; por vezes até cresce até à mesma altura; as flores têm uma cor dourada; traz os frutos nuns casulos triangulares; e tem muitos destes frutinhas; e os mesmos são redondos como pequenas ervilhas; são pretos, por dentro brancos; em baixo têm um furinho. Fazem com elas *Contas* que chamam segundo a ordem no *Pater noster*, segundo o qual rezam as mulheres. Plantam-na nos montes.⁴⁰⁸

Platanus, “Wacholderbaum”⁴⁰⁹

Platanus tem folhas idênticas ao *Petasitus*⁴¹⁰, são lisas; da raiz saiem hastes compridas nos quais crescem folhas muito grandes conforme a maneira e modo das figueiras na *India*; têm tal cor e também tais veios; tem raízes grandes e usa-se contra a febre da peste maligna. Chamar-se-á mais uma erva do que um árvore ou arbusto, além de ser perene e não morrer durante o inverno; e as folhas encostam-se tal como as das palmeiras, de modo que também se consegue ver [???] no tronco e vai crescendo como uma árvore.

*Ficus indica*⁴¹¹, a figueira na *India* e a erva *Conta* e *Platanus* ou o zimbreiro têm a cor idêntica e os veiozinhos nas folhas, veiozinhos estes que atravessam as mesmas; são louvadas por causa das suas cores verdes extraordinariamente mimosas nas quais existe um extraordinária subtiliza.

Draco

*Draconem*⁴¹² é como chamam na *Lusitania* a uma palmeira cujas folhas nascem da raiz do tronco; [estas] não são muito compridas, tal como os *Iridi* ou lírios azuis. Mas é uma palmeira. Diz-se que da casca ou cortex conseguem coligir um suco ou goma a que chamam sangue *Draconis*, porque quando se fere a casca, o suco sai como se fosse sangue. A partir da madeira as mulheres na *India* fazem os vasos que usam para lavar; é oco como uma pantufa e tem uma casca lisa ou simples. É mais grossa que as outras palmeiras e menos esbelta[?].

Palma, Palmeira

Lisbonæ. Em *Lisbona* nos jardins do convento de São João⁴¹³ ao pé do rio *Tago* há duas figueiras que dão fruta; as suas flores nascem a meio do tronco segundo a maneira e a forma como são as umbelas. Mas as flores são amarelas-pálidas e são muitas. Diz-se que em cem anos nunca dão frutos

⁴⁰⁵ Espécie difícil de identificar.

⁴⁰⁶ Erva-besteira, *Helleborus*.

⁴⁰⁷ Zimbreiro, *Juniperus*.

⁴⁰⁸ Deste texto bastante confuso consegue-se depreender com alguma imaginação que o autor pretende relatar que os frutinhos ou sementes da planta a que chama *Herba conte* eram usados como contas para confeccionar rosários.

⁴⁰⁹ O nome alemão “Wacholder” significa zimbreiro, o que neste contexto não se compreende, pelo que se prefere não traduzir. Não é claro a que planta este parágrafo se refere.

⁴¹⁰ Erva-de-São-Quirino, Género *Petasites*, *Petasites fragrans*(?).

⁴¹¹ Figueira da Índia(?) *Ficus Indica* ou Figueira-de-Bengala (?), árvore-da-gralha (em português de Goa) *Ficus benghalensis* (?).

⁴¹² Dragoeiro, *Dracaena draco*.

⁴¹³ No original alemão "S. Johannis Kloster bey dem Fluß Tago". Certamente uma confusão com o nome do mosteiro dos Jerónimos.

uma vez. Os habitantes dali fazem muitas coisas a partir das palmeiras como sejam naus, velas dos navios, bolsas de dinheiro, vestes dos marinheiros, etc. A partir do suco fazem vinho muito forte, vinagre e óleo; [quanto] aos frutos, comem-nos⁴¹⁴.

*Scrophularia*⁴¹⁵ *maior*⁴¹⁶

É uma erva que tem leite e que tem uma raiz idêntica à da oliveira, e que cresce longe de onde está a sua verdadeira raiz, o que faz com que muitas vezes engane os que cavam, porque tem raízes pequenas que se estendem longe dentro da terra como uma ervinha; no final da raiz há um botão grosso como uma bolota que é branco e [está] cheio de leite e que é um pouco amargo. Às vezes a raiz é larga. A aparência da erva é como a da erva *Satirion*⁴¹⁷; tem folhas muito subtis e longas, em baixo, junto ao tronco são mais estreitas e têm [um] suco branco. São idênticas às folhas da oliveira. A flor será talvez amarela; tem raminhos para se enrolarem e lhe ajudarem a elevar-se, e os mesmos serão vermelhos.

Faz bem aos *Scrophulis* ou porcos aqueles a que chamam na *Lusitania Scrophulas*.

*Minor scrophularia*⁴¹⁸. A espécie menor da *Scrophularia*, a que alguns chamam *min[o]rem*⁴¹⁹ *chelidonium*⁴²⁰, a erva-das-andorinhas-menor ou erva-das- verrugas ou também graciola⁴²¹; porque começam entre elas a serem as primeiras a florescerem em *September* ou lua de Outono. Mas é uma *Species* ou espécie de *Ranunculi*⁴²² ou pé-de-galinha⁴²³; estende as suas folhas sobre a terra, tal como a erva *plantago* ou erva-da-lua, de tal forma que eu próprio já fui enganado várias vezes, agarrando-se as folhas de tal maneira ao chão como se estivessem coladas. Cresce nos muros e em locais pedregosos, às vezes também em pequenos montes de areia; as folhas são recortadas todas à volta; os seus veiozinhos não são muito diferentes aos da erva-da-lua; tem flores amarelas tal como as flores do *Ranunculu[s]* ou pé-de-galo⁴²⁴; as cabecinhas dos mesmos também são assim. Também tem muitas raízes pequenas, sendo cada uma como um prego, com uma cabeça como um mamilo. Floresce quando o *December* ou mês do Natal estiver quase terminado. A haste não tem mais altura que um dedo.

Existem múltiplas espécies de palmeira inclusivamente na terra dos mouros que dão *Carouschos*⁴²⁵, que são um fruto quase idêntico aos que são trazidos para *Lisbonae* que aí são vendidos e comidos; são muito brancos e claros; por for têm uma casca negra ou castanha-escura, debaixo da qual deve estar [sic] a carne que é comida, tal como é [o caso] nos *Thamarindis*. Mas é preciso [ha]ver duas

⁴¹⁴ Pela descrição trata-se de coqueiros. Designá-los por figueiras é obviamente uma confusão do autor.

⁴¹⁵ Género escrofulária, *Scrophularia*.

⁴¹⁶ Escrofulária. Espécie do género *Scrophularia*.

⁴¹⁷ Satirião-menor, orquídea-piramidal, *Anacamptis pyramidalis*.

⁴¹⁸ Escrofulária-menor(?), *Scrophularia canina*(?).

⁴¹⁹ Não devia ter escrito *maiolem*?

⁴²⁰ Erva-andorinha, (no original alemão “Klein Schwalben Kraut”) erva-das-verrugas, *Chelidonium majus*.

⁴²¹ Graciola-das-boticas, cinifólio, erva-do-pobre, *Gratiola officinalis*.

⁴²² Ranúnculos.

⁴²³ Tradução à letra do nome alemão “Hühnerfuß”, um nome comum alemão dos ranúnculos.. Note-se no entanto que em português o nome pé-de-galinha designa uma planta completamente diferente a *Eleusine indica*, que nada tem a ver com os ranúnculos.

⁴²⁴ Pé-de-galo é a tradução à letra do nome alemão Hahnenfuß, mas o autor obviamente não queria referir-se ao lúpulo, *Humulus lupulus*, mas apenas estava a usar um sinónimo arcaico de ranúnculos.

⁴²⁵ Embora o parágrafo seja bastante confuso, parece que se refere novamente à árvore do coqueiro *Cocos nucifera*.

palmeiras ao mesmo tempo, pois se não se fizer isso, afirma-se que não ficam bem e também não dão frutos, tal como acontece com os loureiros.

Da terra dos mouros trazem para *Lis[bo]na* e aí são vendidos, sendo a comida dos *Nigritarum* ou mouros negros.

*Ruscus*⁴²⁶. A gilbardeira tem folhas como as das murtas⁴²⁷ francesas ou [também?] mirtilos⁴²⁸; cresce nos montes. Segundo as descrições de *Dioscorides*, usam-se para fazer vassouras. Tem baguinhas vermelhas; há quem coma os raminhos.

Ruscus alter. A outra espécie da erva *Ruscus* tem folhas mais estreitas e não tão redondas, e são mais rijas e mais verdes, tem espinhos amarelos mais rijos, que estão um pouco nas folhas, no meio da folha, onde é direita, aí tem uma haste *sicut Laurus Alaxa[n]drinus*, como loureiro alexandrino, que a outra espécie não tem. As folhas estão em ambas invertidas, de maneira a que a parte inferior fica virada para cima.

*Parietaria*⁴²⁹. Alfavaca-de-cobra também é estranha e desconhecida entre nós; aquicresce durante todod o ano densa e abundantemente sobre os muros.

*Urtica mortua*⁴³⁰. Urtiga-morta.

Jasmin

É um arbusto comprido[sic] que tem ramos compridos estreitos como as vinhas; as folhas são como as dos feijões pequenos; tem uma flor branca pequena e perfumada; mas não dá fruto; cresce em geral nos jardins.

*Umbilicus Veneris*⁴³¹. A mesma erva quanto à flor é muito parecida com a nossa embora a flor e a haste tenha mais de três quartos de altura, da qual pendem numa fila bem alinhada sinozinhos ou campainhas. Cresce nos muros e nas paredes. Permanece verde durante todo o ano.

*Mercurialis mas*⁴³² é o nome da urtiga-morta.

Mercurialis foemina. Esta erva e a anterior ou a espécie chamada *mercurialis mas*, crescem as duas juntas. Tomam-nas, com a comida no mês *Mertz* quando as folhas se tornam amarelas, em azeite maleabilizam o corpo.

*Jame*⁴³³ *rubra* é uma raiz muito grande segundo o modo e a figura da *Brion*⁴³⁴, tal como uma cenoura comprida, com a forma dum cone; por fora é preta, por dentro vermelha, castanha-de-Brasil. Coze-se e depois come-se (embora tmbém se coma crua) e sabe a castanha-de-água cozida. Da terra dos mouros trazem as mesmas raízes bem para Lisboa e aí são vendidas tanto cruas como cozidas. A maioria do povo da ilha de São Tomé não conhecem o pão e só comem esta raiz.

⁴²⁶ Gilbardeira ou falso azevinho, *Ruscus aculeatus*.

⁴²⁷ Murta, *Myrtus communis*.

⁴²⁸ Arando, uva-do-monte, *Vaccinium myrtillus*.

⁴²⁹ Alfavaca-de-cobra, *Parietaria judaica*.

⁴³⁰ Urtiga-morta, mercurial, planta do género *Mercurialis*.

⁴³¹ Cachilro, umbigo-de-vénus, *Umbilicus rupestris*.

⁴³² Urtiga-morta, mercurial, planta do género *Mercurialis*.

⁴³³ Inhame (?), planta do género *Dioscorea*.

⁴³⁴ Briónia (?), *Bryonia dioica*.

*Species Cynoglossæ*⁴³⁵. Uma espécie ou género da erva *Cynoglossæ* ou língua-de-cão; tem flores castanho-escuras nos botões ou vagens, que só raramente se abrem, mas que em geral ficam fechadas. O umbigozinho de onde estão as flores e as folhas são ásperas; são parecidas com o nosso *Agerato*⁴³⁶ ou as aquileias vermelhas; esta espécie é a que cheira pior e muito pior ainda que a nossa; tem folhas idênticas como a espécie maior em *Portugal*.

Jame alba: O inhame branco é idêntico ao inhame anterior, mas por dentro é vermelho.

*Echij*⁴³⁷ *Species*. É uma espécie ou género da erva *Echij*⁴³⁸; encontra-se nos campos ali onde são molhados ou pantanosos; tem uma flor negra, de cor demasiado purpúrea, tal como o veludo castanho-escuro e [as flores] são muito pequenas [e também] os botõezinhos ou vagens de onde saiem as flores; e as folhas são igualmente planas como nas *Buglossæ* ou línguas-de-vaca; a haste e as folhas são espinhosas; as florzinhas estão tão escondidas nas vagens que mal se vêem; floresce no inverno; cresce até à altura de quatro pés.

⁴³⁵ Língua-de-cão (?), planta do género *Cynoglossum*.

⁴³⁶ Aquileia, *Achillea ageratum*

⁴³⁷ Língua-de-boi (?), búgula, buglossa, *Ajuga reptans*.

⁴³⁸ Género *Echium*.